

FOUCAULT, ARTE E EDUCAÇÃO: ENSAIOS POSSÍVEIS

Prefácio de Rosa Maria Bueno Fischer

MANUEL ALVES DE SOUSA JUNIOR
TIAGO AMARAL SALES
(ORGANIZADORES)


EDITORA
SCHREIBEN

MANUEL ALVES DE SOUSA JUNIOR
TIAGO AMARAL SALES
(ORGANIZADORES)

**FOUCAULT,
ARTE E EDUCAÇÃO:**
ENSAIOS POSSÍVEIS



EDITORA
SCHREIBEN

2022

© Dos organizadores - 2022
Editoração e capa: Schreiben
Revisão: os autores
Revisor técnico: Manuel Alves de Sousa Junior

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)
Dr. Glen Goodman (Arizona State University)
Dr. Guido Lenz (UFRGS)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marciane Kessler (UFPEl)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente dos organizadores. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F763 Foucault, arte e educação : ensaios possíveis. / Organizadores: Manuel Alves de Sousa Junior, Tiago Amaral Sales. – Itapiranga : Schreiben, 2022.
135 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.
ISBN: 978-65-89963-60-8
DOI: 10.29327/560165

1. Educação. 2. Arte. 3. Literatura. I. Título. II. Sousa Junior, Manuel Alves de. III. Sales, Tiago Amaral.

CDU 37:7:82

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
<i>Manuel Alves de Sousa Junior</i>	
<i>Tiago Amaral Sales</i>	
AGRADECIMENTOS.....	8
PREFÁCIO.....	9
<i>Rosa Maria Bueno Fischer</i>	
PODER SOBERANO RETRATADO NA SÉRIE <i>ROUND 6</i> : REFLEXÕES ACERCA DOS CONCEITOS DE PODER, DISCIPLINA E EFEITO PANÓPTICO A PARTIR DAS LEITURAS DE MICHEL FOUCAULT.....	13
<i>Ana Karolina Flores Bibiano</i>	
‘BENDITO SEJA O FRUTO’: DIÁLOGOS FILOSÓFICOS, NECROBIOPOLÍTICOS E FOUCAULTIANOS EM ‘O CONTO DA AIA’.....	20
<i>Manuel Alves de Sousa Junior</i>	
<i>Micaela Koch Schmitt</i>	
A VIDA DOS HOMENS INFAMES: BICHO DE SETE CABEÇAS (CANTO DOS MALDITOS).....	35
<i>Angéli do Prado Casagrande</i>	
<i>Cristianne Maria Famer Rocha</i>	
TENHO MEDO TOUREIRO: DO AMOR E DA RESISTÊNCIA DE CORPOS INFAMES.....	43
<i>Larissa Scotta</i>	
“PEQUENO MANUAL DA CULTURA SURDA” PARA PENSAR A GOVERNAMENTALIDADE A PARTIR DE FOUCAULT.....	52
<i>Gabriela Sehnem Heck</i>	
VIDA ESCRITA: ATRAVESSAMENTOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E MICHAEL FOUCAULT.....	61
<i>Lolita Goldschmidt</i>	
INTERTEXTUALIDAD ENTRE “RECADO CONFIDENCIAL A LOS CHILENOS” DE ELICURA CHIHUAILAF Y “DISCURSO INAUGURAL DE LA CONVENCION CONSTITUCIONAL DE	

CHILE” DE ELISA LONCÓN BAJO LA ÓPTICA DE LA ESCRITURA DE SÍ DE MICHEL FOUCAULT.....	68
<i>Luciano Andrés Cerda Silva</i>	
MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS: ALGUMAS NOTAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL.....	77
<i>Caroline Couto</i>	
<i>Betina Hillesheim</i>	
A INFANTA E OS EXCLUÍDOS: CONVERSANDO COM FOUCAULT.....	96
<i>Dorisnei Jornada da Rosa</i>	
“O GRITO” E O FOUCAULT: PARA ALÉM DO OLHAR DA LOUCURA.....	105
<i>Micaela Koch Schmitt</i>	
DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ÀS ARTES DA EXISTÊNCIA: RESONÂNCIAS PARA OUTROS MODOS DE PRATICAR O CUIDADO EM SAÚDE.....	111
<i>Michele Neves Meneses</i>	
<i>Roberta de Pinho Silveira</i>	
<i>Cristianne Maria Famer Rocha</i>	
PALAVRAS VIOLENTAS, PALAVRAS QUE CORTAM, RACHAR AS PALAVRAS: FLERTES, ENCONTROS E DEVIRES ENTRE LEONILSON E FOUCAULT.....	123
<i>Tiago Amaral Sales</i>	
POSFÁCIO.....	132
<i>Tiago Amaral Sales</i>	
<i>Manuel Alves de Sousa Junior</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	136

APRESENTAÇÃO

A professora doutora Rosa Maria Bueno Fischer costuma dizer em suas aulas que o leitor pode ter uma relação de amor ou ódio com Foucault, que vai se alterando ao longo das leituras. Ela chega a relatar a experiência no artigo quando fala “sobre o prazer e por vezes o terno incômodo de estar na companhia de Foucault, na condição de leitora, de estudante, de professora, pesquisadora, de jornalista, de orientadora de investigações em pós-graduação.” (FISCHER, 2004, p. 216). Não é à toa que Foucault consegue despertar sentimentos tão diferentes, afinal o filósofo francês fala de amor, dor, racismo, verdade, poder, sujeito, prisão, loucura e tantas outras questões que atravessam a sua, a minha, as nossas vidas!

A ideia para este livro surgiu através dos organizadores para a publicação dos textos realizados como atividades finais da disciplina “Michel Foucault - textos escolhidos”, ministrada pela Professora Rosa Fischer, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), a nível de Mestrado e Doutorado. Nesta obra, as autoras, em 12 capítulos, buscaram promover diálogos entre os escritos de Foucault, a arte e a educação, relatando percursos envolvendo séries, filmes, documentários, literaturas, pinturas, entre outras formas artísticas.

No primeiro capítulo, **Ana Karolina Flores Bibiano** em seu estudo intitulado “**Poder soberano retratado na série *Round 6*: reflexões acerca dos conceitos de poder, disciplina e efeito panóptico a partir das leituras de Michel Foucault**”, traz um diálogo entre a série Sul-Coreana *Round 6*, sucesso absoluto em dezenas de países e alguns dos conceitos mais estudados de Foucault.

Manuel Alves de Sousa Junior e **Micaela Koch Schmitt** trazem no segundo capítulo chamado “**‘Bendito seja o fruto’: diálogos filosóficos, necrobiopolíticos e foucaultianos em ‘o conto da aia’**” importantes reflexões a partir da série distópica inspirada no romance de Margaret Atwood conhecida mundialmente.

O terceiro capítulo, de autoria de **Angéli do Prado Casagrande** e

Cristianne Maria Famer Rocha, trazem uma pesquisa intitulada “**A vida dos homens infames: bicho de sete cabeças (canto dos malditos)**”, que faz um diálogo entre um texto foucaultiano com um filme brasileiro, ambos com os nomes do título do capítulo.

No quarto capítulo, **Larissa Scotta** revela a pesquisa intitulada “**Tenho medo toureiro: do amor e da resistência de corpos infames**”, em que estabelece um diálogo entre um longa-metragem chileno e diversos conceitos desenvolvidos por Michel Foucault.

Caminhando para o quinto capítulo, **Gabriela Sehnem Heck**, com o capítulo intitulado “**‘Pequeno manual da cultura surda’ para pensar a governamentalidade a partir de Foucault**”, faz a análise foucaultiana de uma performance em vídeo que já foi transmitido pela TV Cultura e atualmente está disponível na plataforma de vídeos YouTube.

Com o sexto capítulo, **Lolita Goldschmidt** apresenta o estudo “**Vida escrita: atravessamentos de Carolina Maria de Jesus e Michael Foucault**”, que apresenta um diálogo entre os dois pensadores a partir do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de autoria da primeira.

O sétimo capítulo, por sua vez, escrito em espanhol por **Luciano Andrés Cerda Silva** intitulado “**Intertextualidad entre ‘recado confidencial a los chilenos’ de Elicura Chihuailaf y ‘discurso inaugural de la convención constitucional de Chile’ de Elisa Loncón bajo la óptica de la escritura de sí de Michel Foucault**”, aborda o diálogo entre as visões de um escritor e uma professora mapuche, sobre o reconhecimento da plurinacionalidade no Estado-Nação chileno, atravessado pela filosofia foucaultiana.

Já o oitavo capítulo é das autoras **Caroline Couto** e **Betina Hillesheim**, com a pesquisa “**Migrações contemporâneas e estratégias biopolíticas: algumas notas a partir da literatura infantil**”, no qual operam o conceito foucaultiano de biopolítica para pensar as migrações, que tanto afligem a contemporaneidade - haja vista a Guerra da Rússia contra a Ucrânia que foi deflagrada no processo de elaboração deste livro.

O nono capítulo, de autoria de **Dorisnei Jornada da Rosa**, intitulado “**A infanta e os excluídos: conversando com Foucault**”, traz um diálogo foucaultiano com a análise dos excluídos, enquanto já naquela época do barroco, as divisões de classes e suas manifestações na realeza, mostram a pintura *As meninas*, de Velasquez, como expressão do poder da realeza já a partir da infância.

Já o décimo capítulo, com autoria de **Micaela Koch Schmitt**, apresenta um ensaio chamado “**‘O grito’ e o Foucault: para além do olhar da loucura**”, em que faz um diálogo entre a pintura *O Grito* de Edvard Munch e o filósofo francês.

No décimo primeiro capítulo, escrito por **Michele Neves Meneses, Roberta de Pinho Silveira e Cristianne Maria Famer Rocha**, chamado “**Dos exercícios espirituais às artes da existência: ressonâncias para outros modos de praticar o cuidado em saúde**”, as autoras abordam exercícios espirituais e cosmologias indígenas promovendo uma leitura foucaultiana.

O décimo segundo capítulo, de autoria de **Tiago Amaral Sales**, intitulado “**Palavras violentas, palavras que cortam, rachar as palavras: flertes, encontros e devires entre Leonilson e Foucault**”, apresenta um diálogo entre produções do artista brasileiro José Leonilson e do filósofo francês Michel Foucault, e as reverberações delas advindas.

Desejamos uma boa leitura e que os textos ajudem a refletir sobre como a arte dialogada com Foucault pode contribuir para um melhor entendimento do mundo contemporâneo e da educação, sob diversos aspectos.

Manuel Alves de Sousa Junior

Biólogo, Historiador, Doutorando em Educação pela Universidade de Santa Cruz, MBA em História da Arte, Professor do IFBA campus Lauro de Freitas. Bolsista PROSUC/CAPES.

Tiago Amaral Sales

Biólogo, Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduando em Pedagogia, especialista em Pedagogia Universitária. Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES.

Referência

FISCHER, Rosa Maria Bueno. NA COMPANHIA DE FOUCAULT: multiplicar acontecimentos. **Educação e Realidade**. v. 29, n. 1, 2004, p. 215 - 227.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente à professora doutora Rosa Maria Bueno Fischer pelas inspirações em suas aulas, nos encorajando a caminhar mais próximos de Michel Foucault, com olhares atentos, questionadores, pensadores e mobilizadores, desviando das polêmicas e investindo nas problematizações. Agradecemos à turma da disciplina *Michel Foucault - Textos Escolhidos*, ministrada pela professora Rosa Fischer no segundo semestre de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS) pela agradável convivência e pelas ricas experiências trocadas, acolhendo a ideia da publicação desta obra em conjunto. Por fim, agradecemos à Editora Schreiben por acreditar nas nossas produções e recebê-las com cuidado e atenção.

PREFÁCIO

A arte da conversação: memórias de encontros com Foucault

O ano de 2021, ainda sob a pandemia do coronavírus, certamente, foi um desafio para milhões de pessoas neste planeta. Enfrentar o vírus, com todas as limitações do distanciamento social e o temor cotidiano de adoecer, sofrer sequelas e também o horror da morte de centenas de milhares de brasileiros – toda essa dor só foi atenuada porque aqui e ali, buscamos com resiliência, espaços de contato, de trocas, num exercício genuíno de empatia e solidariedade, apesar de tudo.

Quando pensei em oferecer um seminário com alguns belos textos de Michel Foucault, lidos pelo caminho das artes visuais, da literatura e do cinema, a ideia foi exatamente esta: fazer-nos dignos de uma herança, aquela deixada por Michel Foucault. Como? Alimentando-nos de suas preciosas elaborações, num diálogo com nada menos que Clarice Lispector, Chico Buarque, Maria Bethânia, Mía Couto, Magritte, Arthur Bispo do Rosário, Eduardo Coutinho, Agnès Varda, Judith Butler, dentre tantos outros artistas da imagem, da filosofia, da palavra, da música e da poesia, que habitaram cada uma de nossas aulas.

Em dez encontros, nas inesquecíveis terças à tarde, durante o primeiro semestre letivo de 2021 (que ocorreu na segunda parte do ano), via tela de nossos *tablets*, computadores ou até celulares, íamos construindo um elo, o elo de um grupo de 25 alunas e alunos, todos interessados na arte da convivência, da conversa, do pensamento, da dúvida, da alegria de “estar com”.

Foucault, mais atual do que nunca, nos permitiu posicionar-nos contra todas as formas de fascismos, e a favor de uma luta, aquela destinada a combater todas as formas de tirania, desde as mais miúdas, que atingem nossas vidas cotidianas. Percorrendo os textos do filósofo, aceitamos a convocação nietzschiana: a de pesquisar como, afinal, nos tornamos o que somos hoje. (Não vivíamos ainda a guerra na Ucrânia, a qual não há como não incluir no debate sobre o que nos faz amar o poder de formas, por vezes tão absurdas).

Vimos, a cada encontro, que a proposta foucaultiana tem a ver com

um trabalho sobre si mesmo, numa profunda e permanente elaboração ética, a qual tem a ver com escolhas por um “discurso verdadeiro”, que em nada se compara às falas enganadoras e doentes dos discursos que se consomem nos nossos tempos, em diferentes níveis (econômicos, sociais, artísticos, políticos).

Certamente, o tema da verdade se fazia presente a cada aula, tendo como mote a afirmação de Foucault, de que, sim, a verdade é deste mundo, e são tantos os mecanismos de produção e de circulação daquilo que “deve” ser acolhido e disseminado como falso, ou como verdadeiro. Um intelectual (um professor, um estudante, um escritor, tantos de nós em nossas funções específicas) precisaria, sempre, indagar-se sobre a possibilidade de construção de novas políticas de verdade para além das (verdades) que nos são dadas.

Fomos aprendendo, no decorrer do seminário, a pensar na proposta tão criativa de problematizar, de não simplesmente condenar ou excluir o outro que de nós diverge, mas buscar (quem sabe?) outros discursos, aqueles que nos ajudariam a nos tornarmos melhores e mais belos em nossas existências.

Os alunos e alunas, acionados pelos textos e pelas obras de arte sugeridas, trouxeram (e trazem, nos escritos deste livro), com elegância e entusiasmo, suas experiências cotidianas – de professoras, coordenadores pedagógicos, artistas, pesquisadores, profissionais da saúde, psicólogas –, tecendo no grupo, discussões produtoras de um pensamento livre, sempre escutando as palavras de Foucault: “o pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, construimo-lo como objeto e pensamo-lo como problema” (FOUCAULT, 2010, p. 232).

Uma das qualidades fascinantes dos textos de Foucault é a que se refere ao modo didático a partir do qual ele articula o tripé discurso-poder-sujeito. Para cada foco de suas pesquisas (a loucura, a delinquência, a sexualidade), não deixou de tratar, historicamente: a) Dos modos como se elaboraram discursos de objetificação de certas positivities e experiências; b) Das relações de poder postas em jogo, dentro de uma determinada lógica política; e c) Da constituição de modos de governo de si, de elaboração de uma ética e de uma prática de si, numa dada formação social.

A leitura dos textos, a cada aula, reforçava a ideia de que numa pesquisa importa, sobretudo, indagar os “comos”, bem mais do que os “porquês”. Como, afinal, se tornou possível, numa época e lugar, produzir certos discursos, tomados como verdadeiros? Como tais verdades se tornaram “carne” em condutas, ações e práticas? E como tudo isso implica em modos de

subjetivação, participando ativamente da constituição de sujeitos?

O grupo foi se aproximando de temas, conceitos e metodologias, em que colocávamos em questão as explicações simplistas de buscar, por exemplo, o que nossos documentos de pesquisa supostamente “queriam dizer”, as “verdades escondidas”, os olhares lineares de causa-e-efeito, a busca da essência exata da coisa. Acompanhamos um modo de trabalhar em que o foco está nas relações, as quais podemos imaginar, inclusive construir, sem descuidar do rigor do pensamento. Discutimos a relevância das descontinuidades históricas, da acolhida de cada momento dos discursos, apreendendo-os a partir da singularidade dos enunciados a que se referem.

Textos literários, imagens das artes visuais, cenas de filmes, canções – todos esses materiais foram articulados a densas discussões teóricas. Inspirados em textos como “Isto não é um cachimbo”, fazíamos companhia a Foucault nas suas elaborações, por exemplo, sobre artistas como Magritte. E íamos aprendendo que, entre palavras e coisas, entre figuras e textos, há inúmeros cruzamentos, constantes deslizamentos entre singularidades e comunidades: uma verdadeira batalha, como nos ensina o filósofo. Sobretudo, aprendíamos que as criações nos falam de experiências (dos artistas), e a partir delas nós também experimentamos (inquietações, prazeres, modos de ver o mundo, circulação de pensamento).

Que dizer dos aprendizados sobre a genealogia? Inspirado fortemente em Nietzsche, Foucault sublinha para nós a importância da singularidade dos acontecimentos, ao contrário da busca pela origem das coisas e das verdades. Importa o “corpo do devir”. Importam as meticulosidades, os acasos dos começos, as surpresas, as diferenças, as dispersões, os erros. Isso tem a ver com a valorização dos corpos, pois a história neles se inscreve. Algumas preciosas discussões marcaram nossas aulas, quando trouxemos para o debate questões sobre corpos jovens, corpos negros, corpos de mulheres, corpos de homossexuais e sujeitos transgêneros – marcados historicamente pela exclusão e pela violência, especialmente num país como o Brasil.

Nada mais foucaultiano que o olhar depositado, generosamente, sobre os excluídos, sobre os que ficam à margem, os que escapam às normas. Foucault, nesse sentido, aproxima artistas, romancistas, poetas e loucos. E, justamente com esse olhar, apreciávamos tantas obras, como as de Arthur Bispo do Rosário, problematizando a questão que o filósofo nos fez: “Por que um quadro ou uma casa são objetos de arte, e não nossas vidas?”

(FOUCAULT, 2014, p.222).

Eu poderia dizer que esta talvez tenha sido realmente a tônica do nosso seminário: pensar hoje, neste exato momento histórico, tão conturbado, como fazer de nossas vidas uma obra de arte. Os textos de Foucault, cada um com uma ênfase específica (ora na produção e circulação de verdades e discursos, ora nas diferentes formas de relações de poder, ora nas práticas de subjetivação e constituição de sujeitos – ao mesmo tempo todas elas em conexão entre si), iam apontando, a cada encontro, ideias sobre a “arte de viver”.

Nosso filósofo era genuinamente fascinado por isto: que a obra a ser feita bela não se concentraria num mero objeto, numa instituição, num texto, em algo material que fica para a posteridade. O que há de se fazer digno e bonito são nossas próprias vidas, a vida de cada um de nós, essa vida que é mortal, o que não impede que, imersa em lutas e pensamento, ela seja e se faça bela.

Como se verá, cada um dos textos produzidos pela turma, aqui publicados, atesta esse desejo de beleza.

Meus agradecimentos a cada aluna, a cada aluno, pela parceria.

Rosa Maria Bueno Fischer

Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS, docente do PPGEDU/UFRGS, Pesquisadora I-A do CNPq

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Polêmica, Política e Problematizações (1984). In: ____ **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 225-233.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: ____ **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Ditos & Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 214-237.

PODER SOBERANO RETRATADO NA SÉRIE ROUND 6: REFLEXÕES ACERCA DOS CONCEITOS DE PODER, DISCIPLINA E EFEITO PANÓPTICO A PARTIR DAS LEITURAS DE MICHEL FOUCAULT

Ana Karolina Flores Bibiano¹

INTRODUÇÃO

Compreendendo que a sociedade se encontra em uma grande e constante evolução tecnológica, onde os mais diversos espaços são alcançados pela tecnologia. Afirmando que tais inovações comumente são apresentadas para nós, enquanto sociedade, como algo que irá trazer avanços positivos para todos. Considero relevante dizer que assistir um filme ou série com a intenção de distração e divertimento já faz parte da rotina de milhares de pessoas. Tornou-se um hábito que se expandiu ainda mais devido a pandemia da Covid-19, visto que muitas pessoas precisaram alterar suas formas de viver, trocando o endereço do trabalho e da escola para o endereço domiciliar. Diante disso é importante que tenhamos em mente a opção de problematizarmos o que nos é ofertado enquanto entretenimento. Em vista disso, trago para este estudo uma breve análise da série *Round 6*, criada e dirigida por Hwang Dong-hyuk. Nessa série verifico alguns pontos importantes e que bem exemplificam diferentes conceitos de Michel Foucault, tais como Poder, Poder Soberano, Efeito Panóptico e Disciplina.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Trago para este estudo uma série que é transmitida pela *Netflix*. A empresa *Netflix* foi fundada em 1997, inicialmente trabalhava com locação de filmes e entrega de DVD's via correio, até que em 2007 ela começou a oferecer

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências – PPGEC, da Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

acesso online a filmes e séries para seus assinantes e, foi a partir de 2013 que a empresa também começou a lançar suas próprias produções. No Brasil, este acesso online a filmes e séries teve seu início no ano de 2011. Desde então, cada vez mais pessoas buscam este espaço para seu entretenimento.

A série coreana *Round 6*, criada e dirigida por Hwang Dong-hyuk, teve sua estreia na plataforma do Brasil no dia 17 de setembro de 2021, sendo vista segundo publicação do dia 12 de outubro de 2021 da Folha de São Paulo por aproximadamente 111 milhões de casas em 25 dias de sua data de estreia. Com a grande popularidade da série e sendo criticada entre os usuários da plataforma, percebi pertinência em pôr sob suspeita a crítica pública e o tema da série. Ambientada em Seul, capital da Coreia do Sul, inicialmente nos mostra uma realidade a qual muitos podem se identificar, principalmente porque a série aborda temas que são comuns ao cotidiano do público, dando ênfase aos problemas financeiros do personagem principal. Este personagem, estando com poucas alternativas para solucionar tais dívidas, acaba escolhendo caminhos inusitados, tentando encontrar soluções rápidas para sua condição. Este personagem, *Gi-Hun*, tenta por várias vezes o reparo de suas dívidas. Entretanto, acaba se submetendo a outras situações que demonstram total desespero e obsessão por dinheiro, tolerando humilhações e agressões - o que historicamente é comum no cenário econômico estruturado pelo capitalismo. Ao longo da história vemos este mesmo personagem recebendo um cartão de visita que tem a intenção de lhe convidar para um jogo. Como recompensa, o vencedor embolsará o que é tão desejado para ele - montantes imensuráveis de dinheiro.

De maneira secreta o personagem que nos conduz para a história é levado até uma ilha isolada, onde desperta em uma sala juntamente com 455 pessoas. Observando, então, que não era o único que tinha problemas financeiros e que todos os presentes estavam dispostos a se submeter ao desconhecido, que no caso seria adentrar fisicamente em seis jogos cujas regras não haviam sido explicadas. Havia uma única garantia: a palavra dos organizadores na recompensa paga em dinheiro para o vitorioso.

A série nos apresenta diferentes histórias e personagens, tendo mulheres, idosos, grandes empresários, entre outros. Mostrando para quem assiste que dívidas financeiras acontecem independente de cor, raça, gênero e classe social, e que aqueles 456 personagens estavam dispostos a jogar jogos misteriosos para tentarem pagar suas dívidas.

Quando os 456 jogadores são apresentados ao primeiro jogo, de imediato não compreendem a dimensão do que está acontecendo e alguns acabam por infringir as regras estabelecidas pelos organizadores (armados com fuzis) do jogo, sendo punidos com morte por essa infração. O primeiro jogo apresentado foi a brincadeira chamada de “batatinha frita 1,2,3”, cujo objetivo era movimentar-se livremente num espaço de tempo permitido. Caso o vigia percebesse a movimentação no tempo impróprio, ocorria a punição com pena de morte. Em síntese, muitos participantes permaneceram disciplinados, cumprindo as regras do jogo, sem sofrerem punições. Entretanto, outros participantes, ainda que sem intenção, quebravam as regras. Relaciono a vigia, a elaboração e imposição de regras, a punição e o sofrimento físico e psicológico ao que foi discutido ao longo de todo o livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, que apresenta historicamente uma transição das diferentes formas de punição, disciplinamento, tendo como alvo o corpo ou o comportamento de coletivos. Pretendo neste texto sublinhar essa visão, relacionar um artefato cultural que nos “bombardeia” com imagens, sons e sensações e vivas relações possíveis de serem feitas com os conceitos de Poder, Poder Soberano, Efeito Panóptico e Disciplina.

ADENTRANDO NOS CONCEITOS DE EFEITO PANÓPTICO, PODER E DISCIPLINA

Inicialmente, o panóptico foi desenvolvido por Jeremy Bentham com a intenção de desenvolver a penitenciária ideal, onde uma torre teria a visão para todas as celas, em cima dessa torre estaria um vigia (ou não), e essa sensação de estar sendo vigiado é o que estaria disciplinando os presidiários. Michel Foucault (1999) desenvolveu seu estudo investigando o funcionamento dessa instituição e de outras que tinham de alguma forma um projeto panóptico ativo, como as prisões, hospitais psiquiátricos e escolas. Neste caso, faz-nos entender acerca do funcionamento do poder a partir da disciplina e do efeito panóptico.

Foucault (1999) descreve o principal efeito do Panóptico na realidade prisional, onde o detento é consciente da permanente visibilidade a qual a ele é imposta, assegurando o exercício de poder sobre seu corpo, comportamento e pensamento. Refletindo a respeito do panóptico e buscando relacionar com a série *Round 6*, considero que o panóptico está presente de uma forma moderna dentro da história. O vigia que ficava em cima da torre na realidade

prisional foi substituído por câmeras que mostravam instantaneamente as imagens capturadas para outros telespectadores, que viam com divertimento aquele jogo onde a morte ²era a punição cobrada para aqueles que infringiram as regras - na ficção, uma forma de exercício de poder, vigia e disciplinamento.

Voltando à realidade que de algum modo se assemelha a esta ficção, Foucault (1999) menciona que a disciplina e seus mecanismos acabam por colocar em funcionamento um poder que se autossustenta por diferentes e particulares mecanismos. No nosso cotidiano, identificamos uma série de instituições que de alguma forma atuam a partir do controle do disciplinamento. Ou seja, a partir do exercício do poder. Escolas, as forças armadas, os institutos religiosos, atuam no disciplinamento dos corpos a partir do controle do tempo, das atividades, do comportamento, da sexualidade, entre outras questões. A partir desse controle se moldam caminhos punitivos mais ou menos brandos que docilizam e que acabam por definir quem melhor se adequa às formas de viver na atual sociedade.

A partir da ficção faz-se uma relação real entre poder e capital, onde imediatamente se verifica relações entre o poder do dinheiro³ e o controle posto sobre as pessoas, a nível comportamental e social. Isto é demonstrado na ficção quando, após encerrar o primeiro jogo, os jogadores dizem-se arrependidos, propondo a desistência pois valorizam mais sua existência no mundo do que suas relações financeiras. Entretanto, quando os personagens se deparam novamente com uma vida endividada, percebem que a necessidade pelo dinheiro é maior que a necessidade de estarem seguros com suas vidas, retornando ao jogo da morte - o que aqui nos evidencia o poder que o dinheiro tem sobre aqueles corpos e como aquele poder os envolve, dociliza e disciplina corpos.

Em 1979 Michel Foucault realiza entrevista para *Farès Sassine*. No livro *Enigma da Revolta*, é discutido pelo filósofo diferentes tópicos sobre a Revolução Iraniana, quando se fala em revolução trata-se de tensionamentos que surgem a partir de diferentes ideais contrapondo-se, por exemplo, às dominações étnicas, massacres, privilégios políticos, entre outros. Enfim, revela-se que “é uma revolta em que se arrisca a vida” (FOUCAULT, 2018, p. 70). Pareando com a série *Round 6*, por qual motivo os integrantes do jogo

2 Ceifavam vidas que não se adaptavam às regras. Analogia ao conceito de Poder Soberano, descrito por Michel Foucault (1999).

3 Faço aqui relação ao poder soberano.

arriscam suas vidas? Há nisso a ideia de revolta ou a entrega de suas vidas para o Capital?

Foucault (1999) nos evidencia por exemplo que na época clássica (e não somente nela) o corpo humano foi tido como objeto de poder. Segundo ele, um corpo ao qual lhe é atribuída atenção e que se pode manipular, treinar, tornar hábil para algum fim de interesse de outrem. Para isso, diferentes formas de punição foram instituídas. Me chamou a atenção o que Foucault nomeia como sistema duplo de gratificação-sanção - o que é visível na série. Foucault salienta que numa instituição de ensino, por exemplo, o professor deverá evitar punições, tornando as gratificações mais frequentes em relação às penas.

Em resumo, todo o exercício de poder posto na série pode ser imediatamente relacionado ao poder do disciplinamento exercido pelo dispositivo de *exame*. Como em um exame escolar, onde existem técnicas da hierarquia que vigia, há também um controle que normaliza, onde se classifica, se pune, se diferencia e se sanciona. A partir dessas reflexões trago algumas questões potentes para exercitarmos nosso pensamento, refletindo o quanto estamos sendo condicionados pelos mecanismos do capitalismo, visto que as vidas são conduzidas pelo trabalho e pelo consumo, diariamente. Poderíamos, a partir dessas reflexões, indicar que há um efeito panóptico exercido pelo capitalismo, considerando questões históricas recorrentemente lançadas por Michel Foucault acerca das fábricas, das escolas, que continuamente moldam corpos úteis, por exemplo? A exemplo da série, seria possível entender o jogo posto como uma forma de repescagem, onde o vitorioso demonstrou estar apto a continuar na vida capitalista e submetido ao panoptismo e a um poder maior?

De que formas a crise financeira individual pode ser confundida como uma crise da vida, onde a exaustão de recursos financeiros é entendida como o fim dos pulsos vitais? Encaminho-me para a conclusão deste ensaio, deixando em suspenso mais dúvidas do que certezas nesse embaraço de valores que a todo momento se confundem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazendo para nossa realidade, a vigilância é tratada hoje como forma de segurança, pois a sociedade comumente solicita a vigia pela necessidade

da sensação de estar segura. Nas nossas próprias casas utilizamos câmeras que registram continuamente nossos movimentos para, a partir da denúncia, garantir algum direito sobre os demais. O poder permeia a sociedade, se esparrama pelo tecido social e atua sobre os corpos, age nas minúcias e nos detalhes, conduzindo ações, orientando condutas. No formato do entretenimento da vigia como os *reality shows* e a série *Round 6*, a cultura da vigilância não é só um atrativo como é também fundamental. Sem a vigilância não há show. A vigilância é vista como um espetáculo, como Michel Foucault nos coloca nas primeiras páginas do seu livro *Vigiar e Punir* (1999) quando inicia sua explicação sobre Poder Soberano, ao nos trazer o cerimonial da pena de morte de Damiens em 1757, mostrado para todos os cidadãos que ali estavam observando seu suplício, em forma de espetáculo.

Numa publicação do dia 21/10/2021, escrita por Ênio Vieira na Revista Bula, a série *Round 6* é apresentada a partir da sua semelhança com *reality shows*, uma vez que os participantes passam por provas em que lhes é exigida uma entrega física e psicológica. “No fundo, a série coreana é a velha luta pelo emprego em um mundo que não consegue e já desistiu de incluir bilhões de pessoas às promessas do capitalismo” (VIEIRA, 2021, p. 1). Acredito que existam brechas as quais nós possamos romper, ainda que por ínfimos momentos, dessa força que insiste em nos pôr num movimento sincronizado e que, para isso, nos violenta enquanto corpo social. Como disse Michel Foucault em seu texto “O sujeito e o Poder”, em 1982, não há relação de poder sem uma resistência, fuga ou crise. Sempre haverá nas relações de poder uma estratégia de luta que de alguma forma põe limites e possibilidades de transformação na relação – a iminente vontade de rompimento com as impostas amarras do capital.

Encerro este ensaio com a clareza que enfatizamos uma série que tem por objetivo o entretenimento do sujeito consumidor, mas que também é uma forte crítica na relação que temos com o dinheiro, a ressaltar a importância que damos às promessas do capitalismo. Esse movimento sincronizado a partir das regras do capitalismo por muitas vezes nos dominam, nos fazendo perder potencial de reflexão, de escolha, de humanidade. Somos sujeitos condicionados. Não há dúvidas que os poderes que temos sobre nós mesmos estão estreitamente ligados aos poderes do capital, que delimitam prisões as quais dificilmente percebemos que estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V. Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IX. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O Enigma da Revolta**. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. N-1 edições, 1ª edição, 2018.

VIEIRA, ENIO. **Maid e Round 6 mostram que o mundo é para poucos**. Revista Bula. <https://www.revistabula.com/44996-maid-e-round-6-mostram-que-o-mundo-e-para-poucos>. Acesso em: 01 nov. 2021.

‘BENDITO SEJA O FRUTO’: DIÁLOGOS FILOSÓFICOS, NECROBIOPOLÍTICOS E FOUCAULTIANOS EM ‘O CONTO DA AIA’

Manuel Alves de Sousa Junior¹

Micaela Koch Schmitt²

INTRODUÇÃO

A série distópica, inspirada no romance homônimo da canadense Margaret Atwood (2017), publicado pela primeira vez em 1985 e que, em muitos momentos, remete a situações vividas na contemporaneidade, retrata diversas faces de um regime autoritário e atravessado por diversos preconceitos machistas, misóginos, homofóbicos, racistas, dentre outros, além da presença constante da sombra da morte causada, muitas vezes, por pequenas falhas ou grandes atentados contra a gestão do Estado. Em nome de Deus e do Estado, além do poder máximo do homem sobre a mulher, cometem diversos atentados aos direitos humanos e ocorrem as barbáries mais vis contra as necessidades mais básicas do ser humano.

Nesse sentido, o texto traz reflexões filosóficas com base em autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Judith Butler e Achille Mbembe que nos ajudam a entender de que modo as distopias apresentadas podem ser (e são) praticadas no cotidiano em sociedades humanas contemporâneas. O objetivo do presente trabalho é dialogar teoricamente com os filósofos supracitados a partir do enredo da trama da série *The Handmaid 's Tale*, traduzida para o português brasileiro como *O Conto da Aia*.

1 Biólogo, Historiador, Doutorando em Educação pela UNISC, Professor do IFBA campus Lauro de Freitas, Bolsista CAPES/PROSUC modalidade 2. Membro do Grupo de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação e Observatório de Biopolítica. E-mail: manueljunior@ifba.edu.br.

2 Enfermeira, Especialista em Saúde Mental. Enfermeira da UFRGS e Tutora de Núcleo da Residência em Saúde Mental Coletiva da UFRGS; Mestranda em Educação, Linha de Pesquisa Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos no PPGEDU/FACED/UFRGS. E-mail: mikacolorada@yahoo.com.br.

Para isso, esse texto é dividido em 3 seções: a primeira traz um breve relato sobre a série em debate (contém *spoilers*) para entendermos o contexto e o diálogo que podemos traçar. Na segunda parte faremos um diálogo entre a obra e a biopolítica, principalmente, a partir das lentes foucaultianas. Na última, trazemos um diálogo de outros teóricos com o texto, como a estadunidense Judith Butler, o camaronês Achille Mbembe e o italiano Giorgio Agamben.

BREVE RELATO SOBRE A OBRA

A série *The Handmaid's Tale*, distribuída no Brasil pelos sistemas de *streaming Paramount Plus* e *Globo play*, já ganhou diversos prêmios mundo afora e já possui 4 temporadas disponíveis. A série e o livro que a inspirou se passam em um contexto de intensa devastação ambiental, em que as taxas de fertilidade caíram drasticamente em todo o mundo, sobretudo, por causa de fertilizantes. Em determinado momento da série, chega-se a comentar que de cada cinco nascimentos, apenas um deles tem parto bem-sucedido com criança saudável; em outro momento, uma diplomata mexicana relata que em uma grande cidade de seu país, nenhuma criança nasceu saudável nos seis últimos anos.

Os EUA entram em colapso com conflitos internos e guerras civis. A obra é narrada pela personagem Aia Offred, interpretada na série, pela atriz Elizabeth Moss. A história vai sendo desenrolada no presente com *flashes* do passado que ajudam a explicar o enredo. Sobre o ambiente no planeta a autora do livro relata em sua obra que

Houve uma época em que o ar ficou carregado demais de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas, tudo isso leva anos para pôr em ordem, e enquanto isso elas penetram em seu corpo, se acumulam nas células adiposas do corpo. Quem sabe, sua própria carne pode estar poluída, suja como uma praia onde houve um derramamento de petróleo, morte certa para os pássaros marítimos e bebês ainda por nascer. Talvez um abutre morresse se comesse você (ATWOOD, 2017, p. 137).

A história tem início quando um grande golpe é orquestrado e posto em prática contra Instituições Políticas, Bancárias e Sociais dos Estados Unidos da América (EUA), por um grupo que organiza um novo Estado soberano, a República de Gilead, de modo que 48 dos 50 estados dos EUA, chegam a sucumbir ao golpe. A capital estadunidense passa a ser Anchorage no Alaska

que, junto com o Havaí, passam a formar os Estados Unidos da América. A série também deixa claro que diversas regiões são marcadas por conflitos com rebeldes e apresentam-se como zonas em guerra, como Chicago e Flórida.

A partir daí, as mulheres têm seus direitos cassados, suas finanças bloqueadas, seus filhos e filhas arrancados de seus pais, proibidas de trabalhar e de possuir qualquer patrimônio. Famílias foram destituídas de suas casas e de suas famílias, a sociedade era dividida em castas hierarquizadas e quase todos passam a servir ao Estado. Consequentemente, também aos denominados Comandantes, como são chamados os líderes dessa república totalitária, teonômica, fundamentalista e militar, como também às suas famílias. As pessoas que foram capturadas ao tentar fugir, foram entregues ao Estado para servirem de acordo com as necessidades do novo Estado.

Gilead encontrou soluções para o problema da fertilidade que ignoram direitos humanos, como a escravização sexual-reprodutiva e o abuso sexual em suas mais diversas formas, culminando em estupros em cerimônias ritualísticas. O aumento da taxa de natalidade, comparada com outros países, servia como respaldo para as atrocidades cometidas e legitimadas pelo Estado. Sobre o golpe, Atwood (2017, p. 208) afirma

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. [...] O governo inteiro massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu? Foi então que suspenderam a Constituição.

Homens e mulheres são colocados em trabalhos conforme suas habilidades ou interesses do Estado: podem ser Guardiões ou Olhos - os guardas, a força policial, responsáveis pela Ordem; as Martas - cuja função é cuidar da casa, crianças, serviços domésticos e da família dos Comandantes; as Tias - cuja função principal é treinar, estimular a reprodução e controlar as Aias - estas, são mulheres férteis escolhidas para darem à luz aos filhos dos Comandantes (apesar de todos terem esposas, muitas tem dificuldade para engravidar ou são estéreis), geralmente colocadas na casta por causa de algum erro ou modo de vida no período pré-Gilead ou mesmo um castigo imposto.

Outras castas dessa sociedade hierarquizada seriam os motoristas, as Esposas (dos Comandantes), as Economopessoas (pessoas da maioria da população que trabalham em diversos ofícios, sobretudo para o Estado), as Pérolas (moças jovens que percorrem os países apresentando Gilead), além

da atuação de mulheres como Jezebel - mulheres que são forçadas a se prostituírem. A Sociedade, segue, segundo eles, o Antigo Testamento, por isso mesmo, se autodenominam “Filhos de Jacó” e a partir disso montaram todo um arcabouço jurídico amparado na bíblia, e segundo seus interesses e interpretações dessas passagens bíblicas.

As profissões femininas eram altamente reguladas pelo Estado, a violência contra a mulher e o machismo, em sua mais vil face, é destaque na sociedade formada em Gilead. Tudo o que se referia ao mundo feminino foi minimizado ou excluído como revistas com conteúdo, geralmente relacionado ao mundo feminino, como moda, estilo de vida saudável, etc, e indústria cosmética. As literaturas ditas do mundo feminino (revistas, livros, entre outros) foram destruídas ou então colocadas em bibliotecas ao cuidado das Tias, sendo que mesmo essas não podiam manuseá-las. Alguns Comandantes também as possuem e as utilizam para conquistar a confiança das Aias oferecendo a elas em troca de “algo mais” (aqui exemplificamos como as idas das Aias com os Comandantes para a “Casa de Jezebel”, como ocorreu com a protagonista). As meninas eram matriculadas em escolas para aprenderem a desempenhar as tarefas domésticas, ou seja, eram treinadas para servir ao marido e aos filhos, pois era essa a função da mulher no mundo gileadiano.

As mulheres eram proibidas de ler (exceto as Tias, ao exercerem funções administrativas), sob pena de perderem um dedo como castigo, além de não serem livres, aqui entendendo-se a clausura mais psicológica e não tão física, pois as mulheres - Esposas - podiam se encontrar para conversar, realizar trabalhos manuais em conjunto, passear com os filhos. As inférteis mais rebeldes, divorciadas, feministas e traidoras de gênero (como eram chamadas por Gilead os integrantes LGBTQIA +, enquanto os homens desse grupo eram condenados à morte). Elas ainda poderiam ser enviadas para trabalhos forçados nas colônias de resíduos tóxico-radioativos ou para um local chamado Casa de Jezebel, onde os Comandantes e convidados podiam desfrutar dos “prazeres mundanos”, como bebidas, cigarro, sexo livre (sem fins de reprodução), sendo esse espaço mantido pelo Estado de forma velada. Apesar de entendermos que o enredo tem sérias questões sobre a vida das mulheres e o machismo, esse não será o foco principal deste trabalho, ficando a sugestão para que outras pesquisas sejam desenvolvidas.

Cada casta usa roupas apropriadas para seus afazeres e com acessórios e cores das roupas bem padronizadas: as Esposas de azul (cor que representa

a Virgem Maria com simbolismo de pureza e santidade); as Aias de vermelho (cor da fertilidade, representada pela cor da menstruação); e as Martas se vestem de uma cor transitória em tom pastel entre o azul e o vermelho, deixando claro que são hierarquicamente abaixo das esposas e acima das Aias. Os guardiões vestem verde musgo, as Tias se vestem de marrom (lembrando uniformes nazistas), as Econoesposas usam roupas listradas em 3 cores, deixando claro a classe social e que acumulam diversas funções. Sobre elas, Atwood (2017, p. 35) diz que “essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem”.

Todas as castas recebiam treinamentos de como se portar nas mais diversas situações em que poderiam estar presentes, no caso das Aias, existiam centros de treinamentos chamados de Centros Vermelhos. Gilead tem diversas frases, rituais e orações que devem ser ditos em momentos específicos, como por exemplo, ao serem cumprimentadas por qualquer pessoa com “Bendito seja o fruto”, as Aias deveriam responder “Que o Senhor possa Abrir”, uma clara alusão à reprodução, papel principal dessa casta. Ao abordar sobre o trabalho e gênero, Nascimento (2019, p. 9) diz que

a divisão social do trabalho somada a heterossexualidade compulsória, pautada na branquitude, são partes constitutivas das relações de gênero que se expressa não só materialmente, mas também no campo da consciência, dos valores e da subjetividade, pois afirma papéis sociais e naturaliza estereótipos. Sendo assim, produz formas de alienação que dificultam as possibilidades de subversão desta ordem.

Sobre a ficção como elemento importante na literatura/cinema para ser usado como ferramenta que cria discussões sobre a realidade, Nascimento (2019, p. 4) diz que “a ficção não só reflete o real como também oferece meios para que os leitores possam entendê-lo, compreendê-lo e interpretá-lo”. É interessante pensar, que apesar de representar uma distopia³, todos os atos praticados por Gilead já aconteceram e continuam acontecendo em maior ou menor escala, na humanidade e, em algum momento, todas as tecnologias utilizadas na obra já existem/existiram e/ou estão em utilização, como a própria autora faz questão de mencionar quando é entrevistada sobre sua obra. Em tempos de autoritarismo, negacionismo e conservadorismo em voga na contemporaneidade nacional, perguntamos como podemos refletir

3 A distopia é um contexto que projeta um futuro tenebroso como se fosse um sinal de alerta e produz uma sensação de medo ao apresentar indagações do que pode perfeitamente se tornar realidade (NASCIMENTO, 2019).

as diferenças e semelhanças da série com a atualidade no Brasil e no mundo? Como dialogar sobre o enredo com a realidade e com teóricos da filosofia?

DIÁLOGOS BIOPOLÍTICOS E FOUCAULTIANOS

“Só queríamos tornar o mundo um lugar melhor. [...] O melhor nunca é melhor para todos, sempre é pior para alguns”.
Comandante Fred Waterford para Offred / June Osborn

O trecho supracitado foi dito na obra pelo Comandante Fred Waterford para sua Aia, June Osborn, renomeada pelo Estado como Offred. As Aias são escravas reprodutivas e trocavam de nome e passavam a ser chamadas pelo prefixo *Of*, seguido do nome do seu comandante ao assumir um novo posto, indicando a inferioridade delas e deixando claro quem passava a ser o seu “proprietário”. Eram mulheres jovens, muitas bem-sucedidas em suas profissões antes do Golpe de Estado, férteis e, claro, que cometeram atitudes imperdoáveis na visão da República de Gilead (como trabalhar fora de casa, ser professora, ter independência financeira, escolher ter ou não filhos ou ser considerada a causa da separação de um casal e/ou casar com o homem recém separado, como o caso da protagonista). Assim, deveriam servir como escravas reprodutivas para aumentar o contingente populacional do Estado. Os estupros com finalidade reprodutiva ocorriam na época da ovulação, que era rigorosamente controlada pelas Tias, principalmente, além de serem submetidas a avaliações médicas e exames rotineiramente. Atwood (2017, p. 114-115) descreve a cerimônia

Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sob sua barriga [...] Minha saia vermelha é puxada para cima da cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo.

Nascimento (2019) afirma que a cerimônia é justificada pelos Filhos de Jacó com a passagem bíblica contida em Gênesis, capítulo 30, versículos 1 a 3, que dizem:

Vendo que não dava filho a Jacó, Raquel ficou com inveja de sua irmã e disse a Jacó: “Ou você me dá filhos ou eu morro”. Jacó ficou irritado com Raquel e disse: “Por acaso eu sou Deus para lhe negar a maternidade?”. Raquel respondeu: “Aqui está minha serva Bala. Una-se a ela, para que ela dê a luz sobre os meus joelhos. Assim terei filhos por meio

dela” (BÍBLIA, GÊNESIS, 30, 1 - 3).

Cumpra salientar que as Aias não são consideradas mães de seus bebês, pois assim que nascem, são entregues para a Esposa que, com ajuda da Marta, vai cuidar da criança. A Aia fica ainda amamentando a criança por um tempo, e ao encerrar esse período, ela é enviada a outro posto para tentar engravidar de um novo Comandante e cumprir o seu papel reprodutor. Aqui percebemos o quanto o corpo da mulher é visto como objeto, não só do homem (nesse caso) mas de uma Sociedade, que vê nesse corpo, a possibilidade de “oferecer” algo ao Estado, como uma penitência por seus pecados.

Ao lermos a frase que inicia esta seção, podemos remeter imediatamente para a máxima foucaultiana da biopolítica, em que a função do Estado é “fazer viver e deixar morrer”. Fazer viver os bons, os aptos, os saudáveis, a raça pura, os ilibados, os fiéis ao Estado de Gilead através da introdução de instituições de assistência e mecanismos diversos relacionados diretamente aos interesses do Estado na figura dos seus governantes, no caso de Gilead, os Comandantes. O Fazer morrer, nem sempre é a morte literal, mas a sua negação enquanto sujeito de direitos, sujeitos livres, as pessoas que, de algum modo, não interessam mais ao sistema autocrático instaurado. Dialogando com o supracitado, entendemos, nas palavras de Foucault, que a

morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2005, p. 305).

Para Foucault (2020), o poder atua como um modo de ação, sendo exercido a partir de um mínimo de liberdade, e atua mediante um campo de possibilidades. O poder somente pode ser exercido em sujeitos com algum grau de liberdade, e que esse poder não pode ser equiparado a violência (porque a violência quebra, destrói e fecha possibilidades) e para se ter poder em uma sociedade, precisamos que o campo das possibilidades seja aberto às ações em ambos os lados. Para o francês, foi o biopoder que inseriu o racismo nos mecanismos de Estado, ele afirma que quase não há “funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo.” (FOUCAULT, 2005, p. 304). A República de Gilead aplica muito bem essa citação foucaultiana.

A biopolítica é dotada do biopoder como efetividade de suas estratégias.

O poder, na perspectiva foucaultiana, pode ser compreendido com uma “rede de relações estratégicas, um conjunto de mecanismos e de procedimentos no qual se busca exercer o poder e manter uma correlação que seja favorável àqueles que se fazem presentes nessa rede” (CARVALHO; ANDRADE; OLIVEIRA, 2019). O poder não é algo unitário e global, mas formas díspares, heterogêneas, em constante transformação (MACHADO, 2011). É considerado uma prática social, sendo constituído historicamente, ou seja, o poder é dependente dos discursos na época em que aparecem, não sendo algo natural. Ele coloca em jogo as relações entre os indivíduos, sujeitos livres e cujas ações seguem um caminho conduzido, com possibilidades e cumprindo funções num determinado contexto.

Para Foucault (2005), o racismo se desenvolve junto com a colonização, através de práticas como o genocídio, exatamente o que ocorre em Gilead. Para isso, o Estado utiliza o biopoder para matar as pessoas que não coadunam com seus princípios. As pessoas são torturadas e mortas de diversas formas, como por exemplo, afogamento com pedras presas ao corpo, apedrejadas e enforcadas. Sobre o racismo de Estado, Foucault diz que

uma raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. Quando vocês têm uma sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que é, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em primeira linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo (FOUCAULT, 2005, p. 306).

Ainda dialogando com Foucault sobre racismo, Mbembe (2016) diz que

com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer (MBEMBE, 2016, p. 128).

Foucault (1995; 2020), quando fala sobre o poder, deixa claro que para existir o poder, é necessário que se tenha resistência e liberdade de algum modo, em algum grau. E que a completa dominação não permite a existência e ação do poder. As castas da obra sempre tiveram suas resistências, apesar de toda opressão sofrida. São verificadas resistências de todos os tipos, como

a rede de resistência chamada “Mayday”, que possuía, sobretudo, Martas e Aias como membros, até resistências pequenas e cotidianas, como pequenas conversas entre as Aias sobre suas vidas pregressas, trocas de produtos, cartas, recados enviados, leitura por parte das mulheres e até fugas, envenenamentos, assassinatos, suicídios e atentados.

Uma Aia conseguiu explodir uma bomba em um evento e matou alguns comandantes. As Esposas, cheias de regras a serem seguidas, também tinham seus lapsos de resistência. Até mesmo os Comandantes, muitos deles que ajudaram a escrever as leis de Gilead, também expressavam seus momentos de resistência/desobediência às leis autoritárias do regime teocrático, pois com o passar dos tempos, perceberam que muitas das Leis de Gilead foram sendo distorcidas, o que gerou descontentamentos e arrependimentos.

Pensando nisso, um dos acontecimentos mais importantes e que nos mostra o quanto o Poder não é algo estanque, mas permeado de relações e discursos, se refere ao nome das Aias. Em diversas passagens da história, vemos as Aias se apresentando entre si, com seus nomes pré-Gilead. Martins, Cruz e Santos (2020, p. 313) afirmam que o nome de nascimento, como um elemento fundamental de individualização, é negado às Aias, “Ao tirar a possibilidade de as Aias terem nomes, roubam-nas de si próprias, retiram suas individualidades”. Porém, como uma forma de resistência, elas buscam manter suas identidades escondido do Estado

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na semiobscuridade podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June. (ATWOOD, 2017, p. 12).

Ao falarmos sobre o Estado autoritário de Gilead, é preciso entender que ele também operava de modo a conduzir condutas e produzir verdades. A própria Tia Lídia, interpretada pela atriz Ann Down, deixou claro em alguns momentos na trama, que o que ocorre lá pode não parecer normal, mas com o tempo se tornará normal. É justamente nesse sentido que a República atua, produzindo novas normalidades, conduzindo condutas e produzindo verdades. Nesse sentido, dialogamos com Foucault, que diz:

o exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a

probabilidade. [...] Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de assujeitamento político ou econômica; mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados. Porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros (1995, p. 244).

Foucault (2011) afirma também que a verdade é produzida e transmitida sob o controle dominante de alguns aparelhos políticos, sendo centrada na forma de um discurso científico:

A verdade é deste mundo: ela é produzida graças a múltiplas imposições. E ela aqui detém efeitos regulados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' da verdade, ou seja, os tipos de discurso acolhidos por ela os quais ela faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros: as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obter a verdade; o status dos que têm a tarefa de dizer o que funciona como verdade (FOUCAULT, 2011, p. 217).

Outro ponto foucaultiano importante a ser tratado é o panoptismo. Estudando a vigilância e controle desde o século XVII, Foucault (2014) entende que no século XIX surge o panóptico de Bentham como uma forma de vigilância efetiva dos detentos do presídio em que o presidiário nunca deve saber se está sendo observado, mas deve ter a certeza de que sempre pode sê-lo.

No panóptico fala-se em detentos, mas poderiam ser os loucos, os doentes, os operários, os estudantes ou, no caso da obra analisada, a população gileadiana em suas castas. O sistema induz no preso um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Na maioria das vezes, tanto no panóptico quanto em Gilead não é preciso recorrer à força para obrigar o condenado (ou o povo no Estado autocrático em questão) ao bom comportamento. Foucault (2014, p. 200) diz que o panóptico funciona “como um laboratório de poder, age como um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegura a economia (material, pessoal, tempo), assegura eficácia por seu caráter preventivo, funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos.”

DIÁLOGOS ENTRE NECROPOLÍTICA, PRECARIEDADE E VIDA NUA

Como citamos anteriormente, a obra estudada tem sérias violações aos

direitos humanos, sobretudo, contra as mulheres, que não aprofundaremos neste texto. Nesse sentido, Butler (2016) afirma que se

alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços pré-definidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente é produzida e mantida (BUTLER, 2016, p. 21).

Mbembe (2016), através dos princípios biopolíticos de Michel Foucault, fez um deslocamento para o período escravagista, para pensar as práticas daquele período. Para o filósofo camaronês, a escravidão moderna foi a primeira prática biopolítica do ocidente, apesar deste conceito só ter sido cunhado na contemporaneidade, após o surgimento do conceito de população. Tanto na escravidão quanto na República de Gilead o Estado exercia o direito de matar.

Ao escrever sobre a escravidão negra ocidental, Achille Mbembe (2016), filósofo camaronês, cita que a humanidade de uma pessoa escravizada era dissolvida até o ponto em que se tornava possível dizer que a vida do escravo era propriedade de seu dominador. O teórico ainda afirma que “a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de *status* político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social”. Podemos fazer facilmente esse deslocamento de pensamento comparativo, ao analisar também as atrocidades de Gilead (MBEMBE, 2016, p. 131).

Judith Butler (2011) fala sobre a precariedade em sua obra. Ela diz que a precariedade é inata na constituição dos seres humanos, diferente da precarização, que é o tornar o outro precário. Esse pensamento vai ao encontro do que Agamben fala com a precarização da Vida Nua, ao tornar vulnerável ao ponto de ser eliminado. A autora ainda afirma que todos nós somos vulneráveis em algum grau, alguns são mais do que outros, tornando essas vidas mais precárias do que outras, ou seja, existe a precariedade da precariedade, como uma espécie de hierarquia.

O fato de sermos vulneráveis leva a algumas vidas serem mais precárias do que as outras. Para fugir dessa vulnerabilidade, a resistência, a luta e

a organização precisam ser bem constituídas. Não temos como escapar disso. Na obra *O Conto da Aia*, podemos perceber a precariedade, de modo que essa vulnerabilidade em diversos momentos em que Aias, Martas e outras castas inferiorizadas, apresentam vidas precárias em suas rotinas e que poderia ser ainda mais precária, caso fossem enviadas para as colônias ou para a Casa de Jezebel. Butler (2018, p. 219) diz que “sob condições de extremo perigo e elevada precariedade, o dilema moral não se dispersa; ele persiste precisamente na tensão entre querer viver e querer viver de uma certa maneira com os outros.” Butler indaga se é possível ter uma vida boa em uma vida ruim.

Para Agamben, a Vida Nua está submetida ao poder soberano e ao seu arbítrio, dominando os corpos por toda a parte. É exatamente isso que se passa em Gilead. Os corpos são controlados sob todos os aspectos. Quanto mais baixa a hierarquia da casta, mais controlada pelo Estado ela é. A vida se vive com presença constante da morte e um estado de exceção permanente. Pelbart (2018) afirma que Foucault deixou escapar a Vida Nua, como uma espécie de ponto cego em sua pesquisa. O autor, ao citar os estudos de Agamben, diz que a Vida Nua é aquela que se mata sem cometer um suicídio, e nem sequer pode ser considerada como um sacrifício. Agamben, na leitura de Foucault e Arendt, diz que os regimes políticos totalitários e as democracias apoiam-se na Vida Nua do ponto de vista histórico-filosófico e afirma que a Vida Nua:

como se sabe, não pode ser pensada como um estado biológico natural, que existiria originalmente, para depois ser anexada à ordem jurídica pelo estado de exceção. Pois ela é precisamente, junto com o poder soberano, o produto dessa máquina biopolítica (PELBART, 2018, p. 65).

Para concluir os diálogos desta seção, e entregar o capítulo para as considerações finais, podemos dialogar com Sousa Junior (2021, p. 65) quando ele afirma que

Quando pensamos a reverberação dessas discussões para o cenário brasileiro contemporâneo fica ainda mais evidente o indivíduo que pode ser morto, sem que possa ser considerado um assassinato, os grupos que não geram luto na população, os grupos mais precários dentro da sociedade precária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter sido escrito a décadas atrás, visto que seu lançamento original data de 1985, *O Conto da Aia* faz-nos refletir sobre elementos

que acontecem atualmente na sociedade, como a eleição no Brasil, de um Presidente da República, machista, misógino, eugenista, racista, homofóbico, xenofóbico e dotado dos mais diversos outros tipos de preconceitos, sendo este um país democrático com uma cultura e história de lutas pela liberdade e preservação dos direitos sociais. Movimentos conservadores, tradicionais e autoritários, muitos dos quais conhecemos como partidos de direita e extrema direita, estão em alta em diversos países do mundo, inclusive, a maior democracia do mundo, como se intitula os Estados Unidos, esteve com seu regime democrático ameaçado por fanáticos estimulados por Donald Trump (ex presidente americano e empresário que, claramente, tem ideais machistas, xenofóbicos, homofóbicos, entre outros preconceitos), após perder as eleições em 2020, inclusive tendo um dos seus símbolos máximos invadido em janeiro de 2021 - o Capitólio. Assim como na obra ficcional estudada, em que a democracia Americana foi deposta, ao redor do mundo, Governantes extremistas podem colocar a democracia em risco em suas nações, o já ocorreu em diversos momentos da história mundial e até mesmo com a ditadura militar na jovem democracia que ainda é o Brasil.

A maioria dos países hoje constituídos, enquanto democráticos e soberanos, possuem a história marcada pelo derramamento de sangue e processos de opressão até chegar aos dias atuais, mesmo os países ricos e europeus. *The Handmaid's Tale* vem para mostrar a face cruel de um regime autoritário, demonstrando que apenas uma parte da sociedade é beneficiada, sendo geralmente constituída pela denominada elite. A análise teórica, no diálogo com Michel Foucault, Achille Mbembe, Judith Butler e Giorgio Agamben, ajuda a compreender melhor a relação do tema com o mundo e a sociedade. A obra analisada serve como espelho para ajudar a pensar e refletir sobre quais políticos devemos apoiar para o bem de todos com base em seus princípios e atitudes na vida pregressa, para que contextos como estes não ocorram/voltem a ocorrer.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margareth. **O conto da Aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Tradução de: *The Handmaid's Tale*.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Editora Paulus, 1999. Edição Pastoral.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Revista Contemporânea**. [S.L], n. 1, p. 13-33, 2011. Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades. Tradução de Angelo Marcelo Vasco. Revisão de Richard Miskolci

BUTLER, Judith. Pode-se levar uma vida boa em uma vida ruim? **Cadernos ética e filosofia política**. v. 2, n. 33, p. 213-229, 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/140829>. Acesso em 21 fev. 2022.

CARVALHO, Sérgio Resende; ANDRADE, Henrique Sater de; OLIVEIRA, Cathana Freitas de. O governo das condutas e os riscos do risco na saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 23, p. 1-13, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/interface.190208>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/6dzDCfLYpRtqjhGmQzrVy8Q/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 09 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. 1. ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. 493 p. (Ditos e Escritos VII)., Tradução de: Vera Lúcia Avellar Ribeiro.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975- 1976)**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: vontade de saber**. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma estratégia filosófica - além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 302 p. Tradução de: Raquel Ramallete.

MARTINS, Eloísa Cecília Dias; CRUZ, Elizeu Pinheiro da; SANTOS, Sidney Fernandes dos. O CONTO DA AIA: UMA LEITURA MULTIDISCIPLINAR. **Revista Binacional Brasil Argentina**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 9, p. 304-330, jul. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, dez. 2016.

NASCIMENTO, Monique Batista do. O Conto de Aia: uma análise sobre a divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero. **Re-**

vista Idealogando, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 1-21, 2019.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: Ensaio de Biopolítica**. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2018. 252 p.

SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de. UMA LEITURA BIOPOLÍTICA DE PINTURAS DA HISTÓRIA DO BRASIL. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, Bauru/SP, v. 10, n. 2, p. 55-68, dez. 2021. Disponível em: https://8d6b9f8a-910d-4c0e-8e2d-f6c0ea7c677c.filesusr.com/ugd/c3ebcb_eac704399f3a4712ab52ee610980702a.pdf Acesso em: 08 fev. 2022.

A VIDA DOS HOMENS INFAMES: BICHO DE SETE CABEÇAS (CANTO DOS MALDITOS)

Angéli do Prado Casagrande¹
Cristianne Maria Famer Rocha²

A VIDA DOS HOMENS INFAMES

Ao se propor a realizar uma antologia de existências, Michel Foucault (2006), inspirado pela leitura de registros de internamentos do início do século XVIII, justifica seu interesse nessas narrativas “reais” pelas emoções e “impressões físicas” que estas lhe causavam.

Ao excluir de sua análise os traços de imaginação e literatura, o autor mostra o desejo de falar sobre personagens sem traços de grandeza, reunindo em suas visitas à Biblioteca Nacional Francesa, documentos de uma centena de anos, de 1660 a 1760 (séculos XVII e XVIII), como cartas régias, documentos de internações e petições, que o ajudaram a fazer uma compilação do que ela nomeou de “poemas-vida”, que tratavam de vidas reais descritas em poucas palavras nesses registros. Segundo ele, “vidas reais foram ‘desempenhadas’ nestas poucas frases; não quero dizer com isso que elas ali foram figuradas, mas que, de fato, sua liberdade, sua infelicidade, com frequência, sua morte, em todo caso seu destino, foram, ali, ao menos em parte, decididos” (FOUCAULT, 2006, p. 207).

Ao compor sua narrativa, Foucault atentou para duas “notícias” em especial: a primeira discorria sobre um agiota extravagante e a segunda sobre um monge sodomita. Sua escolha se deu por se tratarem de personagens com

1 Mestranda em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Diretora de Escola na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: angel_casagrande@hotmail.com.

2 Doutora em Educação, Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cristianne.rocha@ufrgs.br / orcid.org/0000-0003-3281-2911.

caráter obscuro frente à sociedade que desejava sufocar essas existências ou pelo menos não evidenciá-las, mantendo-as apartadas e anônimas.

Ao tomar como base as análises de Foucault sobre esses breves relatos, é preciso definir as distinções que o autor faz acerca de fama e infâmia e o que se pode tomar por infame. A infâmia certamente não está vinculada a algum grande acontecimento, a algum escândalo ou a alguma espécie de glória (FOUCAULT, 2006). Como dito no texto referido aqui, as regras que conduziram a escolha dos relatos foram arbitrariamente definidas, eliminando-se o que pudesse ser imaginação ou literatura e tudo o que pudesse ser memórias, lembranças ou quadros, para tratar sobre a trajetória de figuras não lendárias, aquelas que se inserem no banal, mas cujas existências foram publicizadas no momento em que foram tocadas pelo poder das instituições, onde esses indivíduos foram recolhidos no momento em que foram internados ou presos.

Se tratando da realidade do século XVIII, as descrições reafirmavam em cada linha o exercício do poder soberano, onde predominava uma figura privilegiada que exercia força, frente a um indivíduo sob o qual pesavam acusações que iam de uma atestação de loucura a um aspecto criminal, demonstrando a associação entre ambas como justificativa para o encarceramento.

O linguajar rebuscado presente nas descrições são outro ponto evidenciado por Foucault como meio de mostrar o excesso nas imputações que, segundo ele, na maioria das vezes eram falsas, mentirosas, injustas, exageradas:

É um monstro de libertinagem e de impiedade. Usuário de todo os vícios: tratante, indócil, impetuoso, violento (...) sempre de sociedade com mulheres do nível mais baixo de prostituição. Tudo o que se lhe apresenta de suas vigarices e de seus desregramentos não causa nenhuma impressão em seu coração; ele só responde através de um sorriso o de celerado que faz conhecer sua insensibilidade, e ocasiona apreender que ele seja incurável (FOUCAULT, 2006, p. 208).

O texto, um dos mais ousados de Foucault, apresenta uma poética, a partir da seleção dos arquivos da reclusão francesa, que provoca o que o próprio autor chamou de “um misto de beleza e terror”. Ao compor a antologia das vidas desafortunadas descritas nos documentos, Foucault conferiu-lhes um lugar e uma data, contando as histórias por trás dos nomes já esquecidos e narrando as angústias e sofrimentos contidos além das palavras que os descreveram, palavras essas que, para o autor. “bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas” (2006, p. 205).

Os pequenos fragmentos de arquivos tratados por Foucault, quase dois séculos depois de sua escrita, retratam homens e mulheres de cuja existência nada restaria, não fosse a atenção dispensada na leitura. Essas breves passagens que, sem intervir nos grandes acontecimentos da história seriam rapidamente esquecidas, ganharam destaque através do gesto admirado do pesquisador, que concebeu a ideia de divulgar tais “notícias”, cuidando para que o desprezo e violência encontradas nos relatos não se convertesse em desfortúnio também no esquecimento. O texto reúne conceitos fundamentais para o filósofo, tais como o poder, a história, o discurso e o sujeito, aqui implicados à infâmia, termo utilizado por ele, não no sentido de julgamento moral, mas para se referir a pessoas comuns, que “estão destinadas a não deixar rastro” pessoas que não são famosas e “não compõe[m] com nenhuma espécie de glória” (FOUCAULT, 2006, p. 210).

Fica evidente o esforço realizado pelo autor no sentido de entender como estas vidas se tornaram tão infames para a sociedade e porque um mal minúsculo fazia delas pessoas que precisaram ser separadas e apagadas. Situação similar encontra-se presente no filme *Bicho de Sete Cabeças* sobre o qual discorrerei a seguir.

BICHO DE SETE CABEÇAS (CANTO DOS MALDITOS)

Não dá pé não tem pé nem cabeça
 Não tem ninguém que mereça
 Não tem coração que esqueça
 Não tem jeito mesmo
 Não tem dó no peito
 Não tem nem talvez
 Ter feito o que você me fez
 Desapareça cresça e desapareça (...)
 (AZEVEDO, RAMALHO e ROCHA, 2001)

O drama brasileiro, lançado em 22 de junho de 2001 e dirigido pela cineasta Laís Bodansky, é baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, *Canto dos Malditos*, e conta a história de Neto, um jovem que é internado em um hospital psiquiátrico após seu pai descobrir um cigarro de maconha em seu casaco. Conclamado como um dos maiores sucessos do cinema brasileiro, o longa metragem suscitou o debate sobre as instituições psiquiátricas no Brasil, fortalecendo a discussão sobre a desinstitucionalização de pessoas acometidas por doenças mentais e sobre as leis que proíbem o funcionamento

de instituições que não respeitam os direitos básicos dos doentes mentais.

Os pontos de intersecção do filme com o texto *A Vida dos Homens Infames* se apresentam à medida que, na tela, vemos a história de um homem infame, um adolescente comum, de uma existência obscura, em certa medida, e desventurada, publicizada no momento em que esse jovem ingressou na instituição manicomial. A diferença para as histórias e passagens garimpadas por Foucault - que estavam registradas nos arquivos do internato, da polícia, das petições ao rei e das cartas régias com ordem de prisão - está no fato de que a história cinematográfica foi narrada pelo próprio jovem, personagem da internação compulsória.

A idealizadora da obra cinematográfica foi a diretora Laís Bodanzky, que leu, em 1996, quando fazia parte de um grupo de pesquisa sobre saúde mental no Brasil, o livro autobiográfico. A narrativa causou grande comoção na leitora-diretora, a exemplo do que Foucault descreve ao se deparar com os relatos presentes nos arquivos analisados por ele:

Eu ficaria embaraçado em dizer o que exatamente senti quando li esses fragmentos e muitos outros que lhes eram semelhantes. Sem dúvida, uma dessas impressões das quais se diz que são “físicas”, como se pudesse haver outras. E confesso que essas “notícias”. surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se me emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com os excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, a derrota e o afinco (FOUCAULT, 2006, p.2, grifos no original).

A adaptação para o cinema veio através da percepção de que o tema da loucura era um tabu, um assunto para o qual a sociedade brasileira dedicava pouca ou nenhuma atenção, por se tratar da vida de sujeitos considerados indesejáveis para o convívio público. A exemplo de Foucault, que realizou uma antologia de existências sem glória, “dignas de pena” e desprovidas de importância histórica, Bodansky ocupou-se da tarefa de traduzir uma existência comum em um signo de luta antimanicomial:

Era como se pudesse ouvir um grande grito que ele dava para o mundo — um alerta para mudar a triste realidade manicomial brasileira. Tive certeza que este grito tinha que ser amplificado e ventilado. Achava que, assim como eu, muita gente desconhecia o que acontecia atrás dos muros dessas instituições, mantendo esse desumano tratamento

invisível à sociedade (BODANSKY, 2002, p. 1).

Ao transpor a história vivida por Carrano, nos anos 1970 para os anos 2000, o filme pretendia denunciar que os problemas dos manicômios não haviam acabado com o fim da ditadura e que muito pouco havia mudado atrás dos muros dessas instituições. Como nas cartas régias, tratadas por Foucault, os motivos da punição e do internamento eram irrelevantes e desproporcionais.

Através de uma linguagem seca, quase documental, a diretora buscou mostrar a dureza e crueldade a que os pacientes do hospital eram submetidos, com o uso de eletrochoques, de medicamentos em excesso, de isolamentos em celas solitárias como punição para desobediência e de ausência de diagnóstico preciso para determinar a internação.

Outras questões também são abordadas, como a corrupção dentro do sistema manicomial, onde alguns dirigentes interessados nos investimentos governamentais aceitavam pacientes sem doença mental, como no caso do protagonista do filme, internado compulsoriamente pelo pai para coibir o uso de drogas. A relação entre pais e filhos - permeada pelas tensões vividas aqui e no mundo, no pós-Segunda Guerra Mundial, com as manifestações juvenis por maior liberdade (seja na França, em maio de 1968, ou nos Estados Unidos da América, com o Festival de Woodstock, em agosto de 1969, ou do movimento *hippie*, entre outros) - também aparece como pano de fundo para o desenrolar do enredo, focado na denúncia de como uma prática “científica” mal conduzida dava resultados incompatíveis com o esperado.

Vale ressaltar que o filme é quase em primeira pessoa, o que enriquece a narrativa pessoal e explícita que não pretende capturar todas as complexidades que giram em torno das práticas manicomiais, nem investigar a natureza da loucura.

Uma das músicas que compõe a trilha sonora, criada especialmente para o filme por André Abujamra, com canções de Arnaldo Antunes, é talvez a que melhor ilustra o sofrimento e as angústias vividas pelo personagem principal. As primeiras estrofes trazemos como epígrafe a esta parte do texto. As restantes, abaixo, reiteram a “dor no peito” sofrida por alguém que, embora não tenha um diagnóstico de doença mental, padece por algo que não merece, afinal o que fez não se trata de um problema insolúvel:

(...) Não tem dó no peito/Não tem jeito/Não tem coração que esqueça
Não tem ninguém que mereça/Não tem pé não tem cabeça
Não dá pé não é direito/Não foi nada eu não fiz nada disso

E você fez um bicho de 7 cabeças/Bicho de 7 cabeças
Não dá pé não tem pé nem cabeça/Não tem coração que esqueça
Não tem ninguém que mereça/Não tem jeito mesmo
Não tem dó no peito/Não tem nem talvez
Ter feito o que você me fez/Desapareça
Bicho de sete cabeças, bicho de sete cabeças (AZEVEDO, RAMALHO
e ROCHA, 2001)

A condução equivocada da situação, seja pelos pais, seja pelos profissionais de saúde no hospital psiquiátrico, transformaram Neto, após o tratamento, em um rapaz inseguro e ausente, incapaz de exercer o autocontrole devido às sequelas dos maus tratos sofridos no manicômio.

Em uma cena bastante marcante, que mescla poesia e a ideia que se faz sobre o sujeito da loucura, um interno aborda o protagonista do filme, dizendo-lhe que “é preciso fingir ser louco, sendo louco, e é preciso fingir ser poeta, sendo poeta” (BICHO DE SETE CABEÇAS, 2000), dando a entender que para sobreviver ao sistema manicomial seria preciso adequar-se a ele, buscando novas formas de existência. Em seguida, o interno dirige Neto para o pátio da instituição, convidando-o a ler o poema inscrito no muro:

O buraco do espelho está fechado
agora eu tenho que ficar aqui
com um olho aberto, outro acordado
no lado de lá onde eu caí

pro lado de cá não tem acesso
mesmo que me chamem pelo nome
mesmo que admitam meu regresso
toda vez que eu vou a porta some

a janela some na parede
a palavra de água se dissolve
na palavra sede, a boca cede
antes de falar, e não se ouve

já tentei dormir a noite inteira
quatro, cinco, seis da madrugada
vou ficar ali nessa cadeira
uma orelha alerta, outra ligada

o buraco do espelho está fechado

agora eu tenho que ficar agora
fui pelo abandono, abandonado
aqui dentro do lado de fora (ANTUNES, 2022).

A imagem labiríntica, fornecida pela ideia de um buraco no espelho, representa a luta do personagem para se libertar do estigma da loucura que pesa sobre ele e o desejo de regressar à vida normal, embora o mesmo não veja muitas perspectivas para que isso aconteça, uma vez que ele transita por uma tênue linha entre a lucidez e a loucura, devido aos danos causados pelo tratamento a ele imposto “por engano”.

A obra cinematográfica aparece quase como um documentário sobre o sistema manicomial no Brasil, desvelando a sua face negligente, que tratava com total desinteresse e de forma desumana aqueles considerados sujeitos-problema para a sociedade. Em certa medida, as questões trazidas pelo filme *Bicho de Sete Cabeças* podem ser problematizadas a partir das ideias desenvolvidas por Foucault a respeito dos homens infames.

No cinema contemporâneo, tem sido uma prática bastante recorrente retratar a vida de pessoas comuns, cujas existências poderiam facilmente passar despercebidas e que, através de uma obra de arte, tornam-se protagonistas. Em analogia às palavras de Foucault (2006), pessoas infames são transformadas em poemas-vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as obras aqui discutidas - Foucault (2006) e *Bicho de Sete Cabeças* (2002) - são marcadas por estratégias narrativas que prendem o leitor e o espectador, respectivamente, nas tramas das histórias contadas, através da reunião de depoimentos e testemunhos capazes de comover, angustiar, indignar e, não menos, refletir sobre a vida incomum destas pessoas comuns. As experiências singulares narradas, como o louco do filme, nos mostram o quanto um sujeito – considerado por alguns inapto ao convívio social - deve modificar seu comportamento, mesmo que por uma intervenção forçada e violenta, para poder voltar a ter a possibilidade de viver em sociedade.

Ao mesmo tempo, as narrativas trazidas por Foucault descrevem homens e mulheres miseráveis, cunhados sob a ótica do escárnio, do desprezo e do esquecimento. São vidas/pessoas infames, sem fama nem relevância para o convívio social, despidas de importância, brevemente descritas como para facilitar

seu apagamento, como algo que não merece tempo ou atenção, mas que apenas emerge, no momento de sua reclusão, por meio do poder que as sufoca.

A mistura de emoções causadas nos autores, tanto no caso do livro transformado em filme por Bodansky como nos registros garimpados por Foucault, os fez querer retratá-las através do cinema e da escrita. O estilo pessoal empregado em ambos (filme e texto), permite aos autores explicitarem seus afetos, através da intensidade dos relatos e das cenas.

Ao escrever *A vida dos homens infames*, Foucault evidencia discursos que não deveriam circular e que, por isso, foram esquecidos e arquivados. A recuperação de tais arquivos, séculos mais tarde, só se tornou possível porque esses escritos infames estavam vinculados à figura do rei, ou seja, os relatos dessas existências somente puderam ser reescritos porque estavam vinculados a uma instância de poder, qual seja: o soberano. Se não fosse esta relação, talvez jamais teríamos tido acesso a tais histórias. A autobiografia de Carrano, que originou o filme analisado nesse ensaio, emergiu da necessidade do autor de narrar suas experiências a partir do momento em que foi tocado pela instituição manicomial. Ainda que a história seja recente, se não tivesse sido lida pela diretora, grande parte das pessoas que assistiram ao filme jamais teriam conhecido a história. A partir dessas duas obras, contadas por escritor e cineasta, distantes física e cronologicamente, temos a oportunidade de conhecer e nos emocionar com os relatos de personagens e cotidianos infames permeados por desiguais e assombrosas relações de poder.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Geraldo; RAMALHO, Zé; ROCHA, Renato. **Bicho de sete cabeças**. Interpretação de Zeca Baleiro. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 2001 (3:32min).

ANTUNES, Arnaldo. **Site oficial de Arnaldo Antunes**. Disponível em: <https://arnaldoantunes.com.br/new/>. Acesso em: 5 jan. 2022.

BICHO DE SETE CABEÇAS, O. Direção: Laís Bodanzky. Produção Luiz Bolognesi, Caio Gullane, Sara Silveira, Marco Muller. Brasil: Buriti Filmes, 2000.

BODANZKY, Laís; BOLOGNESI, Luiz. **Bicho de Sete Cabeças**. São Paulo: 34, 2002.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) **Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Tradução de Vera Lúcia

TENHO MEDO TOUREIRO: DO AMOR E DA RESISTÊNCIA DE CORPOS INFAMES

Larissa Scotta¹

*Tengo miedo, torero.
Tengo miedo cuando se abre tu capote.
Tengo miedo, torero.
De que el borde de la tarde, el temido grito flote.*²

INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta-se como um gesto interpretativo que busca estabelecer um diálogo entre o longa metragem chileno lançado em 2020 ‘Tenho Medo Toureiro’, dirigido por Rodrigo Sepúlveda Urzúa³ e baseado no romance homônimo escrito por Pedro Lemebel⁴, e conceitos desenvolvidos pelo filósofo Michel Foucault (2003, 2004, 2010a, 2010b, 2013, 2021) relativos às relações de poder, ao corpo e suas sexualidades e à vida dos homens infames. Para abordá-los, também mobilizamos trabalhos de Butler (2019, 2002) e Deleuze (2005) que convergem com o pensamento foucaultiano.

O título da película, que serve de código secreto entre os dois protagonistas e provém de um *pasodoble* que será ouvido durante a trama, dá indícios do que haveremos de encontrar na tela: os passos bailantes do toureiro, seu

1 Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela mesma instituição. É servidora do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: lariscotta1@gmail.com.

2 Trecho da canção ‘Tengo Miedo Torero’, composta por Augusto Algueró e interpretada por Lola Flores na versão que aparece na trilha sonora da película analisada neste ensaio.

3 Diretor de cinema e produtor nascido na cidade de Santiago do Chile em 1959.

4 Escritor e artista plástico nascido em Santiago do Chile. Figura destacada no cenário da contracultura desse país (1952-2015).

manto escarlate e dourado a incitar o touro...O animal, força bruta e desmedida que, na espreita, se deixa seduzir...Medo e desejo à flor da pele...e um desfecho que já de antemão se apresenta como inevitável...É a história de dois mundos, duas vidas, dois corpos que se cruzam durante a ditadura chilena: a 'louca da frente', uma travesti já em idade avançada, solitária, que vive em uma construção em ruínas em um bairro miserável de Santiago e preenche seus dias bordando toalhas para as esposas de militares e suas noites prostituindo-se para sobreviver, e um jovem e atraente guerrilheiro, que se apresenta como um estudante chamado Carlos.

É, pois, sobre um corpo infame, abjeto, aquele cuja vida não é considerada vida e cuja materialidade é entendida como não importante (BUTLER, 2019), e um relacionamento amoroso marginal, que desestabiliza e coloca em questão a ordem normativa e disciplinar imposta pelo sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, que as próximas páginas tentam problematizar.

A TRAMA

A história contada no filme se passa no ano de 1986, no Chile, e tem como pano de fundo os últimos anos da ditadura de Augusto Pinochet, marcados por conflitos intensos entre as forças armadas e grupos de oposição. A trama acompanha a vida de uma travesti cujo nome não nos é dado a conhecer, apresentada como a 'louca da frente'. Em uma noite, a boate em que ela está junto a outras travestis e *drags queens* é alvo de um ataque pela polícia, e uma delas acaba sendo baleada e morta. Após sair correndo, a personagem é interpelada pelo revolucionário Carlos, que também estava no local. Ele a abraça e a leva para um local escuro, inibindo a ação dos policiais que a perseguiam. Depois, ele acompanha a 'louca' até a casa dela.

No dia seguinte, Carlos retorna e a convence a guardar diversas caixas em que ele afirma ter livros que são '*tesouros para os chilenos*', '*materiais perigosos*', ao que a 'louca' lhe indaga: - *Mais perigosos que eu?* A partir desse momento, o jovem passa a realizar na casa reuniões de seu grupo que planeja um atentado contra o general Pinochet. Entre chegadas e partidas, segredos e descobertas, desejo e afeto vão sendo tecidos entre os dois.

A 'LOUCA' DA FRENTE: O CORPO INVISÍVEL QUE RESISTE

*Se um dia fizer uma revolução que inclua as loucas, me avise.
Que eu estarei na primeira fila!
(‘louca’ da frente)*

Um nome próprio distingue e identifica algo de forma específica, como uma pessoa, um lugar ou entidade geográfica. Ele instaura sentidos. Guimarães (2003, p. 54) afirma que “Um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e a fazer parte”. Dar nome à algo é dar-lhe existência histórica. A linguagem produzindo uma ‘partilha do real’ (GUIMARÃES, 2003).

Fazemos uso de tais palavras para introduzir nosso gesto interpretativo sobre a personagem travesti. Aquela que não é designada por um nome próprio mas que é tomada pela vizinhança do bairro como a ‘louca da frente’. A que é significada a partir da ideia da inadequação aos padrões normativos, do desvio, do patológico: o sujeito ‘anormal’ (FOUCAULT, 2001). Corpo dissidente que contrasta e se interpõe ao sistema político de enunciados hegemônicos que têm no controle do corpo o silenciamento da diferença (GORINI, 2019).

A personagem, quando conhece Carlos e este lhe pergunta como se chama, responde: - *Como me chamo? A quando não, a quando nunca, a sempre no domingo. A Teté, a Totó, a Milú, a Chumilú...mas, para Você, a Dona... Mexicaninho, eu não tenho nome.* Não ter um nome a ser lembrado, ser aquela que pode ser muitas, qualquer uma ou nenhuma a qualquer tempo.

Como um corpo travesti produz sentidos sobre si e se subjetiva a partir de um nome próprio quando o que “fala (ça *parle*) sempre antes, em outro lugar” (PÊCHEUX, 2009) impõe a ela determinados ‘regimes de verdade’? ‘O que pode esse corpo’⁵ que não importa e, portanto, não precisa ser chamado pelo nome?

Sabemos, com Foucault (2004), que o sujeito é falado pelos discursos que o constituem ao mesmo tempo em que os enuncia, e que, portanto, ao analisar um discurso,

(...) não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos confrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial,

5 Remetemos à pergunta realizada por Espinosa e citada por Deleuze em sua obra “Espinosa e o problema da expressão” (1968): “O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado”.

origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p. 207).

Essa indeterminação do seu nome próprio diz sobre o modo dessa personagem se significar e ser significada no mundo. Um sujeito que se constrói e é construído enquanto efeitos de discursos “produzidos no interior de inúmeras e bem concretas relações institucionais, sociais e econômicas” (FISCHER, 2001, p. 218), os quais não existem senão no corpo, ‘superfície de inscrição dos acontecimentos’ (FOUCAULT, 2021).

Quando Carlos descobre que a ‘louca’ não entregara uma encomenda realizada pela esposa de um importante militar, uma toalha a ser bordada com o escudo do país, esbraveja com ela, por medo de que a casa em que guarda suas caixas cheias de armamentos e munições seja invadida pela polícia. A travesti então responde: *Eu fiz isto por ti. Por ninguém mais. Porque este país sempre foi ingrato comigo. Nós não nos importamos com quem manda. Seja um militar, um comunista... Para eles, vamos ser sempre um bando de bichas de merda. Se um dia fizer uma revolução que inclua as loucas, me avise. Que eu estarei na primeira fila!*

Para essa personagem obscura, destinada a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca ter sido falada (FOUCAULT, 2003), a queda da ditadura militar, aspiração de Carlos, não a livrará da realidade imposta a esses sujeitos que, por ostentarem em seus corpos ou comportamentos os sinais de uma sexualidade ou identidade de gênero dissidentes, são alvo da ânsia reguladora e do controle autoritário. Ainda que a ditadura militares torne ainda mais explícitas as políticas morais conservadoras, também nos regimes comunista ou mesmo democrático a (hetero)normalização dos corpos se impõe como regra para toda a sociedade. Independentemente da forma de governo, há sempre um biopoder impondo as normas hegemônicas de práticas sexuais, de desejos, de gênero e de sexo.

A ‘louca’ sabe que aquela revolução não é para ela. Assim como Emma Goldmann sabia, quando afirmou: - *Se eu não puder dançar, não é minha revolução*⁶. A utopia de Carlos não pertence aos corpos que não importam. Para esses, qualquer regime é segregador, arbitrário, desafiador... Para esses, lembremos de Foucault (1999), as resistências sempre foram necessárias, espontâneas, selvagens, solitárias, violentas...

6 Emma Goldmann (1869-1940) foi uma anarquista de origem judaica conhecida por seus escritos e manifestos libertários e feministas.

Há uma cena emblemática no filme, quando a ‘louca’ vai entregar armamentos para companheiros de Carlos que esperam em outra parte da cidade. No caminho, um protesto, os gritos contra o ditador. A polícia chega. O medo. O silêncio que irrompe no ar. Todos vão para o chão. Menos aquele corpo invisível, que passa incólume pela barricada montada pelos policiais e chega ao seu destino. Menos aquele corpo sem nome determinado, que não é visto, que não tem lugar, que para existir/resistir encontra paragens em ‘heterotopias do desvio’ (FOUCAULT, 2013).

Para Foucault, a possibilidade de resistir faz parte do jogo agonístico das relações de poder. Em nosso entendimento, é nesse jogo permanente de afrontamento das estratégias de criação de modos de liberdade contra as estratégias de assujeitamento do poder (SEIXAS, 2011) que se desenvolve na personagem:

(...) a busca pela afirmação da vida em sua realidade efetiva, que se apresenta prazerosa e séria, insustentavelmente leve e insuportavelmente pesada. Essa condição, em nossa interpretação, constitui-se no pressuposto da relação de agonismo, que sendo luta, traz consigo as potencialidades das transformações e dos ultrapassamentos, através deste confronto incessante de criação de estratégias, empreendendo lutas que valorizem estilizações da existência dos indivíduos que criam e recriam suas formas de liberdades contra os modos de submissão das subjetividades (SEIXAS, 2011, p. 80).

O corpo infame que resiste, é, pois, a vida que se torna “resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida” (DELEUZE, 2005, p. 99). A travesti, submetida a uma rede complexa de poderes, ‘sobre os quais se produz e contra os quais resiste’ (FOUCAULT, 1999), carrega discursos como parte de seu próprio sangue (BUTLER, 2002). Saiu falhado. Eram essas as palavras ditas por seu pai. Era a explicação por que aquele corpo avesso ao futebol merecia submeter-se à violência dos meninos mais velhos, para “se tornar homem”. É a partir dessa ‘falha’, dessa falta constitutiva que esse corpo flutuante não reconhecido em suas singularidades vai se significar. E é, também, porque ‘não há apenas singularidades presas em relações de força, mas ainda singularidades de resistência’ (DELEUZE, 2005), que esse sujeito vai poder traçar linhas de fuga frente aos mecanismos disciplinares e de controle do biopoder.

AS DUAS GUERRILHAS DE CARLOS

*Pero cuando torero Jugueteeas con la muerte yo me olvido de mi miedo. Y en ti
creo torero, Te jaleo torero.
Olé torero!*⁷

Carlos é um homem cisgênero, jovem, atraente, barba cerrada e cabelos escuros, nascido no México e disposto a executar, junto a um grupo de guerrilheiros da Frente Patriótica Manuel Rodríguez, um atentado contra o ditador Augusto Pinochet. O corpo que resiste pelo ideal de um Chile livre do autoritarismo, que carrega a aspiração coletiva daqueles que desejam a revolução. Eis sua primeira guerrilha.

No princípio, Carlos utiliza-se da sedução e do flerte com a travesti para conseguir esconderijo. Há um plano a ser posto em prática, e o sobrado em que a ‘louca’ vive torna-se o refúgio insuspeito para seu grupo. Ali acontecem reuniões em que se planeja, passo a passo, o dia e a hora do atentado. Ali, no reduto daquele corpo marginal, ensaia-se a derrocada do grande ditador chileno. O que vemos na tela, no entanto, é o encontro de duas vidas infames que, em suas singularidades, inventam formas de resistir ao poder.

Com o passar dos dias,

Las conversaciones de Carlos con la Loca del Frente, los recuerdos compartidos, las confidencias modifican la relación; la dependencia, la asimetría, la desigualdad se suprimen paulatinamente y, a pesar de que todo simula ser otra cosa, la amistad, los muebles, las reuniones, las cajas, el paseo, el lanzacohete, queda el residuo de la lealtad, del compromiso, el respeto mutuo. El aprendizaje de la Loca, su nueva conciencia política, “reterritorializan” su amor, la(lo) devuelven a una realidad que ninguno puede cambiar (LÓPEZ MORALES, 2005, p. 128).

Então percebemos que Carlos inicia a sua segunda guerrilha: permitir-se viver aquela história de amor. Ele, o revolucionário de esquerda que sequer sabia-se homem gay. Que assim como seus companheiros, até antes de conhecer a ‘louca’, era indiferente àqueles corpos periféricos.

Ao adentrarmos no microcosmos daquele sobrado e acompanhar a trajetória daquele romance, encontramos um sujeito que vai se deixando fisgar por um afeto que mobiliza gostos, toques e sons. Um afeto que desestabiliza verdades e traz à tona a experiência homossexual que Carlos tivera no passado. É quando ele confia à ‘louca’ sua ‘experiência de adolescente’, silenciada até aquele instante.

⁷ Idem nota 2.

Conforme passam-se os dias, Carlos seduz e é seduzido pela ‘louca’. É um jogo de reciprocidade, um ‘desejo-inquietação’ (FOUCAULT, 2010a) que atravessa aqueles dois corpos. Carlos entrega-se aos poucos. Em pequenas doses de paixão e desejo. Também essa é sua batalha, afinal.

DO AMOR E DA VIDA NAS MARGENS

O que vão dizer de nós? Seus pais, Deus e coisas tais, quando ouvirem rumores do nosso amor? Baby, eu já cansei de me esconder, entre olhares, sussurros com você, somos dois homens e nada mais. Eles não vão vencer, baby, nada há de ser em vão. Antes dessa noite acabar, dance comigo a nossa canção...
(Johnny Hooker)

Lá fora, uma cidade abalada depois do terremoto, a violência do estado de exceção imposto pelo regime, o clamor das mães dos desaparecidos, as intermitentes notícias no rádio. No casarão, dias de bordados de toalhas, noites de boleros evocando o gesto sexual. O limão e o sal, o gosto da tequila na boca: a anunciação do prazer. Na ilusão de um mundo que se faz alheio à realidade, um corpo oferecendo ao outro aquilo que lhe é mais caro: A ‘louca’, o esconderijo e a paixão; Carlos, o mistério e o flerte.

Desse encontro-acontecimento que se inscreve na ‘superfície dos corpos’ (FISCHER, 2001), irrompe uma história de amor e de cumplicidade intensa e fugidia de dois ‘infames’, cujo ponto mais intenso de suas vidas, “aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 2003, p, 208). Corpos que trocam com o poder ‘palavras breves e estridentes’ antes de voltar para a noite:

Então – você finalmente percebe –, essa história é de medo: a mesma história que Pedro Lemebel viveu na ditadura, a mesma canção que Lola Flores imortalizou nos anos 90. O próprio título já dizia: Tenho Medo Toureiro, “*tengo miedo cuando se abre tu capote, de que el borde de la tarde, el temido grito flote*”. Aí você ouve o sussurro do poeta, do louco, do homossexual, do rebelde, do velho... são afinal muitas vozes – e nomes, medos, obsessões (TENHO MEDO TOUREIRO, 2021).

E eis que nasce um romance, ainda que improvável, ainda que sufocado, como todo o país naquele momento. Romance vivido à margem, soma de medos e desejo. De silêncios cúmplices e algumas mágoas. Até o dia em que,

depois que as ruas de Santiago explodem em protestos contra o ditador, alvo de um atentado malsucedido na noite anterior, a 'louca' e Carlos precisam escapar da cidade. Até o dia em que, tendo o mar diante de si pela primeira vez, a travesti é convidada por Carlos para fugir para Cuba. Até o momento em que, ouvindo Carlos oferecer-lhe sua amizade no outro país, responde que está velha demais para viver algo que não seja o amor: - *Eu não tenho amigos, tenho amores*. E então ela se volta, uma vez mais, para a solitária imensidão do oceano: - *O meu atentado também falhou*.

Assim termina a história desses dois corpos infames, a travesti e o rebelde, que, em suas singularidades de resistência e de afetividade, experimentam uma relação de amor e de cumplicidade intensa e fugidia em um país mergulhado em uma violenta ditadura: a resistência ao poder enquanto possibilidade de 'vida nas dobras' (DELEUZE, 2005).

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, J. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. Revista Estudos Feministas. Vol.10, n.1 Florianópolis, Jan. 2002. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 1 out. 2021.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Espinosa e o problema da expressão** (1968). Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **CADERNOS DE PESQUISA**. São Paulo, n. 114, p. 197-223, novembro/2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt%3E>. Acesso em 2 mai. 2021.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, Poder-Saber**. Ditos & Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

FOUCAULT, M. Da amizade como modo de vida (1981). In: _____. **Repensar**

a **Política**. Ditos & Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense, 2010a, p. 348-353.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010b.

GORINI, P. Corpos dissidentes: perspectivas de gênero e sexualidade na construção de um corpo político. In: XV Enecult. v. 1, 2019. **Anais**. em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111651.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2021.

GUIMARÃES, E. Enunciação e política de línguas no Brasil. **Revista Letras**, n.27, p. 47-53, 2003. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/letras27.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

LOPEZ MORALES, B. Tengo miedo torero, de Pedro Lemebel: ruptura y testimonio. **Estud. filol.**, Valdivia, n. 40, p. 121-129, set. 2005. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:261540>. Acesso em 29 out.2021.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SEIXAS, R. L. da R. A condição estratégica do exercício do poder em Michel Foucault. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.71-80, 2011.

TENHO Medo Toureiro. **Spoilermovies**, 2021. Disponível em: <https://spoilermovies.com.br/2021/04/20/tengo-miedo-torero/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

TENHO Medo Toureiro. Direção: Rodrigo Sepúlveda Urzúa. Produção: Forastero Producciones, Tornado Cine S.R, Beita Producciones. Chile: Amazon Prime, 2020. (93 min), Legendado. Espanhol. Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0KN9626RLI5WOD36XNMG04W0JF/ref=atv_dp_share_cu_r. Acesso em: 1 out. 2021.

“PEQUENO MANUAL DA CULTURA SURDA” PARA PENSAR A GOVERNAMENTALIDADE A PARTIR DE FOUCAULT

Gabriela Sehnem Heck¹

Para a atividade final da disciplina “Michel Foucault – Textos Escolhidos”, da faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ministrada pela professora Rosa Fischer, escolhi a performance intitulada “Pequeno Manual da Cultura Surda”. A performance, que foi transmitida pela TV CULTURA e está disponível no *youtube*², tem aproximadamente dois minutos e é de autoria de Catherine Moreira e interpretação de Cauê Gouveia. Antes de ler esse ensaio, convido você a assistir à peça sem qualquer influência do que será discutido aqui, para que você possa comparar a sua percepção com relação ao vídeo antes e depois da leitura. Se possível, anote o que você sentiu, se algo lhe causou estranhamento, se você sabia das “regras” desse manual.

A performance do vídeo faz parte de um movimento chamado *Slam do Corpo*, do grupo Corpo Sinalizante, que reúne poetas surdos e ouvintes³ em performances que envolvem a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O movimento *Slam* surgiu nos anos 1980 nos Estados Unidos como uma representação performática de poesia, que abriu espaço para a discussão de problemas sociais, como racismo, machismo, LGBTQIAPN+fobia, desigualdades, preconceito, entre outros (SANTOS, 2018). O diferencial no *Slam do Corpo*, além da relação entre surdos e ouvintes, é a representação da identidade e cultura surda através da performance poética, em um contexto onde “o corpo surdo,

1 Bióloga, Mestre em Educação em Ciências e Matemática e Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES modalidade I. E-mail: heck_gs@gmail.com.

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7zXWqpHyAE>. Acesso em: 07 fev. 2022. Caso o link se encontre indisponível, é possível acessá-lo em: <https://vimeo.com/224869343>. Acesso em 07 fev. 2022; ou em: <https://vimeo.com/302608010>. Acesso em 07 fev. 2022.

3 Ouvinte é o termo utilizado para se referir à pessoa que não é surda.

até então visto pela sociedade numa perspectiva patológica, deficiente auditivo, mostra a sua força afirmando sua presença enquanto matéria criativa, produtiva, enquanto corpo que também é lugar da memória” (SANTOS, 2018, p. 3).

Segundo Santos (2018, p. 6):

O *Slam do Corpo* abre possibilidades para que as pessoas ouvintes possam compreender a importância da inclusão na nossa sociedade, possam reconhecer as pessoas surdas dentro das suas múltiplas identidades como o surdo negro, surdo LGBTQI, a mulher surda, surdos oralizados(as), implantados(as), conhecedores(as) ou não da Libras, que também passam por processos de invisibilidade social. Além disso, este *Slam* fomenta a circulação dos artistas surdos espalhados pelo país, incentivando a produção criadora destes indivíduos e fazendo com que outras pessoas surdas que não necessariamente sejam artistas, se sintam representadas política, econômica, artisticamente.

A performance “Pequeno Manual da Cultura Surda” é apresentada por um homem e uma mulher, lado a lado, com um microfone à frente, entre os dois. Logo nos primeiros segundos, percebemos que o homem e a mulher estão oralizando e sinalizando em Libras, mas o que chama a atenção é que o som emitido pelo homem é compreensível aos ouvintes – pois ele fala em português –, enquanto o som que a mulher emite não é. Nesse momento, podemos identificar que a mulher é surda, e que, por isso, sua pronúncia pode causar estranhamento, afinal, se ela nunca ouviu o português – ou ouviu muito pouco –, é compreensível que sua pronúncia não seja como a de um ouvinte.

Quando eu afirmo que o som emitido pela mulher “pode causar estranhamento”, e justifico isso por que “ela é surda”, rotulando, diferenciando-a do ouvinte e muitas vezes estabelecendo um “certo” e um “errado”, um “normal” e um “anormal”, eu estou praticando um processo que vivenciamos todos os dias, desde o dia em que nascemos até o dia em que morremos, sem nos darmos conta: a governamentalidade (FOUCAULT, 2011). Esse conceito é trabalhado por Foucault em diversas de suas obras, para se referir basicamente ao objeto de estudo das maneiras de governar. Castro (2004, p. 190) traduziu esse conceito para uma linguagem leiga e define a governamentalidade de Foucault como “o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma de exercício do poder que tem, por objetivo principal, a população”.

Assim, estamos inseridos em uma cultura, uma sociedade de controle, de govern(ament)o. Existe regras, normas, que nos ditam diariamente o que

é normal e o que é desviante, e como devemos consertar, nos adaptar, nos moldar à essa norma – para sermos, enfim, normais. Foucault (1987) nos fala que o corpo é alvo de um poder disciplinar e que a disciplina opera separando, segregando, esquadrinhando indivíduos para classificá-los, distribuí-los de acordo com suas respectivas aptidões (FOUCAULT, 1987). A disciplina fez o corpo entrar em uma economia de poder que visa nada além do que a correção a partir de mecanismos que o tornam cada vez mais governável, dócil, e, assim, cada vez mais útil à uma sociedade neoliberal.

Esse binômio da docilidade-utilidade é referido pelo próprio Foucault (1987) em sua análise sobre os efeitos do disciplinamento. A lógica da produção dos corpos dóceis necessita de espaços propícios para que sejam colocadas em ação, dando origem a uma arquitetura de instituições específicas que foram meticulosamente planejadas para que a organização do espaço corrobore o disciplinamento (FIMYAR, 2009). Assim, a governamentalidade corresponde ao “esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de controle, normalização e moldagem das condutas das pessoas” (FIMYAR, 2009, p. 38).

Ao rotular como surdo ou ouvinte, eu crio uma diferença, eu justifico um estranhamento, eu tento normalizar. Por outro lado, a primeira “regra” do manual apresentada no vídeo é uma categorização, uma diferenciação entre expressões que desqualificam a pessoa surda e são carregadas de preconceitos e estigmas: “1 – a palavra é surda, não surda-muda. Muda é uma pessoa que não tem voz, o surdo tem voz. Se você dúvida, deixa ela gritar no seu ouvido”. Essa é uma diferenciação muito importante e necessárias para a comunidade surda, pois historicamente associa-se a surdez à mudez, supondo-se que, como os surdos não conseguem ouvir – ou ouvem pouco –, muitas vezes não aprendem a falar o português (ou a língua local) e, portanto, não “falam”. Mas os surdos não só têm voz, como são plenamente capazes de aprender a falar oralmente qualquer língua e emitir qualquer som que um ouvinte consegue emitir. Além disso, eles não só têm voz sonora, como têm voz pelas mãos, ao fazerem uso da língua de sinais. Nesse caso, é importante definir o que é ser surdo, e o que é ser mudo, sendo relevante lançar mão de rótulos para não desqualificar a pessoa surda, atribuindo a ela uma característica que não é sua e que atua de maneira pejorativa.

O segundo ponto do manual é “2 – Libras é uma língua completa, com gramática e tudo. Não é mímica igual... aquele jogo... Imagem e ação! Não.

Também não é gesto, tipo... o banheiro é para lá”. Esse é outro caso em que o uso de rótulos é muito importante: a Libras é uma língua, não uma linguagem, mímica ou gestos. Usar esses termos para se referir a língua de sinais é uma forma de desqualificá-la e apagar todo seu histórico de luta por reconhecimento e toda a cultura que a compõe. A Libras é uma língua reconhecida nacionalmente como o meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda por meio da lei federal nº 10.436 desde 2002 (BRASIL, 2002).

Nos dois casos citados acima, da mudez e da linguagem, é muito importante fazer o uso correto das expressões, respeitando a história e as lutas por legitimação da língua e cultura surda. Não podemos deixar de salientar que a comunidade de pessoas surdas sofreram e sofrem historicamente com a governamentalidade de uma cultura ouvinte, que os força a se “encaixar” em uma cultura que não as representa. Técnicas de oralização, leitura labial, uso de aparelhos auditivos, implantes cocleares e até amarrar as mãos para impedir a sinalizar são algumas das maneiras de fazer o surdo se encaixar no mundo ouvinte (HECK, 2021). A comunidade surda tem uma língua única, rica e natural, capaz de expressar quaisquer tipos de sentimentos, estados emocionais, palavras, expressões, nomes, números, enfim, tudo, e deve ser valorizada e reconhecida por isso.

Ainda sobre o segundo ponto, é dito que “sinais podem significar palavras, mas também representam estados emocionais diferentes, que deixam palavras como ‘saudades’ no chinelo. Quer ver?” nesse momento, é sinalizado a palavra saudades (Figura 1), que tem uma representação muito marcante, por ser feita pela configuração de mão na letra A fazendo movimento circulares ao lado esquerdo do peito, como se representasse algo que vem do coração.

Figura 1 – Sinalização de “saudades”



Fonte: Cunha Junior (2018).

É muito difícil descrever em palavras – no português – o sinal de saudades da língua de sinais, o que demonstra a riqueza de uma língua que não se baseia apenas em palavras, pois os sinais na Libras apresentam cinco parâmetros: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e, o mais importante, expressão facial/corporal (ANDREIS-WITKOSKI, 2015). Só vendo uma pessoa sinalizando para entender.

O terceiro ponto reflete sobre a questão comentada nos parágrafos anteriores, de encaixar o surdo no mundo ouvinte, sendo dito que “Não existe milagre. ‘Por que essa surda não usa um aparelho? Ou um implante para ouvir logo?’”. Essas são frases e tentativas muito frequentes na vida de pessoas que nascem ou desenvolvem surdez, pois o ouvinte não aceita que o outro, surdo, não se comunique como ele, afinal, ouvir e se comunicar pelo meio oral é o “normal”. Foucault (1987) corrobora ao dizer que os desviantes recebem sanções – o corpo surdo como um corpo defeituoso que deve ser consertado –, recebem intervenções sobre os seus corpos – a uso de aparelhos, implantes, etc. – e, após um exame, se avalia os efeitos da sanção em termos de sua realocação para o interior da norma – o surdo que se comunica pela oralidade atinge certo padrão de normalidade. Aqui deixo explícito de que não há mal nenhum em uma pessoa optar por usar um implante ou aparelho para ouvir, mas questiono essa ser a única alternativa ou “solução” que se expõe à pessoa surda, sem respeitar ou nem mesmo lhe apresentar a cultura surda e língua de sinais.

A parte mais chocante da performance, e que parece dialogar diretamente com Foucault, é quando é dito “Todos os procedimentos para normalizar as pessoas envolvem dor, custo e risco. Envolvem dizer ‘você tá errado, você tá errada, você tá errado’. Tem um padrão e você não se encaixa. Quer aprender um sinal? OPRESSÃO”. Essa frase resume tudo o que eu posso pensar em falar sobre governamentalidade. Ela diz exatamente o que tentei expor no começo: vivemos em uma sociedade com um padrão, uma governamentalidade, e se você não se encaixa, você será excluído, será obrigado a passar por métodos de adequação, que muitas vezes envolvem técnicas modernas de tortura, seja pela dor física ou psicológica. Com tortura quero dizer que, no caso das pessoas surdas, serão sempre excluídas por não se adequarem ao mundo ouvinte, e por isso carregarão marcas dolorosas. Para se adaptar, terão que fazer cirurgias excruciantes ou aprender a “falar” (oralmente) por métodos exaustivos, aprender a ler lábios, entre outros, pois se não fizerem

isso, nunca serão suficientes nessa sociedade.

A tentativa de oralizar esse grupo, ou seja, torná-los mais parecido com os ouvintes, constitui-se como um ato de normalização por meio de um discurso *oralizante* dominante sobre a surdez, que se caracteriza, segundo Lodi (2005, p. 416), no:

[...] abafar, no inferiorizar, no descaracterizar as diferenças, elevando e enfatizando aquilo que estava ausente no Surdo frente ao modelo ouvinte (a audição, a fala, a linguagem), determinando o desenvolvimento de abordagens clínicas e práticas pedagógicas que buscavam o apagamento da surdez, por meio da tentativa de restituição da audição pelo uso de aparelhos de amplificação sonora, e de levar os Surdos ao desenvolvimento da linguagem oral a partir de técnicas mecânicas e descontextualizadas de treino articulatório.

Historicamente, os surdos passaram por processos de exclusão, segregação, inclusão e adequação constantes. Na história da educação de surdos, sabe-se que até 1760 os surdos eram mantidos em casa, e recebiam educação domiciliar individual, com o auxílio de médicos e figuras religiosas, e se comunicavam por meio da fala, da escrita, da utilização do alfabeto manual e de sinais. Entre 1760 e 1880, houve a fundação das primeiras escolas especiais para surdos e a educação passou a ser coletiva, também houve o reconhecimento e valorização da língua de sinais na educação de surdos. No ano de 1880 ocorreu um marco negativo, com consequências até os dias de hoje: um congresso, realizado por ouvintes, determinou que o oralismo seria o método ideal para a educação de surdos, e que a comunicação por meio de sinais deveria ser proibida. A partir disso, houve um retrocesso na cultura, na língua e na liberdade da comunidade surda, e os poucos que ainda usavam a língua de sinais, se escondiam em associações de surdos clandestinas, para manter cultura viva (HECK, 2021).

A partir de 1994, com a declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), essa história mudou. Houve certo reconhecimento da língua de sinais como meio de comunicação legítimo entre os surdos, e o reconhecimento de que o processo educacional de surdos deveria ocorrer nessa língua, o que culminou com a criação de escolas bilíngues – onde se aprende a língua de sinais e a língua oral majoritária do país. No Brasil, a Libras só foi reconhecida em 2002 (BRASIL, 2002), ou seja, é uma língua muito recente, e a partir de seu reconhecimento, houve também a legitimação da comunidade surda e o desenvolvimento estratégias de inclusão de surdos nos contextos das escolas

comuns. Por mais que Foucault não tenha estudado a inclusão diretamente, suas pesquisas podem ser aplicadas ao campo da inclusão de surdos, sendo a inclusão uma forma de governo. A inclusão pode ser entendida como um “conjunto de práticas sociais, culturais, educacionais, de saúde, entre outras, voltadas para a população que se quer disciplinar, acompanhar e regulamentar” (VEIGA-NETO; LOPES, 2011, p. 126). A inclusão corresponde então, a um “conjunto de práticas biopolíticas que visam normalizar as condições de vida” (LOPES; RECH, 2013, p. 210). Por isso a inclusão, como prática de disciplinar, docilizar corpos, é entendida como uma ferramenta de governamentalidade.

Mas a governamentalidade, nesse caso, não tem um teor somente negativo, pois a inclusão é necessária em um país onde a exclusão de pessoas com deficiência é tão “normal” e tão frequente. Até que se entenda e coloque em prática o que diz o artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (ONU, 1948), até que se entenda, como é dito no vídeo, que “o surdo pode ser esperto, lerdo, legal, chato, tímido, bravo, homem, mulher, nenhuma das alternativas, todas as alternativas, igual a uma pessoa, sabe?”, enfim, até que todas as pessoas tenham seus direitos respeitados, e sua identidade valorizada, haverá a necessidade de se desenvolver práticas e políticas de inclusão – do que está excluído.

Para finalizar, o vídeo transmite uma mensagem que é muito importante – a Empatia:

Figura 2 – Sinalização de “Empatia”



Fonte: Cunha Junior (2018)

A empatia, segundo o dicionário, é a habilidade de imaginar-se no

lugar de outra pessoa (MICHAELIS, 2022), mas essa palavra tem um sinal muito significativo, pois representa um sentimento que parte de dentro para fora, de mim para você, de um para o outro. O que falta à nossa sociedade é empatia, se colocar no lugar do outro. Foucault tanto nos fala em relações de poder, de força, e nessa sociedade neoliberal tudo se resume a ter mais e mais poder, que acabamos nos esquecendo dos sentimentos mais simples que podemos ter em relação ao próximo: a empatia.

REFERÊNCIAS

ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia. **Introdução à Libras: língua, história e cultura**. Curitiba: UTFPR Editora, 2015.

BRASIL. Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. **Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial**, Brasília, p. 1–16, 1994.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Brasil, 2002.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault : um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

CUNHA JUNIOR, Elias Paulino da Cunha. Pequeno Manual da Cultura Surda. In: **YouTube**. [s.l.] : Canal Elias Paulino da Cunha Junior, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7zXWqpHyAE>. Acesso em: 7 fev. 2022.

FIMYAR, Olena. Governamentalidade como Ferramenta Conceitual na Pesquisa de Políticas Educacionais. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 35–56, 2009.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 20.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 29. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

HECK, Gabriela Sehnem. **Popularização da ciência e inclusão de surdos: um estudo sobre espaços museais acessíveis**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2021.

LOPES, Maura Corcini; RECH, Tatiana Luiza. Inclusão, biopolítica e educação. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 210–219, 2013. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12942>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MICHAELIS. Empatia. In: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empatia/>. Acesso em: 7 fev. 2022.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Organização das Nações Unidas**, [S. l.], 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SANTOS, Natielly de Jesus. O Slam do Corpo e a Representação da Poesia Surda. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 1–10, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão , Exclusão , in / Exclusão. **Verve**, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 121–135, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/14886>. Acesso em: 10 fev. 2022.

VIDA ESCRITA: ATRAVESSAMENTOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E MICHAEL FOUCAULT

Lolita Goldschmidt¹

*Eu sou negra, a fome é amarela e dói muito,
quem inventou a fome são os que comem
Carolina Maria de Jesus*

OS CAMINHOS E APROXIMAÇÕES

Início esta escrita pedindo licença para adentrar neste universo tão rico e ainda timidamente conhecido por mim; o pensamento Foucaultiano. Considero necessária uma breve explanação sobre o meu fazer artístico-acadêmico e sobre a forma que as teorizações em Foucault têm afetado o modo de olhar minhas produções.

Venho do campo das artes, mais precisamente das artes cênicas, desenvolvo meu pensar dentro do teatro e da palhaçaria, e minhas pesquisas costumam debruçar-se sobre a parte prática destes campos. Tenho me dedicado a ampliar o olhar para outras formas de reflexão do meu pensar em arte, procurando modos de compreender novas possibilidades de reverberação da mesma no terreno da educação. Assim, os estudos Foucaultianos tem sido impulsionadores, embora eu ainda sinta que ande em passos lentos neste terreno.

Minha pesquisa atual estuda o riso com mulheres mães em situação de pobreza, tendo como suporte o olhar da Performance e Educação, com o intuito de analisar as possibilidades e impactos do riso no contexto social e na constituição dessas mulheres. Para o recorte desse ensaio, permito-me deixar o riso um pouco de lado e olhar para a pobreza, ainda que eu não pretenda,

1 Doutoranda em Educação pelo PPGEDU/UFRGS desde 2020, mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFRGS (2015), licenciada em Teatro pela UFRGS (2008), Especialista em Gestão Cultural SENAC EAD (2011). Atriz, palhaça, professora de yoga, mãe e pesquisadora. Integra o NIC – mulheres palhaças e a Las Brujas, cia de teatro e artes integradas.

neste momento, aproximá-la de Foucault, mas foi através dos estudos sobre a pobreza que tive contato com *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, obra escolhida para construção das pontes aqui propostas. Acredito, dessa forma, que sejam necessárias algumas palavras para compartilhar os caminhos que me levaram a pesquisa e também a escolha das aproximações para esta escrita.

UMA PAUSA PARA AS PALAVRAS DE CAROLINA

Início a leitura do livro *O quarto de Despejo*. Logo na primeira página, a autora me fisga com uma enxurrada de realidade: “Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 2014, p. 11). A realidade é da comunidade do Canindé, na São Paulo de 1950, mas as notícias na tela do computador me dizem que o impacto dessas palavras é atual. Basta navegar rapidamente na rede social para encontrar uma porção de notícias escandalizadoras sobre a situação do país: “país da fome – mulher caminha 04 Km em Cuiabá para buscar ossos e alimentar a família”. “Tá tudo caro – inflação atinge a maior taxa desde a criação do Real”. “18 milhões de brasileiros passam fome”. “Minha aluna desmaiou de fome”.

Olho pela janela e as ruas da cidade desvelam uma pobreza que retorna de forma avassaladora ao Brasil, como há tempos não se via. O carro para alguns segundos no sinal e logo é abordado por vendedores de mercadorias, moradores de rua, pessoas pedindo esmola ou comida. Rapidamente, é possível perceber que algo mudou no cenário das cidades, que a fome e a precariedade de vida aumentaram. Perceber a pobreza, sobretudo, a extrema pobreza, traz consigo um apelo de que algo necessita ser feito, de que essa realidade precisa de ações urgentes.

A catadora sai pelas ruas, suas pernas doem, seus braços cansados de catar papel doem, a barriga vazia dói... Leio seu relato e a minha alma dói. Não suporto muitas páginas, sinto um misto de desespero e tristeza diante da pobreza extrema, sinto vergonha dos privilégios que me cercam, das minhas reclamações cotidianas e, por vezes, da minha imobilidade. Minha vergonha dói e neste dia não consigo ler mais que três ou quatro páginas do livro...

Escrevo. Tenho na escrita uma aliada para organizar os pensamentos e sensações. Carolina escreve. Ela o faz com toda a sua alma, consegue colocar

no papel uma fatia da pobreza que minha realidade não conseguiria alcançar. Durante o dia, catava papel e materiais recicláveis para vender, para garantir sua sobrevivência e a dos três filhos ainda pequenos. Nas horas vagas escrevia, uma contundente escrita testemunhal sobre a favela, como até então, não se havia visto no Brasil.

A literatura de Carolina é uma experiência impactante, parece não ser apenas uma opção, parece ser uma condição de vida. Penso que esse é um poderoso mecanismo de subjetivação, ainda mais se levarmos em conta que “o sujeito passa a ser, então, aquilo que dele se diz. Por isso trabalhamos e colocamos foco em nossas pesquisas nos modos de subjetivação, isto é: as formas pelas quais as práticas vividas constituem e medeiam certas relações da pessoa consigo mesma” (PARAÍSO; MEYER, 2012, p. 29). Poderíamos, então, pensar na escrita de Carolina como mais um componente na produção discursiva do sujeito, como mais uma ferramenta a produzir efeitos nas relações de poder saber? Cada linha é um desvelar dessa construção:

...comecei a fazer o meu diário. De vez em quando parava pra repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mandei o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha bochechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros quanto você.

Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler. O Seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos. Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus (JESUS, 2014, p. 26).

A ENXURRADA DE REALIDADE QUE BATE À PORTA

Minha pesquisa foi iniciada em um momento histórico e delicado do Brasil, em plena pandemia da COVID-19. O país assolado em insegurança e medo, ainda sem perspectivas de vacinação, passa a mergulhar mais uma vez vertiginosamente nos gráficos da pobreza. A falta de perspectiva para o futuro se tornou uma constante para grande parte da população. Em meio a luta pela sobrevivência diária que, para mim, passou a evidenciar dificuldades de uma vida “sem garantias” e as fragilidades de ser artista no país, ficou cada vez mais difícil sorrir.

Há tempos, tenho me identificado fortemente com as questões

feministas, e sentido vontade de mergulhar mais profundamente nas investigações neste campo. Agora, a pandemia apresentou-me outro dado, a insegurança, pois fiquei grande período sem a possibilidade de trabalhar, conseqüentemente, sem ganhos, o que gerou incertezas e muita ansiedade. Mas o fato é que voltei meu olhar para a pobreza tão ressaltada no país, passei a ser tocada pelas questões de outras mulheres que, assim como eu, são mães e foram assoladas pela insegurança em relação aos seus futuros e de seus filhos.

Eis que encontrei na escrita, nos diários, um ponto de esperança e pausa em meio a este triste cenário onde pouco se ri. No decorrer de minhas leituras tive um impactante encontro com o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, obra surgida do diário da catadora de papel, uma literatura que é encharcada de verdade que relata a dura e triste realidade de quem não tem amanhã. Esse encontro foi daqueles que nos reverbera, que nos faz repensar nossa existência. O diário escrito na década de cinquenta, nunca perdeu a atualidade, relata a crueza do cotidiano da favela; a linguagem simples e impactante acabou por capturar meu sentir e foi desvelando, página a página, pobrezas existenciais minhas, passou a impactar-me em diferentes instâncias. O que sinto com seus escritos foge do racional, transporta-me para uma fatia da favela e me faz dialogar em outras camadas com a pobreza que tanto tenho estudado.

Embora nossas realidades sejam amplamente distintas, há uma parte minha que se reconhece nas palavras da autora, me identifico, reflito, transformo-me com sua escrita. sinto que preciso escrever mais sobre esse encontro e, assim, escolho essa obra para esse ensaio desafiando-me a aproximá-la das teorizações em Foucault, com o desejo de que a reverberação desse encontro me possibilite ainda mais caminhos.

Neste desafio autoral de tentar ligações entre a obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e o pensamento em Michel Foucault, sinto-me chamada a olhar os estudos do autor sobre as práticas de si, mais precisamente sobre a escrita de si, como impulsionadora de uma reflexão. Considero necessário reforçar que, de modo algum, minha ideia é aplicar um conceito, visto que seria descabido simplesmente deslocá-lo de sua época e querer enquadrá-lo nesta realidade. Compreendo também que os conceitos para o autor não são homogêneos, não são iguais ao longo de sua obra, tenho consciência de que os eixos e conceitos, apesar de distintos, podem dialogar, estão relacionados entre si e de que sofrem deslocamentos constantes de acordo com a

necessidade de abarcar, ou dar conta de determinada análise.

Eis algumas questões bastante iniciais: Seria possível uma apropriação desse conceito para essa aproximação? Seria possível falar da escrita de si, se não estamos em uma realidade Greco Romana Antiga? Pensar em uma forma fragmentária, visto que estamos falando de universos completamente diferentes, seria um caminho? Como o uso dos conceitos, dos estudos em Foucault, poderia nos auxiliar para pensar o nosso presente com as questões desse nosso tempo, com as questões que o nosso ser sujeito latino americano pede?

A ESCRITA QUE TENSIONA VERDADES

A escrita de si compunha uma série de outras ações de cuidado de si, integrava a vida de sujeitos ocupados com esse cuidado, constituía um modo de vida. Nós não vivemos uma cultura de si nos termos estudados por Foucault a respeito da cultura Helênica, por isso, a impossibilidade de simplesmente se aplicar um conceito e tirá-lo do seu contexto. Assim, assim, não poderíamos falar em uma forma de vida, mas penso que podemos falar de pequenas práticas cotidianas, é possível olhar para elas como algo fragmentário inserido na nossa realidade.

O autor estuda com profundidade as tantas formas possíveis de se ser sujeito ao longo da história. Ele nos coloca que o “si” das práticas de si compreende as relações consigo, o si é uma relação, mas é preciso estar atento, pois esse si é dinâmico, não é interiorizado, não tem a ver com esse eu egóico que temos hoje.

Bem sabemos que Hipomenata não se trata de uma narrativa de si, não são diários, “constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (FOUCAULT, 1983, p. 147). Trata-se de extrair algo do material estudado, uma espécie de fichamento para se “arquivar na alma”, não diz respeito a um sentido memorialístico, a algo vivido pelo sujeito. Seria uma extração interessada e ligada a algo que aparelharia para a vida. Algo que possibilitaria outra relação com os infortúnios da vida.

Como não lembrar de Carolina nessas palavras? A escrita sempre foi sua aliada, sempre esteve com ela e era caminho para superar até mesmo os momentos mais desafiadores, como as noites insones por conta da fome que a corroía, ou mesmo a fúria diante de alguma injustiça ou humilhação no seu pesado cotidiano. Ouso, então, olhar um pouco mais para essa escrita tão

impactante: “Morreu um menino aqui na favela. Tinha dois meses. Se vivesse ia passar fome.” (JESUS, 2014, p. 124).

A Escrita de si tem relação com o lugar do sujeito no mundo, com a forma como ele se coloca no mundo em relação com os outros. Permite estabelecer com os outros um outro tipo de relação: “... Já faz tanto tempo que eu estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?” (JESUS, 2014, p. 125).

O que Carolina Maria de Jesus fazia não era cuidado de si, não era escrita de si, como a estudada por Foucault, como a praticada na cultura Greco Romana, mas ousou pensar que era imergir em uma prática que a colocava em outra relação com a verdade, com o tempo em que vivia. A obra literária da autora provoca a nos relacionarmos diferentemente com as verdades do nosso tempo, ela traz cor, cheiro e textura, é quase um soco no estômago no que diz respeito a extrema pobreza. O texto “A escrita de si” mostra que o sujeito precisava escrever sobre os seus dias, escrever sobre aquilo que afligia sua alma e, ao mesmo tempo, trocar isso com o outro, significa realmente algo com o qual o sujeito está ocupado durante todo o seu dia ou no decorrer dos dias.

Ainda que não caibam em uma categorização como escrita de si, os diários de Carolina parecem permitir outra forma dela viver sua realidade, parecem permitir outra forma dela se constituir como sujeito da favela. Sua escrita é um ato cotidiano de olhar-se, de olhar seu entorno com a crueza que o mesmo exigia. Seus escritos desnudam como a autora enfrentava a fome, seus medos, a incerteza do dia seguinte, relacionados com as coisas que ela viveu, com o que ela leu, com a relação que ela estabelece com os outros. É paradoxal, pois ainda que sua escrita se relacione com tudo aquilo que ela se ocupou, tudo aquilo que a constituiu, sendo, portanto, única, ainda assim é um espelho do seu entorno e da realidade de tantos outros favelados.

Sinto que *Quarto de Despejo* convida o pensar em outras formas de ser sujeito na favela. Ao ler os diários de Carolina, reflito também sobre os corpos pobres e como esses performam a pobreza, sobre as performances sociais que envolvem, ou podem envolver esses corpos, que podem envolver os moradores de uma favela. O impacto dessa leitura me faz sentir certo desconforto no corpo, me aproxima dessa realidade de modo profundo, mesmo não estando fisicamente em um trabalho de campo, me permite reflexões atuais sobre o estado de pobreza e, vez que outra, sobre o riso ou a possibilidade deste. O texto parece tensionar verdades em uma constante relação. Ora, logo ela, a

tão estudada verdade, conceito caro ao autor, o qual busca e se aprofunda com interesse.

Nossas escolhas, a escolha das nossas verdades importa. Podemos, então, pensar na importância do que temos por verdade na nossa constituição como sujeitos? Pergunto-me também; quais são as práticas que nos colocam em uma outra relação com a verdade? Quais são os autores que nos colocam em outra relação com a verdade nas nossas pesquisas?

Penso que, esses autores, artistas, as obras que nos relacionamos, o que consumimos e que nos possibilita tensionar essas verdades, importam, não apenas para a pesquisa, mas para a vida. Carolina e Michel, tão diferentes, com obras tão distintas, ambos me impulsionam a um outro pensar, ambos tensionam minhas verdades, embora de formas tão peculiares. Ambos importam para minha pesquisa, ambos importam para minha vida. Ambos importam.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 144-162.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. IN: PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. MEYER, Dagmar Estermann; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-46.

INTERTEXTUALIDAD ENTRE “RECADO CONFIDENCIAL A LOS CHILENOS” DE ELICURA CHIHUAILAF Y “DISCURSO INAUGURAL DE LA CONVENCIÓN CONSTITUCIONAL DE CHILE” DE ELISA LONCÓN BAJO LA ÓPTICA DE LA ESCRITURA DE SÍ DE MICHEL FOUCAULT

Luciano Andrés Cerda Silva¹

El papel de la escritura es constituir, con todo lo que la lectura ha constituido, un «cuerpo». Y dicho cuerpo ha de comprenderse no como un cuerpo de doctrina, sino -de acuerdo con la metáfora tan frecuentemente evocada de la digestión- como el propio cuerpo de quien, al transcribir sus lecturas, se las apropia y hace suya su verdad: la escritura transforma la cosa vista u oída «en fuerzas y en sangre».

Michel Foucault

Veintidós años después de la publicación de Recado Confidencial a los Chilenos del escritor mapuche Elicura Chihuailaf (1999) que, en sus palabras, constituye un mensaje verbal hecho de palabra y dicho en confianza, la profesora mapuche Elisa Loncón es electa como presidenta de la Convención Constitucional de Chile, en un hecho reconocido como histórico para iniciar el debate en torno a la plurinacionalidad en el país, enmarcado en un órgano que asegura el diálogo y escritura democrática de una nueva carta fundamental que definirá los principios, valores y lineamientos del Estado con miras al enfrentamiento de los tiempos venideros y sus consiguientes desafíos globales, tras la revuelta popular del 19 de octubre de 2019, donde millones de personas protestaron expresando su descontento en torno a decisiones del Estado de Chile vinculadas a problemáticas contingentes para parte importante de la población del país, como la eliminación del sistema de administración de

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: lucianocerdasilva@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Bolsa PAEC OEA-GCUB 2020.

fondos de pensiones (AFP), la regulación en la explotación de los recursos naturales, la condena efectiva para delitos de corrupción en instituciones estatales y castrenses, el debate propuesto por el feminismo contra la violencia de género y por la igualdad de derechos y de condiciones de las mujeres en la sociedad chilena, la consulta e implementación de políticas de educación sexual integral, el reconocimiento del país como Estado-nación plurinacional, la búsqueda de reformas tributarias que promuevan el pago justo de impuestos de ciudadanos y empresas (y empresarios), entre otras posiciones que conversan con la idea de regular un sistema de valores conservadores, poco representativo de la población, económicamente beneficioso para una minoría y de poca o nula protección al ciudadano común.

Cuando “Chile despertó” contra la tiranía de un modelo socioeconómico fundado en el neoliberalismo, entre tantas banderas flameantes, se izaba la *wenufoye* (ver fotografía 1), la bandera representativa del pueblo mapuche, junto a otras que diversificaban el discurso de reivindicación de los pueblos originarios asentados hace miles de años en la franja de tierra que es Chile y que, desde la conquista española han sido sistemáticamente reprimidos y reducidos a escasos territorios y precarias formas de subsistencia, sin reconocimiento constitucional y enfrentando la muerte lenta de su cultura, donde sus últimos hablantes dejan huella del total abandono de un estado que no se reconoce como multicultural. Y es que la represión se ejerce siempre de forma mixtificadora, es decir, el poder represivo encuentra caminos subterráneos para imponerse, pues más allá de limitar, acotar el acceso a la realidad de un determinado grupo o impedir la formulación de un discurso, “el poder trabaja el cuerpo, penetra en el comportamiento, se mezcla con el deseo y el placer” (FOUCAULT, 1999, p. 284), haciendo que muchos de los alcances y rasgos de la represión permanezcan silenciados y normalizados en el contexto imperante.

Hace 22 años, Chihuailaf expresaba:

No tengo la pretensión de que usted tal vez ya me conozca
ni creo tampoco que a usted no le interese saber quién es el que le está hablando,
por eso en el presente Recado le estoy contando un poco de mi vida, un poco acerca de quién soy (en mi diversidad de ser mapuche),
y del cómo me ha tocado vivir -al igual que todo ser humano- una historia particular dentro de la historia general de mi Pueblo.
En mi cultura los nombres expresan un deseo compartido por los padres: Elikura significa Piedra transparente (Lvg: transparente: kura: piedra). Chihuailaf: Neblina extendida sobre un lago (Chiwai: neblina,

lafvn/lafken: contracción de extendido y lago). Nahuelpán: Tigre-puma (Nawel: tigre, pangi: puma) (1999, p. 23),

En un intento por construir un puente de entendimiento con la sociedad chilena aquejada por la ignorancia y sometida a repetir un discurso de menoscabo y estigmatización hacia la sociedad mapuche, repartida por todo el territorio, pero asentada mayoritariamente desde la región del Biobío hacia el sur.

Fuente: Hidalgo, 2019²



Fotografía SEQ Fotografía * ARABIC 1 - Wenufoye

Contra todo, Elicura Chihuailaf se propone develar su historia íntima, con el fin de establecer un ambiente abierto y sensible para iniciar la comunicación con la población chilena, constituida primero, en la palabra dicha, como es distintivo de su cultura de tradición oral. Los “oralitores”, vendrían siendo todas aquellas personas que transmiten el conocimiento ancestral a las nuevas

² Disponible en: <<http://www.nahuelbutafm.cl/2021/04/27/estallido-social-la-foto-de-la-revolucion-que-dio-la-vuelta-al-mundo/>>. Acceso en: 23 nov. 2021.

generaciones, por tanto, con esa misma intencionalidad, el autor se propone escribir un texto que ha sido dicho por muchos y muchas, que no sólo conforma su propio relato personal, sino que habla por las voces antiguas que persisten en su esfuerzo de mantener viva su identidad. Esto, se revela cuando el autor comparte con el lector qué ocurrió al escribir este recado: “Preguntándome cuál será el modo, la vía mejor para iniciar y ojalá consolidar una verdadera conversación con el pueblo chileno, con el ciudadano común: con usted, me instalé en mi escritorio a escribir lo que pensaba sería una “Carta confidencial a los chilenos” (1999, p. 9), para, luego, compartir de qué manera se desarrolló su pensamiento como oralitor y escritor citando a Gabriela Mistral: “Ni el escritor ni el artista ni el sabio ni el estudiante, puede cumplir su misión en ensanchar la frontera del espíritu, si sobre ellos pesa la amenaza de las fuerzas armadas, del Estado gendarme que pretende dirigirlos” (1999, p. 14).

La actitud del autor recuerda la perspectiva de Foucault sobre la escritura de sí, especialmente cuando refiere a Epicteto quien, a pesar de impartir solo una enseñanza oral, insiste en la relevancia de la escritura como ejercicio personal de meditación, escritura y entrenamiento, un ejercicio del pensamiento sobre sí mismo que reactiva lo que sabe, reflexiona, asimila y se prepara para afrontar lo real (FOUCAULT, 1999c, p. 291). La estrategia de Chihuailaf es transparentar su ejercicio de producción oral-escrita como un fractal de su espiritualidad y la de su pueblo, expresando:

Por las noches oímos los cantos, cuentos y adivinanzas a orillas del fogón, respirando el aroma del pan horneado por mi abuela, mi madre, o la tía María, mientras mi padre y mi abuelo -Lonko de la comunidad- observaban con atención y respeto.

Hablo de la memoria de mi niñez y no de una sociedad idílica. Allí, me parece, aprendí lo que era la poesía. Las grandezas de la vida cotidiana, pero sobre todo sus detalles: el destello del fuego, de los ojos, de las manos. Sentado en las rodillas de mi abuela oí las primeras historias de árboles y piedras que dialogan entre sí, con los animales y con la gente. Nada más, me decía, hay que aprender a interpretar sus signos y a percibir sus sonidos que suelen esconderse en el viento (1999, p. 17).

Si bien el recado confidencial del autor exhibe un contenido personal y profundamente íntimo, su objetivo es precisamente inverso a este, es decir, no consiste en develar lo oculto de su interioridad, sino que se propone reunir lo ya dicho para dar existencia a un discurso que refleja el alma, en este caso, de su pueblo. Así, también, lo ha hecho Elisa Loncón al inaugurar el

proceso constituyente, trayendo consigo un mensaje que demuestra la intencionalidad de los pueblos originarios para con los habitantes del territorio chileno. Al igual que Chihuailaf, Loncón se convierte en oralitora y escritora, componiendo un discurso que “desliga el alma de la preocupación por el futuro para reorientarla hacia la meditación del pasado” (FOUCAULT, 1999c, p. 295), diciendo:

Esta Convención que hoy día me toca presidir transformará a Chile en un Chile plurinacional, en un Chile intercultural, en un Chile que no atente contra los derechos (...). Un saludo especial a los *lamngen* mapuche del *Wallmapu*, este es un sueño de nuestros antepasados (...). Es posible hermanas y hermanos, refundar este Chile, establecer una nueva relación entre el pueblo Mapuche y todas las naciones que conforman este país (...). Todos juntos, *pu lamngen*, vamos a refundar este Chile (...) plural, plurilingüe, con todas las culturas, con todos los pueblos, con las mujeres y con los territorios, ese es nuestro sueño para escribir una Nueva Constitución.
Mañum pu lamngen!

De esta manera, presenciamos una interconexión circular entre el recado confidencial a los chilenos de Chihuailaf, entregado como un anhelo de diálogo entre las culturas y el discurso dicho por Elisa Loncón en pleno 2021, el cual marca material y simbólicamente, el inicio de ese intercambio vislumbrado durante tantos años, para el reconocimiento mutuo de todos los pueblos que habitan el territorio chileno. El puente construido entre ese recado y el discurso pronunciado 22 años después, viene a enfrentar los vacíos, la ignorancia, el prejuicio y la mitificación en torno a la cosmovisión de los diversos pueblos habitantes de esta región antes de la aculturación y la oralidad-escritura cumplieron el rol de vehículos para facilitar el avance de este proceso. El puente espacio-temporal entre los dos discursos está permitiendo que ambas escrituras se encuentren y hagan aparecer el propio rostro ante el otro y, así, comenzar a materializarse en hechos, con participación ciudadana, debate público, de cara a la gente. Tal como acontece en la relación de dos amigas, ambas discursividades se procuraron la atención, el cuidado y la conversación necesarias para curar la larga espera, la desesperanza, el terrorismo de estado, las y los *lamngen* caídos y la tristeza que separó durante 22 años el anhelo de comunicación entre pueblos de Chihuailaf y la primera piedra para la materialización de ese proceso, en las palabras de Loncón. Porque ambas discursividades tratan sobre el profundo deseo de encuentro, en que las cosas

se hagan de tal manera que el cuidado de los otros coincida con el cuidado de sí mismo (FOUCAULT, 1999c).

Ahora bien, cuando se desencadena el diálogo entre los discursos de Loncón y Chihuailaf, es posible generar un espacio de escucha activa y debate, donde se entrevén los problemas, pero también las posibles soluciones a un conflicto de siglos (ver tabla 1), fortaleciendo el vínculo entre reflexión, desarrollo del pensamiento, comportamiento y escritura, en dos formas conocidas como *hypomnēmata* y correspondencia. Como sabemos, el Recado fue pensado, en primera instancia, como Carta, por lo que merece la pena ser revisitado desde esa perspectiva que pone nuevamente en conversación las inquietudes de dos autores que visibilizan la resistencia y vislumbran, por primera vez, una posibilidad cierta de entendimiento con los habitantes del Estado-Nación chileno. Si se hace el ejercicio concreto, el diálogo encuentra un flujo natural, dado el contenido evidentemente común de las visiones de mundo de ambas voces:

Tabla 1 - Pregunta-respuesta entre Elicura Chihuailaf y Elisa Loncón

<p>Elicura Chihuailaf Les digo a los estudiantes (ahora también a usted): Imagínense, por un instante siquiera, ¿qué sucedería si otro Estado entrara a ocupar este lugar y les entregara documentos con una nueva nacionalidad, iniciando la tarea de arreduccionarlos, de imponerles su idioma, de mitificarles -como forma de ocultamiento- su historia, de estigmatizarles su cultura, de discriminarlos por su morenidad? ¿Se reconocerían en ella o continuarían sintiéndose chilenos? ¿Qué les dirían a sus hijas y a sus hijos? ¿Y a los hijos y a las hijas de ellos?</p>	<p>Elisa Loncón Tenemos que ampliar la democracia, tenemos que ampliar la participación, tenemos que convocar hasta el último rincón de Chile a ser parte de este proceso. La Convención debe ser un proceso participativo y transparente, que puedan vernos desde el último rincón de nuestro territorio y oírnos en nuestras lenguas originarias que han estado postergadas durante todo lo que ha sido el Estado-Nación chileno. Por los derechos de nuestras naciones originarias, por los derechos de las regiones, por los derechos de la Madre Tierra, por el derecho al agua, por los derechos de las mujeres y por los derechos de nuestros niños y niñas. (2021)</p>
--	--

Fuente: Elaboración del autor (2021).

Para ahondar en el discurso *ethopoietico* propuesto por Plutarco y citado por Foucault, refiriéndose a la escritura como operador estratégico de la transformación de la verdad en *éthos*, atenderemos la calidad inicial de carta/correspondencia del texto Recado Confidencial a los chilenos, ya que, de alguna

manera, se ha hablado de él como *hypomnémata*, es decir, como texto reflexivo o como “medio para el establecimiento de una relación de uno consigo mismo lo más adecuada y acabada posible”, para que “se desligue el alma de la preocupación por el futuro para reorientarla hacia la meditación del pasado” (FOUCAULT, 1999c, p. 295).

Pensado un texto como correspondencia, significa revisar el procedimiento que implica comprometerse con una carta: primero, actúa sobre quien la escribe por efecto mismo de la escritura, luego, actúa sobre quien la recibe de maneras múltiples, al recibirla, al leerla, al releerla. Constituye un entrenamiento de escritura que cumple con diversas funciones: puede ser una carta de consuelo, una carta de reactivación, una carta de amonestación. Pero siempre tiene un efecto sobre quien fue pensada, porque plantea el deseo de una comunicación directa con el destinatario, por tanto, nada queda al azar. “Y por ello, hay que entender que la carta es a la vez una mirada que se dirige al destinatario (por la misiva que recibe, se siente mirado) y una manera de entregarse a su mirada por lo que se le dice de uno mismo. La carta habilita, en cierto modo, un cara a cara” (FOUCAULT, 1999c, p. 300).

Entonces, el Recado Confidencial es el llamado azul (en palabras de Chihuilaf) al reencuentro a través de una misiva que fue pensada estratégicamente para ser entregada a un interlocutor específico: los chilenos. Y constituye una declaración de principios que se aleja de los estereotipos y da paso a la humanidad, precisamente aquella característica que une a nuestra especie. Da paso a los recuerdos de infancia (“También con mi abuelo compartimos muchas noches a la intemperie. Largos silencios, largos relatos que nos hablaban del origen de la gente nuestra, del Primer Espíritu Mapuche arrojado desde el Azul. De las almas que colgaban en el infinito como estrellas”), al aprendizaje de su cosmovisión (“Aprendo entonces los nombres de las flores y de las plantas. Los insectos cumplen su función. Nada está de más en este mundo. El universo es una dualidad, lo bueno no existe sin lo malo. La tierra no pertenece a la gente. Mapuche significa Gente de la Tierra -me iban diciendo”) y al dolor y la impotencia:

Y usted -seguramente- se preguntará: ¿qué significa una “reducción”? Significa que mucha de nuestra gente fue asaltada en sus hogares, castigada, torturada, y trasladada -”relocalizada”- fuera de sus parajes habituales; o asesinada. Porque reducción, “privatización”, dicen algunos

(...) es un concepto utilizado por los Estados chileno y argentino desde mediados del siglo diecinueve, y materializado a finales del mismo. Contiene el hecho de que nuestro Pueblo fue reducido, “reubicado”, en las tierras generalmente menos productivas de nuestro País Mapuche (CHIHUAILAF, 1999, pp. 19-27).

Finalmente, El Recado Confidencial a los chilenos de Elicura Chihuailaf considerado como un procedimiento del relato de sí en su cotidianidad, manifiesta un complejo entramado de acciones con las cuales hacer llegar a coincidir la mirada del otro y la que uno mismo dirige sobre sí cuando se evalúa la realidad diaria o un aspecto de ella (FOUCAULT, 1999c, p. 305). Por eso, Chihuailaf cierra su correspondencia, exhortando a los chilenos a mirarnos y a reconocernos en lo esencial, casi vaticinando lo que veintidós años después daría sus primeros pasos en la escritura de una constitución paritaria, democrática y pluricultural para el país del sur del mundo:

¿Puede existir entonces orgullo o vergüenza en el misterio de vivir? ¿No es acaso la cultura -la civilización- de la vida, su dignidad, lo que compartimos o debiésemos en definitiva compartir con todos los habitantes del universo?, dicen nuestras abuelas y nuestros abuelos.

Otra vez la Palabra en la construcción de lo nombrado, y proyectando también los despojos de un cuerpo que será nuevamente tierra -verdor-, fuego, agua, aire. El impulso constante de la Palabra intentando asir lo hasta ahora innombrado (1999, p. 68).

REFERENCIAS

- CHIHUAILAF, Elicura. Recado confidencial a los chilenos. 1. ed. Santiago: LOM, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Entre filosofía y literatura. Obras esenciales, Volumen I. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A., 1999a.
- _____. Estrategias de poder. Obras esenciales, Volumen II. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A., 1999b.
- _____. Estética, ética y hermenéutica. Obras esenciales, Volumen III. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A., 1999c.
- HIDALGO, Susana. Wenufoye en la protesta. Disponible en: <http://www.nahuelbutafm.cl/2021/04/27/estallido-social-la-foto-de-la-revolucion-que-dio-la-vuelta-al-mundo/>. Acceso en: 23 nov. 2021.
- LONCÓN, Elisa. Discurso de inauguración de la Convención Constitucio-

nal de Chile. Colegio de profesores de Chile, 2021. Disponible en: <https://www.colegiodeprofesores.cl/2021/07/05/discurso-de-elisa-loncon-al-a-sumir-la-presidencia-de-la-convencion-constitucional/>. Acceso en: 23 nov. 2021.

MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS: ALGUMAS NOTAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Caroline Couto¹

Betina Hillesheim²

Quando estou cansada, olho lá para cima e começo a contar as nuvens. Eu já sei contar até cem. Algumas nuvens formam desenhos, como cisnes, árvores, coelhos... Eu também durmo quando estamos viajando. E sonho que continuo a viajar e a viajar, e que nunca mais eu vou parar. (Jairo Buitrago. Para onde vamos?. 2016).

E QUE NUNCA MAIS EU VOU PARAR

Uma característica importante do mundo contemporâneo é a aposta na circulação de pessoas, e, especialmente, na circulação de capital. Essa característica, no que se refere aos fluxos econômicos, nos levou, nas últimas décadas, a uma ascensão da globalização, articulada com a desnacionalização da economia, com ênfase no livre mercado, estabelecendo novos valores de referência na velocidade da circulação, da geração e do acúmulo de capital. Em contrapartida, no que se refere aos fluxos de pessoas, observa-se um impasse: números recordes de deslocamentos humanos, ao mesmo tempo em que uma propagação de fronteiras outras se estabelece, geralmente associadas e justificadas por supostos riscos econômicos, epidemiológicos e culturais. Candiotto (2021) discute que esse aparente paradoxo entre a viabilidade da circulação das coisas (de capital) e a circulação de pessoas, está relacionado

1 Mestre em Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Bolsista CAPES PROSUC|Modalidade I. Contato: rosacouto.c@gmail.com.

2 Doutora em Psicologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul. Contato: betinahillesheim@gmail.com

justamente ao modo de operar do neoliberalismo contemporâneo, de modo que o fenômeno das migrações contemporâneas parece ter relações estreitas com esta racionalidade de governo das populações.

As migrações são um fenômeno complexo e antigo, mas que vem sendo reatualizado. Nas últimas três décadas, a leitura dos fluxos migratórios como uma questão que ocupa as agendas internacionais com medidas e pactos que ora enfatizam acolhidas, ora reforçam a criação de fronteiras concretas e simbólicas, vem, gradativamente, ocupando mais espaço. Desde então, a cada ano, as estatísticas apontam para números e estimativas maiores nos fluxos migratórios internacionais. Em um relatório das Nações Unidas (United Nations Department of Economic and Social Affairs/UN DESA), a estimativa apontada é de que cerca de 281 milhões de pessoas viviam fora de seus países de origem ao final de 2020, um número expressivo, ainda que a Pandemia de Coronavírus tenha afetado significativamente todas as formas de mobilidade humana ao longo daquele ano, pelo fechamento de fronteiras (UN DESA, 2020). Segundo o relatório, o número de migrantes internacionais teve um aumento, em números absolutos, de cerca de 48 milhões entre 2000 e 2010, com outros 60 milhões acrescentados entre 2010 e 2020. Além disso, tais números não param de crescer: por ocasião da escrita deste texto, com a invasão da Ucrânia pela Rússia³, em 15 dias de conflito, há registros de mais de 2 milhões de refugiados ucranianos, o que tem sido noticiado diariamente pela mídia.

O tempo e os números são importantes: são grandes contingentes populacionais saindo e chegando aos territórios, em curtos espaços de tempo. Isso exige uma reorganização dos modos de ser dos próprios territórios, dos modos de gestão da população e das instituições internacionais e nacionais, jurídicas e sociais, envolvidas nos fluxos migratórios. Muitas vezes, essas reorganizações transformam-se em barreiras. Os motivos que levam ao aumento desses números parecem sempre extremos: conflitos armados, desastres naturais, fome, medo. E os deslocamentos se dão a partir de perspectivas muito distintas, pelas condições socioeconômicas de quem inicia esse processo. Diferente de uma viagem, de uma aposta em um período em outro lugar, voltar, embora possa quase sempre aparecer como um desejo nas narrativas

3 Em fins de fevereiro de 2022, a Rússia iniciou uma invasão militar em larga escala contra a Ucrânia, como ponto culminante de um conflito que vem se intensificando desde 2014, com a anexação da Crimeia e o apoio da Rússia a grupos separatistas em regiões da Ucrânia.

migrantes contemporâneas, nessas migrações marcadas pelos extremos, quase sempre também aparece como algo perto do impossível.

Nesta última década, encontramos essas narrativas em espaços variados: nos diferentes tipos de mídia, em discussões nos encontros dos diferentes países, em campanhas para auxílio a refugiados ou outros tipos de migrações forçadas e na literatura, inclusive na literatura infantil. E mesmo que o Brasil não esteja entre as regiões nas quais a migração foi mais presente – a Europa foi, em 2020, a região com o maior número de migrantes internacionais, cerca de 87 milhões, seguida da América do Norte, que acolheu o segundo maior número de migrantes, quase 59 milhões, e, então o norte da África e a Ásia Ocidental, com um total de quase 50 milhões (UN DESA, 2020) – estas narrativas estão bastante presentes em nosso cotidiano. O Brasil, cuja história é marcada pelas migrações colonizadoras, também compõe a rota migratória contemporânea, ainda em sua maioria pela emigração, ou seja, com a saída de brasileiros para outros países, mas, também figura como país para imigração. De acordo com as estatísticas do Migration Data Portal, acessadas em 2022⁴, o número de imigrantes no país em 2020 foi estimado em cerca de 1,1 milhão, o que representa 0,5% do total da população brasileira, número que é, ainda, acrescido pelas estatísticas de refugiados, que somam cerca de 59 mil refugiados reconhecidos e cerca de 90 mil solicitações de refúgio, especialmente de pessoas que chegam da Venezuela. O mesmo portal indica que, em relação ao número de emigrantes em 2020, a estimativa é que 1,9 milhão de brasileiros deixaram o país.

Com um olhar atento para estas narrativas, como brasileiras e pesquisadoras dos fenômenos migratórios contemporâneos, nos perguntamos pelas crianças. Elas aparecem pouco nas estatísticas, estimando-se que componham pelo menos 15% do total de migrantes internacionais aqueles com menos de 20 anos, mas são frequentemente citadas como aquelas que sofrem muito com os fluxos migratórios (UN DESA, 2020). Nos perguntamos, ainda, sobre as inflexões e as implicações que fenômenos de grandes proporções, como as migrações, têm na produção dos modos de ser e estar no mundo – um mundo que defendemos ser compartilhado, cujos efeitos dizem de migrantes e não migrantes. Encontramos, então, uma série de livros de literatura infantil que contam histórias de crianças em percursos migratórios, todos publicados no

4 Informações disponíveis em: https://www.migrationdataportal.org/international-data?i=stock_abs_&t=2020&cm49=76. Acesso em: 28 fev. 2022.

Brasil na última década (2010-2020), com narrativas como a que abre o artigo e outras que apontam, ainda, para outras características importantes desse período: guerras, situações extremas, necessidade de sair. São histórias que compõem a proliferação discursiva sobre as migrações contemporâneas, de modo a inscrevê-las como um problema do nosso tempo. Histórias que serão tomadas, aqui, como objeto de análise, não para buscarmos relações de causa e efeito, ou sentidos ocultos, mas para que possamos olhar para as relações históricas, com a intenção de compreender o presente.

Desta maneira, entendemos, a partir de Michel Foucault (2003), que a literatura possui “uma dupla relação com a verdade e o poder” (p. 221), visto que, se por um lado, opera como um artifício entre o verdadeiro e o falso, por outro, produz efeitos de verdade, instaurando formas de ver, compreender e estar no mundo, sendo que esta posição se dá a partir do dispositivo de poder que compõe a economia dos discursos e as estratégias do dizer verdadeiro. Desse modo, a literatura integra o sistema Ocidental de incitação que coloca o cotidiano em discurso, uma vez que ainda mais “do que qualquer outra forma de linguagem, ela permanece o discurso da “infâmia”: cabe a ela dizer o mais indizível – o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o descarado” (p. 221).

Assim, no presente capítulo, discutimos, em um primeiro momento, os conceitos de biopolítica e governo das populações e, a seguir, tomamos a literatura infantil como prática que, enquanto produção cultural, constrói arranjos que sustentam modos de ser e estar no mundo. Diante disso, nos propomos a pensar os extremos – as situações de guerra, catástrofes, necessidade de sobrevivência que levam aos deslocamentos forçados de seres humanos – como algo próprio da racionalidade neoliberal contemporânea, enlaçada até mesmo naquilo que mais natural possa parecer, articulando a problematização das estratégias biopolíticas que operam na literatura infantil sobre as migrações contemporâneas.

BIOPOLÍTICA: ASPECTOS PARA PENSAR O PRESENTE

Michel Foucault (2002), no curso *Em defesa da sociedade*, em 1976, afirma que um dos principais fenômenos do século XIX é “a assunção da vida pelo poder” (285-286). Nesta perspectiva, discute que, numa sociedade regida pela soberania, o direito de vida e de morte é uma questão central, sendo que

este se exerce de forma desequilibrada, visto que os efeitos do poder soberano sobre a vida se exercem a partir do direito de matar. Entretanto, no século XIX há um deslocamento nas formas de exercício de poder, não no sentido de substituição do poder soberano, mas com o surgimento de um poder que passa a ser exercido na direção inversa, ou seja, mediante um investimento no fazer viver. Nos séculos anteriores (XVII e XVIII), a teoria do direito formulava questões referentes ao direito de vida e de morte, evidenciando o quanto o problema da vida passou a constituir o pensamento político, sendo que tais discussões transpassam o nível dos mecanismos de poder, levando ao surgimento de técnicas disciplinares, que se voltam para o corpo dos indivíduos. Entretanto, na segunda metade do século XVIII surge uma nova tecnologia de poder, a qual não faz desaparecer a disciplina, uma vez que se dá de forma justaposta e pode ser operacionalizada graças a ela, mas se volta para outra superfície: não o corpo individual, como a disciplina, mas a população. É esta tecnologia de poder que se dirige à multiplicidade dos homens, que o filósofo denomina biopolítica. Além disso, é importante apontar que tais mecanismos – a disciplina e a biopolítica – não estão no mesmo nível, o que permite que não se excluam mutuamente, mas operem de forma articulada. Aliás, no curso no curso *Segurança, Território, População*, de 1978, Foucault (2008) frisa que a biopolítica como nova arte de governar não elimina nem a soberania, nem a disciplina, sendo que, no caso desta última, “nunca, tampouco, a disciplina foi mais importante e mais valorizada do que a partir do momento em que se procurava administrar a população” (p. 142), visto que esta é gerida não somente de forma global, mas também nos detalhes.

Contemporâneo ao nascimento do Estado-nação moderno, o biopoder, marcado pela lógica do “fazer viver, deixar morrer”, fez da noção de raça o constructo da ideia de população nacional e do racismo de Estado a justificativa para eliminar todos aqueles que fossem *outros*, que supostamente oferecessem riscos para a construção de um ideal de nação, produzidos como perigos em relação à população. A biopolítica que se estabelece com a emergência do biopoder, faz viver uns em detrimento de outros, expressando que há, em seu interior, um poder que também é soberano, que define aqueles que podem e devem morrer para que outros vivam mais, melhor e mais seguros (FOUCAULT, 2002).

Neste contexto, a ideia de população foi fundamental, pois, na medida em que, emerge o conceito de população – que, a partir da estatística, permite

mensurar regularidades que não dizem respeito aos corpos individuais, mas à multiplicidade dos seres humanos –, ocorre o que Foucault (2008) identifica como o desbloqueio da arte de governar, que, formulada no século XVI, encontrava-se, no século XVII, bloqueada pela forma geral da soberania e pelo modelo da família. Assim, para o filósofo, é a partir da ideia de população que se recoloca o problema do governo, com o nascimento da economia política.

Deste modo, ao longo dos últimos séculos, as estratégias de poder foram passando por deslocamentos de ênfase: da soberania à disciplina, até a expansão da configuração biopolítica, marcada por uma série de regulações e dispositivos de segurança, voltados para o controle de um corpo-espécie que foi sendo produzido: a população. A emergência da biopolítica está diretamente ligada ao alargamento dos dispositivos de segurança que foram vinculados a diferentes saberes de escrutínio da população: demografia, estatísticas, movimentações, comportamentos etc., que foram importantes para a construção da noção de economia política (FOUCAULT, 2002). Há, portanto, uma relação estreita entre dispositivos de segurança e economia política, cuja análise Candiotti (2021) sustenta ser importante para o diagnóstico da regulação dos migrantes contemporâneos, que ele chama “migrantes de sobrevivência”, inspirado em Alexander Betts, e o paradoxo que envolve sua circulação.

A constituição dos Estados-nação, entre tantas coisas, delimita a separação entre nacionais e estrangeiros, dentre os quais se inscrevem os migrantes. O Estado-nação foi uma das condições para a invenção das fronteiras na forma como a conhecemos e, conseqüentemente, para o que entendemos por migrações internacionais, garantindo os princípios dicotômicos e ordenadores característicos da modernidade; pela “disposição das fronteiras todo um espaço social é delimitado, geometrizado, temporalizado, historicizado, matematizado, espacializado, geografizado, ordenado e organizado como condição para o exercício do poder de Estado” (GOETTERT, 2011, p. 57). A ideia de nação foi, assim, constituindo-se forçosamente como um espaço de convergência para interesses políticos, econômicos, sociais e materiais entre o Estado e os sujeitos. Há, portanto, uma relação direta entre as fronteiras, o Estado e a Nação, uma vez que a “unidade nacional é, assim, “arredondada” em um espaço de dentro fazendo, com que tudo o que seja o fora ou de fora participe como contrastante e, por isso mesmo, como o outro do Estado, da Nação e do povo nacionais” (p. 58).

Nesse processo, capital e subjetividade se relacionam de modo estreito no Ocidente, de modo que um e outro chegam a parecer indissociáveis: “fato é que consumimos, mais do que bens, *formas de vida*” (PELBART, 2003, p. 20). O fluxo generalizado e fluido de pessoas, de mercadorias, de informação, de imagens e de capital financeiro, se mistura a uma aposta biopolítica: é na própria circulação que o poder é exercido e que operam os mecanismos de controle, de modo que o controle da vida das populações passa, também, pela construção de modos de vida a se seguir, pelo consumo de experiências e outros diversos assujeitamentos que compõem o sujeito moderno. O capitalismo se desenvolve próximo a esse poder que opera em rede: o “capitalismo em rede, que enaltece as conexões, a movência, a fluidez, produz novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, e sobretudo uma nova angústia – a do desligamento” (Ibidem, p. 21).

Um conjunto vivo de estratégias. Para Pelbart (2003, p. 22), “essas formas de vida visadas não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias” de produção e governamento da vida – uma biopolítica. De todo modo, são relações extremamente complexas, em especial, quando ultrapassam o contexto europeu analisado e experienciado por Michel Foucault, que não menciona em suas análises, por exemplo, o acontecimento da colonização e sua relação direta com o aumento da produção e da distribuição de riquezas na Europa ao longo do século XIX e XX, quando a miséria deixou ser uma questão, enquanto “o excesso e constante abuso do poder político, bem como a produção da miserabilidade e da morte pela exploração econômica e extrativista, decorrente da colonização, têm tornado muitos países e regiões verdadeiros “estados de urgência” intermináveis” (CANDIOTTO, 2021, p. 101).⁵

No que tange à literatura, Santos, Garcia e Aquino (2018) discutem que, ao longo do pensamento de Foucault, é possível perceber diferentes modulações no que se refere às suas reflexões sobre a literatura, a saber: 1) uma intransitividade literária; 2) literatura como dispositivo e 3) literatura como

5 O conceito de biopolítica tem sido revisitado, criticado e repensado por diferentes pensadores, buscando compreender as nuances do nosso presente. Essa discussão não é o foco deste trabalho, que se fundamenta no conceito conforme trabalhado por Michel Foucault; entretanto, teóricos como Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Achille Mbembe, Judith Butler, Antônio Negri, entre outros, têm trazido várias contribuições importantes para o debate, propondo, entre outras questões, outras relações entre biopolítica e soberania, para além daquelas propostas pelo filósofo.

foco de experiência. Ao discutir a intransitividade literária, os autores marcam que os textos foucaultianos da década de 1960 sobre literatura a colocavam como contradiscurso, o que, de algum modo, se pautava num viés essencializante. Além disso, os autores citam Compagnon, o qual critica as análises de Foucault sobre a literatura, entendendo que ele fracassara em entender a literatura como um dispositivo de poder como qualquer outro discurso, deixando-a sempre em uma posição de exceção, capaz de possibilitar uma experiência de dessubjetivação. Entretanto, apoiados em Roberto Machado, Santos, Garcia e Aquino (2018) lembram que, segundo o pensamento de Foucault deste período, não seria propriamente a literatura, mas a escrita literária que ocuparia este lugar de experiência de resistência e transgressão.

Entretanto, mais adiante, Foucault passa a se interessar pelos processos historicamente determinados pelos quais os textos são legitimados como literatura:

Arriscando uma elaboração que não se encontrou formulada dessa maneira por Foucault, consideramos que sua apreensão passou a tomar a literatura por sua própria exterioridade, atribuindo-lhe, assim, as feições de uma espécie de dispositivo que possibilita a produção e a circulação de determinado tipo de textos. Dispositivo conformado na triangulação entre instituições, como as editoras e a universidade, saberes, como a crítica e a teoria literárias, e processos de subjetivação, como os de escritores, críticos e leitores (SANTOS, GARCIA e AQUINO, 2018, p. 23).

A partir disso, os autores argumentam que, em seus escritos tardios (final da década de 70), Foucault retorna para a temática da experiência. No entanto, diferentemente dos primeiros escritos, a noção de experiência assume agora um caráter de aproximação de dois eixos até então percebidos como separados: a experiência individual e a experiência engendrada pelas relações de saber-poder, buscando problematizar tanto os regimes de verdade que conformavam a experiência, quanto analisar os modos de subjetivação. Assim, pensar a literatura como foco da experiência “implica operar para além da dicotomia poder/resistência, decorrente da ideia de um poder sempre repressivo com relação a práticas, ideias e demandas previamente estabelecidas” (SANTOS; GARCIA; AQUINO, 2018, p. 25-26).

Isto posto, é necessário destacar que, no caso da análise aqui empreendida, coloca-se um problema adicional: Hillesheim (2008) ressalta que a emergência da literatura infantil se dá com a invenção da infância, sendo marcada, desde os seus inícios, por um discurso pedagógico, colocando-se, muitas

vezes, mais próxima ao campo da pedagogia do que da estética, ocasionando-lhe um estatuto de minoridade em relação à literatura. Nesta perspectiva, pode-se pensar que a literatura infantil, imbuída de um propósito pedagógico, pode ser compreendida como uma estratégia de poder que busca dirigir as condutas infantis: é no entrelaçamento entre a literatura infantil e o projeto pedagógico que se pretende, mediante determinadas tecnologias de poder, traçar e enquadrar a infância, buscando sua domesticação, constituindo sujeitos infantis. Trata-se, assim, conforme a autora, de gerir com fineza e detalhe, tendo o infantil como matéria-prima e a literatura infantil como meio, agindo no sentido de governo da população, ou seja, a literatura infantil como estratégia biopolítica.

Tendo em vista tais considerações, desenvolvemos, a seguir, a análise de livros de literatura infantil que têm, como foco de suas narrativas, as migrações.

HISTÓRIAS MIGRANTES

Como objeto de análise, para desencadear esta discussão através do enlace com a biopolítica, escolhemos cinco livros literatura infantil: “As cores de Tó”, texto de Flávia Ribas, com ilustrações de Carmen San Thiago e com a participação de Débora Noal, publicado pela editora Edufes, em 2020; “A Viagem”, texto e ilustrações de Francesa Sanna, traduzido por Fabrício Valério e publicado no Brasil pela editora V&R, em 2016; “Para onde Vamos” e “Eloísa e os bichos”, ambos textos de Jairo Buitrago, com ilustrações de Rafael Yockteng, traduzidos por Márcia Leite e publicados no Brasil pela editora Pulo do Gato, em 2016 e 2013 respectivamente; e “Um outro país para Azzi”, texto e ilustrações de Sarah Garland, traduzido por Érico Assis e publicado no Brasil pela editora Pulo do Gato, em 2012.

Em “As cores de Tó”, acompanhamos Tó e Anna em busca das cores que há muito não viam, em função da guerra, que deixava o mundo cinza. Com páginas coloridas, alternando entre ilustrações cinzentas e cheias de cores, o livro é inspirado em um relato da psicóloga Débora Noal, a partir de sua experiência com a organização Médico Sem Fronteiras em uma atividade com crianças, promovida no Sudão do Sul. Tó tem 9 anos e nos conta da saudade do colorido dos panos das mulheres de sua aldeia e da saudade que sente da música dos dias de festa, que já não existiam mais. Com raiva,

tristeza, um punhado de terra e algumas lágrimas, faz um bolinho assim sujo que representa a sua dor. A prima Anna explica que também sente essa dor e faz um bolinho parecido. Na busca por aliviar a dor que sentem, buscam por uma alternativa: Fomos correndo até a grande árvore do campo. Com a ajuda de um galho e algumas pedras, fizemos um buraco bem grande. Nas raízes daquela árvore, enterramos os nossos bolinhos de dor. Anna me ajudou e juntos cantamos uma música que a avó nos ensinou. Quando terminei de cavar e tapar o buraco, uma folha verde caiu do meu lado. E foi assim que eu comecei a enxergar, bem devagarinho, um mundo menos cinzento. Dois anos depois, em seu aniversário de 11 anos, a história encerra com a aldeia de Tó em festa, Anna tem contas multicores nos cabelos. E seu sorriso nunca brilhou tanto.

“A viagem” também é uma história de guerra: *A guerra começou. Todos os dias coisas ruins aconteciam à nossa volta e, em pouco tempo, não havia nada além do caos.* Uma criança nos conta, junto de sua família, sobre as coisas que a guerra leva embora, como as idas na praia, a casa, os brinquedos, os sorrisos e até o seu o pai. Então, a mãe e as duas crianças, iniciam uma longa travessia, não se sabe para onde, mas para que possam fugir da guerra. Atravessam fronteiras, florestas, muros e oceanos, se escondendo de guardas e encontrando *coiotes*⁶. Ao longo do livro, texto e imagem se complementam, mostrando o medo da travessia, o cansaço, a resistência e o desejo por um lugar seguro. Diante da imensidão azul, no encontro do céu com o oceano, a criança relata: *Então o sol nasceu e avistamos terra pela primeira vez em dias. O bote balançava silencioso rumo à costa. A mamãe disse que tínhamos muita sorte por ainda estarmos juntos. – Este é o lugar onde vamos ficar seguros? – perguntamos. – Estamos chegando – ela respondeu com um sorriso cansado.* A história acaba com a próxima etapa da travessia, desta vez de trem, do qual pela janela se viam os pássaros que também viajam a todo tempo, mas que tem o privilégio de poder atravessar qualquer fronteira.

Na história de “Para onde vamos?” acompanhamos uma menina que viaja com o pai, não sabemos seus nomes e nem para onde estão indo ou quais os motivos que os colocaram em travessia, mas ela nos narra sobre os animais, as nuvens, as estrelas e os soldados, está aprendendo a contar e já sabe *contar até cem!* Sabemos apenas que a jornada da menina e do pai é compartilhada com milhares de crianças e de famílias que atravessam a fronteira com os Estados Unidos, vindas do México e da América Central – mas que

6 Expressão utilizada para se referir a pessoas que ilegalmente viabilizam o atravessamento de fronteiras, cobrando dinheiro.

também pode referir uma série de outros percursos cada vez mais presentes nos últimos anos. Durante a viagem, às vezes, é preciso parar por alguns dias para se conseguir dinheiro, sendo que, enquanto o pai trabalha, ela fica com pessoas que os ajudam. Em uma dessas paradas, a menina faz um amigo e, quando vai seguir a travessia, ganha dois coelhos brancos. Eles viajam sempre juntos: a pé, em botes, pendurados nos trens, em caminhonetes, escondidos. A menina vai contando as estrelas e os soldados até adormecer. E a história encerra como começou, a menina nos diz: *E voltamos a viajar. Mas agora eu tenho dois coelhos brancos.*

“Eloísa e os bichos” também conta sobre uma menina e seu pai, mas já em sua chegada em um novo lugar para morar. A menina narra como se sentia um *bicho estranho* nos primeiros dias na escola e na cidade, já que muitas vezes ela ficava sozinha e ela e o pai se perdiam pelos caminhos, voltando para casa sem conseguir falar com ninguém. Porém, *pouco a pouco, começamos a nos sentir em casa, mas nunca nos esquecemos de tudo o que deixamos para trás* – nos conta a menina com um olhar triste pela janela, enquanto o pai do outro lado observa a foto de uma mulher. Finalmente, Eloísa vai deixando de se sentir um *bicho estranho*, os colegas e a cidade já parecem mais acolhedores e ela já não acha os recreios muitos longos e nem sente tanta falta do pai quando ele vai para o trabalho. Eloísa encerra dizendo: *Eu sei que não nasci aqui... mas foi neste lugar que aprendi a viver.*

Por fim, temos a história de “Um outro país para Azzi”: *Havia um país em guerra e é lá que começa essa história.* A história de Azzi é de como a guerra foi se aproximando sem que ela percebesse, ainda que estranhasse olhar com os colegas da escola, por cima do muro, e ver soldados marchando, ou ouvir o barulho alto das metralhadoras nos helicópteros. Até que, em uma noite, os pais a avisam que precisam sair, pegam o carro e iniciam uma viagem, que Azzi não entende muito bem, principalmente porque a avó não os acompanha. Consigo, Azzi só consegue levar Bobô, o urso de pelúcia que mais gostava e alguns feijões escondidos no bolso do casaco. A viagem é muito difícil, primeiro de carro, depois de bote. Então chegam em um novo país, cujo nome desconhecemos, mas que também é bastante difícil de estar: não conhecem a sua língua e os seus costumes, é preciso ir para uma nova escola, a nova casa é muito pequena e, às vezes, falta dinheiro para a comida. Com o desenrolar dos dias, a história toma um rumo mais alegre, uma intérprete chega à escola e ajuda Azzi, o pai consegue um emprego e uma casa maior, Azzi faz uma

amiga e a avó consegue encontrá-los no novo lar. De surpresa, Azzi planta na escola os feijões que trouxe consigo escondidos e, quando as mudas já estão grandes o suficiente, divide com a sua turma e leva para a casa. Na nova casa, já na última página: *“Agora você está feliz, papai?”, perguntou Azzi. “Você é que me deixa feliz, Azzi”, ele disse. “Que tal feijões para o jantar?”, perguntou Mamãe. “Vida nova, feijões novos”, comentou Vovó, pegando a panela. E Bobô sorriu, como sempre sorria.*

NUNCA MAIS EU VOU PARAR

Literatura infantil, crianças, biopolítica e migrações contemporâneas. Quais os enlaces possíveis? As *histórias migrantes* – como denominamos aqui estes textos de literatura infantil que tratam de migrações – são histórias do nosso tempo: histórias de guerra, de fuga, de extremos, de uma forçosa individualização política impossível, que insiste em responsabilizar pessoas por condições de vida que são forjadas, e só podem ser assim, coletivamente; histórias sobre as novas dificuldades da circulação das pessoas em um mundo onde o capital derruba todas as fronteiras. O que tais textos nos dizem sobre as migrações e as estratégias biopolíticas?

A literatura infantil é, em si mesma, carregada por aspectos biopolíticos, sendo marcada justamente por uma intencionalidade pedagógica que constrói concepções de infância, educação e de modos de vida generalizados. Tal intencionalidade já aparece na adjetivação pelo infantil, pois a literatura para outros públicos, para adultos, é simplesmente literatura. Quando adjetivada pelo infantil, a literatura assume um projeto moderno e de caráter pedagógico, caracterizado inicialmente pela busca e a adaptação de antigas histórias, transformadas em contos para as crianças, com o objetivo da sedimentação dos valores capitalistas e burgueses: os primeiros livros produzidos para as crianças são encontrados entre o final do século XVII e ao longo do século XVIII, período no qual a noção de infância passou a existir como uma etapa diferente e especial da vida (cf. HILLESHEIM, 2008). Cecília Meireles (1984) afirma três aspectos da função social da literatura infantil: o moral, o instrutivo e o recreativo, com o intuito de preparar os futuros cidadãos, garantindo que as crianças aprendam as lógicas adultas. A partir disso, podemos afirmar que o leitor em potencial da literatura infantil, portanto, é a criança que aprende, a criança a ser governada, movimentando a preocupação com a

literatura infantil por parte dos pais, professores e do mercado, ratificando as estratégias de governo dos infantis pelo desenvolvimento da razão.

Candiotto (2021) sinaliza que os migrantes contemporâneos, de sobrevivência como ele define, são objetivados, em termos biopolíticos, “como parte de uma população marcada pela ideia de má circulação em razão de sua relação com os critérios de gestão do fluxo do capital” (p. 91). Ou seja: a intervenção no que se refere à circulação de pessoas está diretamente ligada a facilitação da circulação de coisas, do capital, o que define, portanto, o quanto é interessante fomentar ou barrar esses processos. Para o autor, não se trata de tentar compreender “por que a fabricação biopolítica do sujeito migrante se afasta da condição política do cidadão. Antes, questiono-me por que o estatuto político da cidadania é esgarçado pela constituição biopolítica de outras populações, como a dos migrantes de sobrevivência” (Ibidem). Para um fluxo cada vez mais rápido e abstrato de capital, a regulação e a produção de fronteiras concretas para as pessoas, parece ser condição de eficácia, o que justifica uma regulação diferencial dos migrantes, entre bons e ruins, desejáveis e indesejáveis, aqueles a que se pode/deve acolher e aqueles a serem deixados nas fronteiras.

Achille Mbembe (2018) tem nos apresentado uma perspectiva importante sobre a produção e a distribuição das vidas matáveis: a da necropolítica. O autor analisa o colonialismo como aquilo que inaugura a biopolítica e a função do racismo de Estado como a de regular a distribuição da morte e garantir a função assassina do próprio Estado. Apoiado em Agamben, Mbembe toma a *plantation* colonial como um modelo de estado de exceção – marcado pela suspensão dos direitos civis e das condições mínimas necessárias à vida humana. Na *plantation*, a humanidade do escravo era algo distante, na medida em que ele não tinha um lar, direitos ou status político. Trata-se de uma vida-objeto, na qual a escravidão não pode ser desconsiderada como registro fundamental na forma como o mundo é organizado, em narrativas e territórios. Para Mbembe, é possível entendermos o processo de escravização como o que inaugura a biopolítica – o que afeta os corpos pretos, brancos, femininos, masculinos, transgêneros, pobres, ricos, entre outros, de formas diferentes, mas afeta/produz a todos. Assim, o paradigma político da modernidade está na iminência constante da suspensão de direitos e da exposição à morte. Nesse sentido, o autor defende que a expressão máxima da soberania não está apenas na chave biopolítica *fazer viver, deixar morrer*, mas, sim, na possibilidade

de ditar quem pode viver e quem deve morrer, isto é, uma necropolítica. A necropolítica, nesses termos, é o direito de matar e de expor outras pessoas à morte biológica, social ou civil, e permite analisar os modelos das formas contemporâneas que colocam alguns corpos em diferentes localizações entre a vida e a morte.

Por sua vez, também a literatura está vinculada ao nascimento dos Estados-nação burgueses, assumindo a função de apresentar a língua dos territórios e o espírito das nações, que na emergência dos Estados-nação foram considerados elementos indispensáveis para a incorporação de uma identidade nacional (COMPAGNON, 1999). Michel Foucault (2008) indica que as narrativas constituem práticas discursivas importantes em nossas vidas, definindo por práticas discursivas, “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (p. 133). Portanto, os livros e as narrativas não são interpretáveis por si só, eles carregam jogos discursivos que caracterizam as verdades da nossa época e sociedade, discursos que constituem os sujeitos e os levam a assimilar determinadas narrativas como legítimas ou não.

As *histórias migrantes* na literatura infantil parecem alertar sobre essa lógica do mundo atual, de extremos e descartes, não de capital, mas de pessoas, bem como de individualização, autorresponsabilização e suposto afrouxamento dos dispositivos de segurança (que criam zonas de indiferenciação e desresponsabilização por parte dos Estados). Assim, as histórias dizem da construção de modos de ser e estar no mundo, como quando contam do lugar para onde Tó e Anna precisaram fugir e esconderam os seus bolinhos de dor, entre as cinzas da guerra; ou a viagem que nunca cessa da menina e do pai; ou histórias de superação individualizadas das famílias de Eloísa e de Azzi; ou do lugar seguro que nunca chega para os irmãos que viajam com a mãe, olhando os pássaros pela janela do trem. Ou, ainda, como nos diz a criança de “A viagem”: *Eu costumava ir à praia com a minha família. Até que um dia a nossa vida mudou completamente.* Vidas objetos, empurradas de um lado a outro, que são forçadas a se colocar em movimento; vidas que evidenciam as sutilezas dos enlaces entre soberania e biopolítica, entre *fazer morrer e deixar viver* ou *fazer viver e deixar morrer*.

Dessa maneira, a ideia de *nunca mais eu vou parar*, trazida na citação

que abre este capítulo, opera justamente como estratégia biopolítica e no seu limite, pela produção da vida e a produção da morte. *Nunca mais parar* fala do imperativo neoliberal contemporâneo que, como racionalidade biopolítica, produz sujeitos empreendedores de si e pretensamente responsáveis por suas segurança e condições de vida. Além disso, trata da produção e da ênfase da morte em suas várias dimensões: afinal, como experimentar a vida fora do espaço jurídico e institucional do Estado-nação? *Nunca mais parar* não parece ser exceção de um fenômeno descontrolado e não previsto que coloca 281 milhões de corpos em movimento, mas sinaliza ser uma condição prévia, seja para permanecer no sistema ou para ser desligado dele.

Tal “descompasso entre a liberdade de circulação econômica e a liberdade de mobilidade de pessoas, assim como a desigualdade entre a ampla circulação de algumas populações à custa da severa restrição do fluxo de outras, são os efeitos mais notáveis de uma racionalidade governamental biopolítica neoliberal” (CANDIOTTO, 2021, p. 95). Essa objetificação negativa das migrações contemporâneas é complexa. Se, por um lado, a lógica neoliberal valoriza aqueles que não se acomodam aos locais e às funções que ocupam na lógica da produção e do consumo de bens e apostam na mobilidade como um modo de empreender, por outro, desqualifica essa mobilidade quando ela não é capaz de atingir esses objetivos – nesses casos, há uma inversão, pois os migrantes deixam de ser bem-vindos e passam a ser vistos sob a ótica do risco e da crise. Há, assim, uma estratégia biopolítica que, ao mesmo tempo em que investe na vida de alguns, abandona outros. Mas, em todos os casos, as migrações contemporâneas têm uma utilidade política e uma utilidade econômica, uma vez que mesmo nos processos de mobilidade moralmente desqualificadas pela racionalidade neoliberal, talvez especialmente nessas, há uma perpetuação dos movimentos de exploração variados e os sujeitos “são política e economicamente explorados e, por isso, úteis. Tem-se uma utilidade política, pois o estabelecimento de novas fronteiras sociais e antropológicas reforça o retorno arcaico de identidades coletivas nacionalistas voltadas para a reafirmação de uma soberania já erodida” (p. 102, grifos do autor).

A partir de Foucault (2004), que coloca que discursos são práticas que não apenas refletem os objetos, mas os constroem, podemos compreender a literatura infantil como práticas que produzem formas de ser, estar, viver e compreender o mundo. Nessa direção, como podemos entender a intencionalidade pedagógica dos livros infantis acima apresentados? Sem pretender

esgotar seus sentidos, visto que se trata de literatura, há alguns pontos que consideramos importante assinalar. Assim, os livros ensinam que é preciso agradecer pela pequena casa, se adaptar ao novo local, vibrar com a pouca comida, ser capaz de admirar os pássaros depois de dias intermináveis de viagens nas mais arriscadas condições e de encontrar a cor, mesmo quando tudo lhe foi arrancado. Ressaltamos que as situações extremas, resultantes da própria racionalidade neoliberal contemporânea – as guerras, os deslocamentos forçados, a fome etc. – que abrem as *histórias migrantes* são apresentadas como naturais. As histórias suavizam as dores mediante a ideia de adaptação: à escola, ao país de destino, aos novos amigos. As crianças precisam ser capazes de olhar para o processo migratório como uma grande aventura, sendo que os finais são esperançosos, buscando adequar as histórias de sofrimento ao leitor infantil⁷.

Contudo, Santos, Garcia e Aquino (2018) apontam que, para Foucault, “há no envolvimento dos indivíduos com as práticas ditas literárias uma experiência tanto conformadora de seus modos de vida quanto transgressora da linguagem do tempo; um aparente paradoxo, claro está” (p. 16). Podemos pensar que tal paradoxo coexiste nos textos aqui discutidos: afinal, na medida em que há um investimento na vida dessas populações, buscando contar suas histórias, torná-las visíveis e, como discute Butler (2015), torná-las passíveis de luto, reconhecendo sua condição de precariedade, não poderíamos dizer da possibilidade desse encontro entre crianças e literatura inaugurar sentidos, para além da lógica que tenta naturalizar a guerra, a fome, a concorrência e o controle severo de corpos e histórias? Se a forma de vida neoliberal – a pulsão mais recente sob a qual se organizam os Estado-nação – precisa da crise e da precariedade, a literatura infantil, mesmo entrelaçada neste projeto, pode, como ato estético e político, se constituir como um veículo de interrogar a produção do mundo, tornando outros mundos possíveis?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao voltar-nos para os estudos da literatura infantil e das suas histórias sobre migração, assumimos o pós-estruturalismo para a análise, entendendo-o

7 Como discute Tatar (2004), a respeito das diferentes versões de contos de fadas, as histórias voltadas para as crianças foram, ao longo do tempo, sendo polidas e reelaboradas de acordo com a concepção de infância vigente, buscando tornarem-se apropriadas ao que se entendia como próprio das crianças.

como um modo de questionar e compreender o mundo atrelado à concepção de sujeito cuja descentralidade e ambivalência se associam à ideia de um sujeito que perde o status de autonomia e autoria, passando a ser visto como produto de intrincadas relações de poder. Assim, não se trata de buscarmos sentido ocultos, mensagens por trás do texto e das imagens dos livros de literatura infantil, ou de assumir que os livros são incentivadores de uma racionalidade neoliberal; mas de que somos (livros, literatura, pessoas) todos, produtos e produtores desta racionalidade, ainda que possamos buscar por modos de resistir. Desta forma, inspiradas em Foucault (2003), não temos pretensão à totalidade, mas nossos escritos devem ser considerados “como proposições, ‘ofertas de jogo’, às quais aqueles a quem isso possa interessar estão convidados a participar; não são afirmações dogmáticas a tomar em bloco” (p. 336).

Neste texto, debruçamo-nos sobre este fenômeno que tem se intensificado cada vez mais nos últimos anos – os deslocamentos humanos, especialmente os deslocamentos forçados –, sendo que buscamos mostrar aqui o quanto as próprias migrações são resultantes de estratégias biopolíticas – ou mesmo necropolíticas – que colocam em jogo a produção de vida e a demarcação das vidas que merecem viver e aquelas que são vistas como matáveis (que podem ser tanto abandonadas à própria sorte – um deixar morrer -, quanto ser intencionalmente exterminadas – um fazer morrer). Neste cenário, a literatura infantil se insere tanto como um modo de educar o olhar das crianças para a denominada crise migratória, naturalizando o processo e marcando-o como algo que depende do desejo e do esforço individual para ser bem-sucedido, quanto, ao visibilizar diferentes formas de vida, abre para outros possíveis.

REFERÊNCIAS

BUITRAGO, Jairo. **Eloísa e os bichos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

BUITRAGO, Jairo. **Para onde vamos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIOTTO, C. O governo biopolítico do migrante de sobrevivência: uma leitura crítica da lógica do capital humano na era neoliberal. **Trans/form/ação**, Marília, v. 44, n. 2, p. 87-106, abr./jun., 2021.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Trad. Cleonice Paes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: FOUCAULT, MICHEL. **Ditos e Escritos IV**. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 335- 351.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, MICHEL. **Ditos e Escritos IV**. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 203-222.

_____. **Em defesa da sociedade** - Curso dado no Collège de France (1975- 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARLAND, Sarah. **Um outro país para Azzi**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GOETTERT, Jones Dari. A fronteira como dispositivo de poder, de controle e de identidade (considerações iniciais). **Geografia em Questão (Online)**, v. 4, p. 56-71, 2011. Disponível em:<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/248/158>. Acesso em 20 nov. 2021.

HILLESHEIM, Betina. **Entre a literatura e o infantil: uma infância**. Porto Alegre: Abrapso-Sul, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1edições, 2018.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio de biopolítica**. São Paulo. Ed. Iluminuras, 2003.

RIBAS, Flávia. **As cores de Tó**. Vitória: EDUFES, 2020.

SANNA, Francesa. **A viagem**. São Paulo: V&R Editoras, 2016.

SANTOS, F. T. C. R.; GARCIA, S. S.; AQUINO, J. G. Um olhar estrangeiro à literatura: Foucault, escrita, experiência. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 8, p. 14-28, 2018.

TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas. Edição comentada & ilustrada**.

Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.

UN DESA. **International Migration 2020 Highlights**. 2020. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesa_pd_2020_international_migration_highlights.pdf Acesso em: 28 fev. 2022.

A INFANTA E OS EXCLUÍDOS: CONVERSANDO COM FOUCAULT

Dorisnei Jornada da Rosa¹

[...] Interrogar o discurso sobre o que ele diz e quis dizer, procurando fazer surgir o duplo funcionamento da palavra. Trata-se de, enunciando o que já foi dito, redizer o que nunca foi pronunciado. Nesta medida, trata-se de trazer a luz, um pensamento que a linguagem deixou na sombra, impelir o significado possível para fora de seu segredo, interrogando o significante, fazendo falar um conteúdo que não estava explicitamente significado (FOUCAULT, 1994, p. XV).

Estes escritos se propõem a um olhar diversificado e reflexivo sobre uma obra do pintor Diego Velázquez. A proposta é que este ensaio nos leve a leituras foucaultianas atuais sobre as relações de poder, para o qual escolhi alguns personagens da obra de Velázquez, universalmente conhecida como “As damas de companhia”. Divagarei por alguns conceitos foucaultianos, relacionando as questões da diversidade, poder, exclusão, falta de amizade entre classes desiguais, na figura das crianças e dos anões, presentes nesta obra de arte. Destacarei, a partir da desigualdade de posições no quadro, as classes dominantes e os excluídos enquanto proposição histórica da generalização do poder, diferença entre súditos e realeza. Ao “conversar” com Foucault, também trarei pequenas provocações sobre o papel das crianças, da *parrhesia* e dos anões.

Algumas curiosidades históricas: Diego Rodríguez de Silva y Velázquez nasceu em Sevilha, em junho de 1599, e foi o principal artista da corte do Rei Filipe IV de Espanha. Velázquez morreu em Madri, em 6 de agosto de 1660. É tido como uma grande expressão do Barroco. Segundo Quiossa e Almeida (2007), neste período a pintura exaltava o direito divino, em uma espécie de

1 Psicóloga e terapeuta em Estimulação Precoce, Psicanalista da Clínica em Tempo e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Pedagoga especial para deficientes mentais, Professora e coordenadora da Pós-graduação de Estimulação Precoce e Assessoria da Famaqui e Clínica em Tempo. Mestre em Psicanálise: Clínica e cultura/UFRGS, Doutoranda da Faculdade da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: dorisnejornada@yahoo.com.br. ORCID 0000001-6022-2164

ressurgimento da visão teocêntrica do mundo, sendo o Barroco um período marcado pela presença constante da dualidade entre antropocentrismo e teocentrismo. Os autores referem influências presentes na obra de Velázquez. Há o naturalismo de Caravaggio e o emocionalismo dos Carracci, representando o declínio do alto nível cultural e o fim do direcionamento da arte para a classe dominante. Neste direcionamento inovador, não sabemos se Velázquez está fazendo um retrato da infanta, dos reis que são refletidos ou de si próprio ao estar como um personagem do quadro: O pintor. “Em toda a cena, temos pinturas e pinturas e pinturas”, diz a especialista venezuelana Andrea Imaginario (DIEZ, 2019).

Nesta obra de Velázquez, a historiadora de arte venezuelana Andrea (DIEZ, 2019) aponta que Michel Foucault ressalta que o pintor está ligeiramente retirado do quadro, mas que para o espectador que atualmente o observa, ele está à direita do seu quadro. Neste sentido há uma invisibilidade, que está sob nossos olhos. Foucault faz uma análise detalhada deste quadro a fim de compreender a obra em todas as relações entre seus componentes: uma princesa, uma freira, uma anã, um bobo da corte e o próprio Velázquez. Eis o quadro:

Figura 1 – Quadro “As Meninas” de Diego Rodríguez de Silva y Velázquez



Fonte: DIEZ (2019)

Foucault constrói sua narrativa basicamente a partir das incertezas e ambiguidades presentes no quadro. Ao centro deste está a infanta Margarita Maria Teresa Deia.

A INFANTA E OS EXCLUÍDOS: EM CENA OS ANORMAIS, O PODER E A DIFERENÇA DE CLASSES

Podemos observar que aparece a princesa filha de Felipe 4º, com 5/6 anos de idade. Quiossa e Almeida (2007) descrevem a infanta Margarida, que se posiciona com a cabeça virada para a direita e o busto para a esquerda, como a personagem que dirige seu olhar apurado aos espectadores. Seu rosto está a um terço da altura total do quadro. Ela é o tema principal da pintura, o que é enfatizado pela presença da governanta ajoelhada na sua direção, da aia que olha para a princesa, da outra dama de honra também voltada para ela, porém com os olhos voltados para frente fitando a princesa e o pintor. Então há dois grupos de duas personagens, em que, por sua posição e proporção, se correspondem e se emparelham. Atrás há os cortesãos e à frente os anões. Conforme a atenção que se dê ao quadro e ao seu centro de referência, este conjunto de personagens pode constituir duas figuras. No centro deste X está o olhar da infanta. A outra figura seria uma grande curva. Suas pontas seriam determinadas pelo pintor à esquerda e pelo cortesão à direita; o recôncavo seria o rosto da princesa e o olhar que a aia a dirige. Nesta proporção, ao lado da infanta estão as mulheres que acompanhavam e assistiam à jovem princesa em sua rotina diária. Na direita da infanta está Mari Bárbola, anã e uma oficial da corte real.

Figura 2 – Mari Bárbola, a anã



Fonte: DÍEZ (2019)

Por fim, há um espelho à esquerda da porta, no qual vemos o reflexo de um casal: o rei Felipe 4º e a rainha Mariana. Neste quadro, a dama de companhia e a infanta margarita não parecem ter uma relação de amizade, o que fica bem claro à direita do quadro. Como este quadro data do século XVI, época que os pintores eram pouco reconhecidos pelos reis, Velázquez traz em sua obra prima ele próprio como personagem e traz a infanta Margarita e seus súditos, ao que me parece, marcando uma diferença de poder entre sua posição de princesa e seus súditos a reverenciando. Ali aparece uma certa contrariedade e tristeza, uma vez que os anões e Mari Bárbola estão afastados da infanta e ao lado do cachorro. Será que os anões, enquanto bobos da corte, não podiam se aproximar da princesa, na crença de que a deficiência é contagiosa e que estes só servem para entretenimento e idiotia, na medida em que são meio monstros ou excluídos do belo da sociedade barroca?

Freitas (2012) traz que estes movimentos de exclusão tomam formas diversas na Idade Média e os exemplifica através do que passavam as leprosas ao serem afastadas do convívio social pelo medo do contágio. A autora cita que Foucault (2002) toma a rejeição desses indivíduos num mundo exterior, na divisão do que poderia ser normal ou anormal nesse período. Nesta composição do século, a medicina já assumia um papel preponderante quanto aos sujeitos considerados normais ou anormais e monstruosos. Foucault (1991) refere-se à importância galgada pela medicina no final do século XVIII.

Nota-se que nestas cenas de poder e submissão, os súditos - anões e damas de companhia - reverenciam a poderosa princesa, na qual podemos associar às proposições foucaultianas referenciadas em sua aula de 19 de março de 1975. Nestas proposições, Foucault (1991) traz a figura do monstro, do masturbador e o inassimilável ao sistema normativo de educação, denunciando a psiquiatrização, enquanto constituição de uma ciência de condutas normais e anormais. Neste rumo, estas cenas de espaço entre a anã e a infanta parecem um delineamento do olhar foucaultiano ao quadro e personagens deste grupo, nos apontando o anormal/anões como objeto da medicina. Também podemos inferir e associar ao tema foucaultiano da criança indócil (na figura da dama da companhia - que parecia querer desafiar e falar, ficar mais próxima da princesa) já dando pistas de diferenças educativas e o início do poder enquanto governo dos reis e poderosos. Desta caminhada, podemos inferir que a exclusão na época medieval, já vinha carregada de verdades sobre os sujeitos diferentes e lhes dado um lugar de estigmatização.

MAIS AINDA: DEVANEANDO SOBRE O PODER DA INFANTA: ONDE ESTÁ AMIZADE?

Ainda restam pensar sobre as proposições invisíveis das relações entre a realeza e os anões, entre criança e dama de companhia, pensando nos espaços e olhares que ali se cruzam. Foucault (2010a) aposta que a infância é uma condição histórica na generalização do saber e do poder psiquiátrico. Um fascínio que vem acompanhado pelas produções de Michel Foucault, especialmente aquela que trata do governmento e se volta às relações de poder entre adultos e crianças na sociedade. Ao tratarmos da infância, podemos pensar nas relações de poder entre adultos, reis, pais e crianças e crianças da realeza e seus súditos, na figura da dama de companhia de Margarita e seus anões, exemplificando que o preconceito, deficiência (nanismo) e figura do monstro vêm já em conduta de poder nas relações, denunciando uma infância real sem amizades e sem consideração do outro nas relações com a infanta.

Descrevem-se em geral os efeitos e os mecanismos de poder que se exercem sobre eles como mecanismos e efeitos de exclusão, de desqualificação, de exílio, de rejeição, de privação, de recusa, de desconhecimento; ou seja, todo o arsenal dos conceitos e mecanismos negativos da exclusão (FOUCAULT, 2002, p. 54).

Silva (2011) traz que a invenção da infância se deu por obra e graça de uma “vontade do poder” sobre os sujeitos infantis, sendo que as formulações de Foucault nos trazem suporte para apontar os “discursos”, rituais e ideias em uma forma de governmento da infância. A autora traz a expressão “governmento da infância” através da inspiração foucaultiana, ao entender que o modo pelo qual o poder é exercido para coordenar as condutas dos seres humanos é um governmento do poder exercido sobre os indivíduos.

ÚLTIMO DEVANEIO: SERÁ QUE HÁ PARRHESIA NOS SÚDITOS E ANÕES? SERÁ QUE HÁ OUTROS NA RELAÇÃO COM A REALEZA?

Ao fazer um percorrido teórico por Foucault, podemos pensar no que ele abarca sobre a *parrhesia* (FOUCAULT, 2010b) enquanto exercício de liberdade, o qual, para o autor, é essencial. A *parrhesia* diz respeito a uma das atividades mais importantes atreladas à filosofia. Por certo isto não significa que a franqueza era desenvolvida da mesma forma e possuía o mesmo alcance no

que tange às diferentes doutrinas filosóficas da antiguidade (FOUCAULT, 2010b). A *parrhesia* envolve a noção de cuidado de si, uma forma representativa ou cognitiva de reflexividade, a qual inclui o que se pode chamar de práticas. Esclarecendo que mesmo as formas cognitivas são práticas, práticas de pensamento ou práticas discursivas tais como: a escuta, a escrita, o silêncio, a aprendizagem e o ensino. Isto é o contrário óbvio do silêncio, a tagarelice se constitui o primeiro vício do qual é necessário curar-se ao se começar a aprender filosofia (FOUCAULT, 2010b). As crianças se servem da *parrhesia*?

No quadro de Velázquez, aparece a infanta – princesa – sendo reverenciada pela dama de companhia, sem relação de amizade ou de aparecimento da infância enquanto perspectiva de brincar ou dizer coisas. Como uma *parrhesia*, a dama de companhia, que é uma criança, parece colocar-se a tagarelar. A diferença de classes entre a realeza e a dama de companhia, enquanto sua súdita, estão presentes na pintura, mas ela não se calava. No quadro há a realeza e os outros, como súditos, há a princesa Margarita e as damas de companhia, há os anões e o cachorro, a freira e os outros. Desta forma, as análises de Foucault mostram sua perspectiva, em uma motivação filosófica, voltada para o presente histórico. Notamos que as desigualdades e diferenças de classes ainda se perpetuam e se multiplicam na nossa vida. Ainda vemos muita precariedade das relações com o outro em nosso tempo. O poder e a governamentalidade abusiva de reis e ricos se perpetua desde aqueles tempos.

HÁ VÍNCULOS ENTRE A REALEZA E OS OUTROS?

Em Foucault a relação com o outro decorreria da criação de vínculos distintos, complexos e múltiplos com os demais entes que participam do mundo. Segundo Foucault, a exercitação do cuidado de si provoca e é provocada pelo amor à diferença e à distância do outro com o qual nos relacionamos de múltiplas maneiras, e pela distinção concernente à constituição da própria vida, cujo caráter estético se deve à tentativa de elaborar estilos de vida resistentes ao modo de vida vigorante. (STEPHAN, 2015, p. 140)

Segundo Stephan (2015), para Foucault a curiosidade pelo outro seria excitada em virtude da *diferença que constantemente distancia o si do outro*, pois toda tentativa de aproximação do si mesmo em relação ao outro os transforma de modo a restabelecer a distância entre eles. Neste sentido, o cuidado do outro vem no sentido de que a integração social do si no que concerne aos entrecruzamentos entre o si e os outros. Foucault compreende que o

relacionamento com o mundo ou com a natureza se estabelece através das ricas e complexas interações com os outros. A amizade seria uma destas interações pois, na medida em que faz parte do conjunto de práticas do cuidado de si, continua a ter um caráter formador. O conhecimento de si mesmo e o conhecimento do mundo são incitados pela mescla entre sociabilidade e discursos de poder. Um exemplo desta questão são os conselhos dos amigos, que orientam o indivíduo a refletir sobre os diferentes modos de interagir com o contexto social e cultural no qual vive. Será que os anões e as damas de companhia davam conselhos ou conseguiam “falar” algo a princesa? Será que havia algum laço de amizade da infanta com a dama de companhia que, no quadro de Velázquez, parecia falar sem parar com a infanta? Mesmo que *parrhesia* fosse próprio aos filósofos da época medieval, as crianças e a infanta puderam usar de seu direito de falar em algum momento?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista destas rápidas divagações, podemos inferir que, para Foucault, a relação com o outro está no contexto das resistências em relação a códigos políticos e sociais, para além dos padrões normativos socialmente aceitos. Foucault articula a experiência da amizade à ética e à política e, desse modo, compreende a relação entre os indivíduos e a comunidade social, não só no que tange aos antigos, mas também no que se refere às implicações filosóficas da estética da existência na modernidade.

Para tal, entende-se que Foucault abarca os vínculos de amizade, exclusão e poder vislumbrando perspectivas distintas acerca da relação com o outro, as quais percorreriam a sociedade. Michel Foucault, acerca da estética da amizade, também nos conduz à percepção de uma história medieval e exclusiva concernente às relações dos súditos, anões e damas de companhia e a realeza do século XVI, no poder e submissão dos deveres dos excluídos aos reis e princesas.

Frente a estas excursões teóricas, o pensamento foucaultiano parece indicar muita importância na relação com o outro como amigo, mestre, conselheiro, além de apontar para a resistência e as diferenças de classes e diversidades na chamada normalidade, dizendo não existir prática de si se não houver relação e diferença com o outro.

Concluindo, a relação com o outro é decisiva para a constituição

psíquica. Neste rumo, muitos estudos poderiam ser feitos para entendermos as possibilidades da diversidade – normalidade e anormalidade – nas relações medievais e nos laços atuais entre sujeitos na nossa contemporaneidade. Isto envolve pensar na relação de um sujeito com o outro e com os outros na classe popular e na camada abastada de riqueza, a partir das referências filosóficas e de poder capitalista, patriarcal, cultural e filosófico nos dias de hoje. Neste sentido, ao pesquisar sobre crianças inseridas em coletivos educacionais e escolares, propõem que olhemos também estas relações de poder e exclusão entre raças e níveis de poder econômico desigual, olhando também os adultos que os educam e cuidam. Uma leitura cuidadosa teria de ser feita para compreender os efeitos e possibilidades em leituras de Foucault na educação inclusiva e fundamental.

REFERÊNCIAS

- DÍEZ, B. Museu do Prado: 5 enigmas de ‘As Meninas’, de Velázquez, o mais icônico quadro da instituição de Madri. **BBC News Mundo** [site]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50472322/>.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Ed. Vozes, 8. ed. 1991.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. São Paulo: Editora Forense Universitária, 4. ed. 1994.
- FOUCAULT, M. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. (Texto original publicado em 1976).
- FOUCAULT, M. O cuidado com a verdade. In: _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010b, p. 240-251. (Texto original publicado em 1984).
- FREITAS, C. R. de. A “Normalidade”: conceito de quantas faces? **Revista Educação Especial**, v. 25, n. 44, p. 483-498, set./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6874/pdf_2.
- QUIOSSA, A. S.; ALMEIDA, R. C. M. de. As meninas de Velázquez: a representação da representação. **Virtú** (UFJF), v. 7, p. 207-224, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7457649-As-meninas-de-velazquez-a-representacao-da-representacao.html>

SILVA, A. T. T. da. Entre discursos e muros: a infância nas teias do poder. Eixo Temático: Educação na Infância. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE**. PUCPR. Curitiba. 7 a 10 nov. 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4646_2392.pdf

STEPHAN, C. L. **Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41866/R%20-%20D%20-%20CASSIANA%20LOPES%20STEPHAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

“O GRITO” E O FOUCAULT: PARA ALÉM DO OLHAR DA LOUCURA

Micaela Koch Schmitt¹

Diálogo: fala interativa entre duas ou mais pessoas; conversa; troca de ideias; discussão que busca um acordo entre as partes; fala do personagem; conversa que os personagens têm dentro de uma narrativa; obra escrita em forma de conversa, normalmente com propósitos didáticos.

Dicionário Aurélio on-line

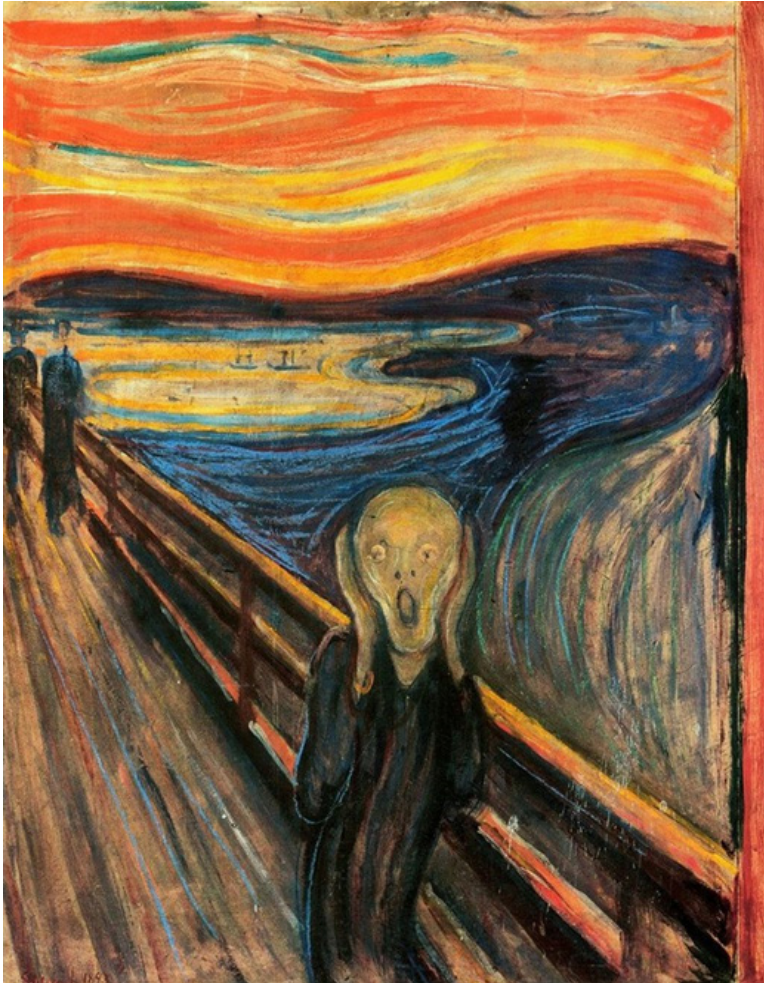
Essa escrita se propõe a trabalhar alguns conceitos foucaultianos por meio de um diálogo entre eles e alguma obra de arte (pintura, filme, poema, escritos, entre outros). Conceitos são definidos como “*modo de pensar, de julgar; ponto de vista; noção, concepção ou ideia sobre palavra; imagem mental feita de um objeto (concreto ou abstrato) cujo conteúdo é de extrema importância para o pensamento; noção ou ideia abstrata*”. Para Foucault (1979), um conceito é um operador conceitual, ele não se fecha. Um conceito segue em devir, ele resulta de um desconforto intelectual, quando se é forçado a pensar ou criar. Foucault traz em sua produção literária inúmeros conceitos que provocam o pensamento ou que abriam disruptiva em modos de pensar dentre os quais temos o de microfísica do poder, relações de poder, discurso. Durante todo o semestre estivemos as voltas com os diversos modos de se pensar e fazer uso desses conceitos.

Nesse pequeno ensaio tentarei dialogar com alguns conceitos de Foucault utilizando a obra “O Grito” de Edvard Munch (Figura 1). Essa obra-prima do pintor norueguês foi pintada pela primeira vez em 1893, sendo que ganhou 3 versões diferentes ao longo dos anos (pintadas com lápis de cor, giz pastel e tinta têmpera). Essa é uma das pinturas mais populares de todos os tempos e revela várias características de Munch: a força expressiva das linhas, redução das formas e o valor simbólico da cor. Suas telas são densas e

1 Enfermeira, Especialista em Saúde Mental. Enfermeira da UFRGS e Tutora de Núcleo da Residência em Saúde Mental Coletiva da UFRGS; Mestranda em Educação, Linha de Pesquisa Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos no PPGEDU/FACED/UFRGS. E-mail:mikacolorada@yahoo.com.br.

abordam temas difíceis e estados emocionais de conflito.

Figura 1 - “O Grito” – Edvard Munch (1893) utilizou tinta a óleo, têmpera e giz pastel sobre cartão. Mede 91 x 73,5 cm e se encontra atualmente na Galeria Nacional de Oslo, na Noruega; traduz o sentimento de angústia e solidão.



Fonte: Aidar, s.d., online.

Assim, no *O Grito* percebe-se o desespero do rosto contorcido e o isolamento que lhe é imposto pela total indiferença dos dois homens ao fundo. Expressa, sob uma das inúmeras perspectivas, a solidão, a melancolia, a ansiedade e o medo. Outras interpretações de *O Grito* nos remetem a autores

como Eggum (1984, p. 10), Messer (1987, p. 72), Hodin (1985, p. 48), que insinuam que ele é “o símbolo do homem moderno, para quem Deus está morto e para quem o materialismo não provê consolo” ,ou também algo/ alguém “totalmente alienado da realidade, a vítima é, portanto, conquistada pela realização de um inexplicável temor vindo de dentro”, ou que “As cores e a dinâmica das linhas curvas expressam, nos traços da paisagem, a ansiedade que é um íntimo estado do espírito” Já Torjusen (1989, p. 39) nos faz pensar que nos textos e nas diversas versões de O Grito, Munch (1893) expressou sua sensação de isolamento ao enfatizar a “distância que o separava de seus dois amigos, que continuavam a andar, não sendo afetados pelo seu distúrbio interno”.

Podemos pensar, em modos de subjetivação, ou seja, em que suas ligações sociais, seus sentimentos e falas podem estar permeados de relações de poder, de construção de discursos. Para Foucault (1979) a linguagem é assumida como constitutiva dos nossos pensamentos, do sentido que damos as coisas, as nossas experiências de mundo, sendo que não são necessariamente um conjunto de elementos significantes de conteúdo ou representacional, mas sim algo que precisa ser desconstruído para ser entendido, que constitui subjetividades para formar o sujeito. Nesse momento, evidencia-se o quanto o corpo é o refúgio das emoções, daquelas vistas e sentidas em sua subjetividade, ou daquelas imaginadas e ocultas, em que o sujeito somente as percebe quando ganham forma, governado pelas regras e produções de discursos em uma determinada época, ou seja, em sua integralidade e complexidade biopolítica. Conquanto há uma decisão do sujeito de recusar certas formas de ser governado, o que representa uma reação à imposição de formas de condutas. Assim, O “grito” pode ser percebido como o discurso da não aceitação, em que ele não traduz as lutas ou os sistemas de dominação somente, mas sim aquilo que ou porque se luta.

No século XIX, os males do corpo se sobrepunham aos “males da alma”, do corpo quebrado, da cabeça habitada por monstros, vozes, visões. Muita coisa ainda advinha da obra divina, em que pese que nessa época o Estado começou a se desenvolver mais, tirando da Igreja, do Divino, o poder e o controle da população, motivo pelo qual alguns poderes foram “recriados”. A loucura foi algo “divinizado” por longos períodos na história, sendo que já foi considerado “castigo dos Deuses”, por pecados cometidos, entre outros. Nos seus escritos, Foucault se interessa muito pela temporalidade das

relações, sendo que é nesse caminhar que ocorrem as transformações subjetivas do ser humano e sua relação causal com a sociedade e seus pares, em que o poder ocupa um espaço importante.

Para Foucault (1977), o Poder é uma prática social que se exerce, é algo que perpassa toda a sociedade em todas as suas instâncias, e é constituída historicamente, sendo que não é algo a ser possuído ou capturado (utilizando-se de violência), pois o poder é exercido sobre homens livres em que há um campo aberto de possibilidades. O poder é exercido pelo ato de “conduzir” os outros fazendo-os se comportar conforme ocorre a condução de condutas. Ele se desloca de um Poder Pastoral, em que há poder sobre todos e cada um, onde a salvação é individual e deve-se conhecer a alma do sujeito para o Poder Disciplinar em que há a individualização e o conhecimento analítico se fazem presente.

Na obra *O Grito* podemos inferir que Munch procura “colocar entre parênteses” o presente para poder investigar e conhecer o passado, ou seja, ele “grita” para algo que está a sua frente, sem esquecer que há algo no seu passado. Pensando que o Poder Disciplinar é aquele que exerce no corpo um poder sem o uso da força para obter o que deseja, que esse corpo individual é vigiado/olhado/corrigido (sem “punições”), com um olhar panóptico, e olhando o tempo, o louco, o grito do louco, podemos imaginar o seguinte: qual a essência desse ser? Qual a sua real função na sociedade?

Conquanto que pese também o movimento de deslocamento das essências, ou seja, a loucura sendo entendida como um produto histórico temporal de um conjunto de acontecimentos e discursos, em que o sofrimento, a angústia, e as dores do homem que sofre por pertencer a um espaço histórico e real, não contemplam o seu processo de subjetivação, passa a ser chamado de “loucura”. A loucura é o resultado de relações institucionais de poder, que saem da “instituição sujeito” e vão para a instituição manicômio, pois a partir daí o sujeito é feito prisioneiro do seu corpo num “corpo institucional”, em que agressões das mais variadas ocorrem com e nesse corpo. Assim, a desrazão vai sendo institucionalizada, deixando de ser essência para ganhar um nome: a loucura. Esse processo de assujeitamento, sai da figura passiva do “grito”, o mesmo grito que não é escutado, aquele que é escondido dentro dos muros da “instituição loucura”.

Lendo os textos de Foucault, refletimos muito sobre o quanto as dores, os gritos e as emoções são parte intrínseca do sujeito, em que as diversas

relações sociais e de poder desenham e modelam esse sujeito ao que a sociedade considera normal. Mas que normal? O “normal” que processa o assujeitamento da loucura ou da normalidade, até que se entenda a loucura como um devir, bem como entende que a relação loucura \times razão só faria sentido em uma sociedade da razão. E se for uma sociedade da desrazão? É justamente uma sociedade da razão que precisa admitir a desrazão, para que esses processos possam ser deslocados e vividos. O normal que se assujeita e aceita passivamente o que acontece em sua volta? Ou aquele normal que se curva para cada fala do seu governante? Aquele que só repete o que ouve, sem criticar ou elaborar com suas próprias vivências o que lhe acontece?

Aqui o ato de governar se torna mais visível, ou seja, para Foucault (1982) “governar, nesse sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros”. Com isso a loucura seria o que, a condução da desrazão para o campo da razão? Para que os discursos dos ditos loucos sejam “normalizados” e não mais ecoem como gritos de desespero e angústia? Nos intramuros das instituições as ações são calculadas e refletidas, pensadas para que o saber máximo (no caso dos manicômios o saber médico) seja o exercício puro de poder. Um poder conduzido para a razão, aberto a possibilidades para que o outro possa agir sobre nós.

Por fim, os escritos de Foucault nos permitem vagar pelo oceano aberto de muitas possibilidades, deixando-nos conduzir pelos inúmeros conceitos que sua obra traz. O grito, seja ele figurado ou explícito, nos conduz a um abismo de incertezas. Exemplos vivos do quanto nós, assujeitados do século XXI temos que nos remodelar, nos “deixar” levar pelas diversas formas de loucura, de emoções afloradas, de “racionalidade positiva”, de poderes que nos amparam e nos movem. Esse processo de assujeitamento nos torna mais humano mais livre, pois o poder somente pertence aos homens livres. Contudo não esqueçamos que onde há poder há resistência. Uma resistência que pode ser entendida e sentida não como violência, mas sim um processo de condução para novos caminhos e possibilidades em que o sujeito se torna parte da sociedade em que habita.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **O Grito**: obra expressionista de Edvard Munch. Portal Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-grito/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

EGGUM, Arne. **Edvard Munch. Paintings, sketches and studies.** New York, Clarkson N. Potter, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia (1968). In: ___ **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Ditos & Escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2008, p. 82-118.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: ___ **Ética, Sexualidade, Política.** Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. A loucura e a sociedade (1978). In: ___ **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.** Ditos & Escritos I. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 259-267.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito:** Curso dado no Collège de France (1981-1982). 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HODIN, J.P. **Edvard Munch.** London, Thames and Hudson, Ltda, 1985.

MESSER, Thomas M. **Munch.** London, Thames and Hudson, Ltda, 1987.

MUNCH, Edvard. **“O Grito”** (1893) tinta a óleo, têmpera e giz pastel sobre cartão. 91 x 73,5 cm, Galeria Nacional de Oslo/Noruega; traduz o sentimento de **angústia e solidão.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-grito/>. Acesso em: 16 de mar. 2022.

TORJUSEN, Bente. **Words and images of Edvard Munch.** London, Thames and Hudson, Ltda, 1989.

DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ÀS ARTES DA EXISTÊNCIA: RESSONÂNCIAS PARA OUTROS MODOS DE PRATICAR O CUIDADO EM SAÚDE

Michele Neves Meneses¹

Roberta de Pinho Silveira²

Cristianne Maria Famer Rocha³

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próprio emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar (KRENAK, 2020, p. 65-66, grifos no original).

Este ensaio busca refletir sobre modos de vida não hegemônicos na (e da) sociedade brasileira. A partir das experiências de vida e cuidado de alguns

-
- 1 Educadora Popular em Saúde. Enfermeira. Mestra em Ensino na Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Enfermagem na Escola de Enfermagem (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Promoção da Saúde (GEPs/UFRGS). Movimento Popular de Saúde (MOPS/RG). Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS). Trabalhadora do SUS. Rio Grande. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: michelemeneses22@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0933-7051>.
 - 2 Fisioterapeuta. Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Enfermagem na Escola de Enfermagem (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Promoção da Saúde (GEPs/UFRGS). Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: betadepinho@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4136-9253>.
 - 3 Doutora em Educação, Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cristianne.rocha@ufrgs.br. <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>.

povos originários brasileiros buscamos compreender como é possível instaurar uma estética da existência baseada em preceitos éticos diferentes daqueles usualmente concebidos como possíveis e naturalizados como corretos e aceitáveis.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que os povos originários brasileiros são diversos e plurais: utilizam diferentes linguagens, tradições e práticas espirituais. A riqueza cultural perpassa as mais diversas etnias indígenas que se configuram como potência da biodiversidade, força de (re)existência (ou de resistência) e etnodiversidade, com maneiras distintas de pensar e de viver, segundo as variadas cosmologias.

Ailton Krenak (2020), jornalista e importante liderança indígena, discorre que a colonização branca europeia, legitimou a premissa de que apenas seus modos de organizar e regular a vida são válidos e verdadeiros, por meio de relações de dominação e violência em relação aos povos originários. Tal concepção limita as variadas possibilidades de invenção, criação, liberdade e existência. Nesse sentido, analisar os modos como uma sociedade orienta suas práticas e, em particular nesse texto, aquelas relacionadas à saúde, poderá nos permitir compreender e valorizar outras racionalidades, outros modos de construir conhecimento e outros modos de existência.

Os discursos sanitários produzidos em nossa sociedade nos orientam com suas verdades científicas, cuja legitimidade se estabelece por meio de estratégias biopolíticas que, para Michel Foucault (2014), são aquelas estratégias que se ocupam da população (e não apenas dos indivíduos em particular) e visam racionalizar os problemas coletivos e garantir a máxima utilidade da população para a produção de bens e riquezas. Tais estratégias buscam, por um lado, produzir subjetividades e condutas e, por outro, silenciar uma pluralidade incorporada em modos de existir que não se dão através dos discursos e práticas convergentes à razão científica moderna e, em nossa atualidade, à razão neoliberal. Para Foucault (1989), a biopolítica opera sobre as populações e utiliza diferentes estratégias, que ele chama de dispositivo:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito [ou o enunciável e o visível, respectivamente, segundo Deleuze, [1994a] são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos [...] heterogêneos [...] (p.244).

Da mesma forma, as práticas de cuidado em saúde nos oferecem modos de pensar e conduzir o corpo nos processos de saúde e doença, além de ser utilizada como dispositivo biopolítico nas sociedades colonial-patriarcal-capitalistas, em atual dobra neoliberal (ROLNIK, 2017), para estabelecer regimes de verdade acerca das mais diversas dimensões da vida, modos pelos quais se constituem nossas subjetividades. Nesse sentido, as práticas de cuidado em saúde são disputadas como um importante campo para legitimar discursos de verdade acerca de muitas dimensões da vida.

Entre os discursos e as práticas sobre processos de saúde e doença figuram aqueles acerca do autocuidado, que marcam fortemente as políticas de promoção da saúde no Brasil, mas também no mundo, conforme podemos perceber ao analisar os documentos de instituições como a Organização Mundial da Saúde (SILVEIRA, 2018). Com a pandemia, os efeitos do autocuidado como regime de verdade sanitário, podem ser percebidos com maior intensidade, seja pela exposição de algumas vidas aos riscos diretos da COVID-19 (como os das enfermeiras na linha de frente ao enfrentamento da pandemia), seja no não aproveitamento da Atenção Primária à Saúde (APS) em relação à assistência e orientação junto à população quanto à prevenção, à contaminação por coronavírus e à assistência ou continuidade nos atendimentos dos usuários que já estão em tratamentos para outras doenças (MEDINA et al., 2020).

Nesse sentido, percebemos que o discurso sanitário do autocuidado busca esvaziar a potência do cuidado à saúde produzido na APS, como se bastasse a circulação de informações para que todas as pessoas pudessem cuidar da própria saúde ou como se as determinações sociais da saúde não fossem fatores importantes e indispensáveis na produção do cuidado à saúde. Também, invisibiliza a potência de outras formas de cuidar que não estão inscritas na racionalidade médica hegemônica, fazendo-as não se configurarem como ciência, por ora intitulada “validada”, como, por exemplo, as práticas populares e ancestrais. Assim a ciência formulada pela razão ocidental moderna tem produzido no Brasil silenciamento de práticas ancestrais e populares que percorre nos discursos do cuidado em saúde, ademais com a condução atual do Ministério de Saúde, temos tido mais políticas que inviabilizam os modos de vida dos povos tradicionais busca esvaziar a potência do cuidado à saúde produzido no cotidiano da vida, bem como na ancestralidade experienciada pelos povos originários., como nos mostram as taxas de desmatamento em

terras indígenas que nos últimos três anos cresceram 138% (CIMI, 2022).

Dessa maneira, o discurso sanitário da promoção ao não contextualizar as condições de acesso às determinações sociais da saúde busca esvaziar a potência do cuidado à saúde produzido no cotidiano da vida, bem como das experiências relativas à ancestralidade dos povos originários, de acordo com as variadas cosmologias. No caso dos povos tradicionais ou originários, o impedimento ao acesso as condições ambientais para que possam produzir seus modos de vida, mas, também, garantia de proteção ao direito à vida, direito de não estarem expostos, por exemplo, às intoxicações por mercúrio e agrotóxicos ou, mesmo, aos efeitos da violência empreendida contra seus corpos com objetivo de tomar seus territórios e entregar para o uso de mineradoras ou agronegócio, entre outros.

Importante contextualizar que com a precarização do sistema público de saúde, em decorrência das crises e austeridades praticadas pelo capitalismo neoliberal, o cuidado à saúde dos indivíduos e coletividades torna-se operado numa lógica mercantilista, onde as pessoas têm suas existências tomadas enquanto um corpo, do qual deve se extrair lucro, e uma coletividade, constituída enquanto população, à qual é preciso governamentalizar.

Governamentalidade é um conceito desenvolvido por Foucault (1989), para se referir a uma “[...] forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança” (p.291-292). Segundo Nikolas Rose (1998):

A governamentalidade [...] se tornou o terreno comum de todas as nossas formas modernas de racionalidade política, na medida em que elas constroem as tarefas dos governantes em termos de supervisão e maximização calculadas das forças da sociedade. A governamentalidade é o conjunto formado pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas, que permitem o exercício dessa forma muito específica, embora complexa, de poder e que tem como seu alvo a população (p.35-36).

Para tal empreendimento, torna-se necessário fazer a circulação de discursos e práticas de autocuidado em saúde, produzindo uma medicalização da vida, como um dispositivo central das estratégias biopolíticas, que operam uma patologização dos aspectos relativos às questões da vida e dos corpos (como, por exemplo, a infância ou a sexualidade) tornando impossível descrever experiências com o corpo humano que não passem, em algum sentido,

pelo saber biomédico (ZORZANELLI et al., 2014). Destaca-se, ademais, que muitas práticas que não circundam o saber biomédico não são consideradas como práticas de cuidado, ou ainda, rechaçadas e descritas como práticas de “curandeirismo”, “bruxarias” e “feitiçarias”. Essas têm sido identificadas como “pseudociência” por alguns setores da sociedade como, por exemplo, no pronunciamento da Sociedade Brasileira de Física (2018) que defende, através de uma retórica de ciência absolutista, métodos descritos como científicos. Desse modo, as práticas de cuidado dos povos originários, que contemplam seu modo social e espiritual de viver, seus códigos, concepções e dimensões tendem a ser tratados à parte pela sociedade, como se valessem menos, não “universal” (embora não se pretenda como tal) ou apenas como objeto de pesquisa por um campo social a ser autorizado pela biomedicina.

Esse excesso de intervencionismo biomédico sobre os corpos e as vidas das pessoas se relaciona, de acordo com Ana Maria Costa (2004), aos interesses do mercado de bens e serviços de saúde, mas, também, produzem discursos acerca de como devemos nos conduzir na vida. Assim, podemos perceber que a medicalização opera uma estratégia de saber-poder que produz subjetividades tanto entre os profissionais de saúde, como as enfermeiras, quanto na população em geral. A Medicina foi fundamental para a produção de uma população normalizada (FOUCAULT, 2006), pois tal processo garante o exercício do poder pelo governo das condutas; ao mesmo tempo que silencia outras formas de percepção do processo de saúde e doença, negando práticas populares e ancestrais dos povos originários. Nesse sentido, o discurso sanitário do autocuidado cumpre com uma tarefa produtiva de incitar o desejo por meio de discursos de verdade sobre como devemos nos conduzir para nos adequarmos aos modos de existências subjetivados e objetivados por uma racionalidade neoliberal. Portanto, povos e culturas, cujos modos de vida não partilham da matriz epistemológica da razão moderna ocidental, tem sua produção de conhecimento desqualificada, considerada inválida por não seguir os fundamentos científicos da razão moderna. Nesse sentido, há um epistemicídio empreendido sobre os saberes e práticas dos povos originários (SANTOS, 2018) que, ao mesmo tempo, silencia outros modos de vida e também expropria essas populações de seus territórios e de seus conhecimentos, muitos dos quais são utilizados pela indústria farmacêutica sem o devido reconhecimento da propriedade intelectual dos saberes e práticas que dão origem a muitos dos seus produtos (ZANIRATO; RIBEIRO, 2007).

Por isto, buscar problematizar os discursos e as práticas que constituem as realidades acerca dos corpos, da saúde e dos modos de levar a vida, perfaz um exercício ético indispensável. Para tal, nos inspiramos no pensamento de dois filósofos contemporâneos, Michel Foucault e Pierre Hadot, pois esses autores nos oferecem conceitos-ferramentas com os quais podemos ensaiar o pensamento, a escrita e a vida (LARROSA, 2004), num exercício crítico capaz de fazer ver a história dos discursos e das práticas, seus efeitos, as disputas que os delimitam, os jogos de verdade que tecem a composição das realidades e suas materialidades, entre outras ações possíveis.

Dessa maneira, possibilitam a instauração dos modos de existência não convergentes às formas hegemônicas, disciplinadas e normalizadas que produzem uma homogeneização inimiga da diversidade e pluralidade e que não reconhece o outros modos de ver, estar e experimentar esse mundo, nesse caso e, sobretudo, os povos originários. Acreditamos que nossa atualidade explicita os limites aos modos de produção capitalistas neoliberais, cujas ações provocam precarização em todas as formas de vida existentes no planeta, e, portanto, temos urgência na superação desse modelo predatório de organização da sociedade. Modelo de “progresso de humanidade” que vem silenciando e destruindo as diversas existências e experiências plurais dos povos originários, mas também de todas as outras formas presentes no planeta, como nos aponta Krenak (2020). Nesse contexto, o campo da saúde e o da educação são fundamentais para colocar em movimento outros modos ser e estar no mundo, pois seus discursos e práticas têm grande participação na constituição dos nossos corpos, subjetividades, mas, também, na garantia das materialidades indispensáveis para que nossas existências tenham condições de possibilidade para se desenvolverem plenamente.

Ao procurar olhar as possíveis existências que compõem este mundo, nos interessa saber as maneiras pelas quais se dão determinadas existências, como se constituem e que efeitos provocam. Assim, não buscamos a verdade definitiva das existências, o exercício do pensamento crítico, seguindo Foucault (2000, p. 302), se faz “por lampejos imaginativos” e busca instaurar outros modos de existência. Portanto, a noção de crítica em Foucault está relacionada às práticas que fazem viver, que dão visibilidade a acontecimentos e saberes silenciados, acolhe e comemora outras práticas, discursos e modos de existência. Nesse sentido, não adere a julgamentos em nome de uma verdade única (RAGO, 2015).

Ainda, conforme Rago (2015), o exercício da crítica nos mostra as configurações que conformam e contornam o objeto, as práticas que o constituem, desconstrói os discursos lineares, pois “é preciso deslegitimar o presente, desfazendo o fio da continuidade histórica, que sustentam as noções de identidade e de natureza humana. É preciso reler o passado e construir novas narrativas históricas” (p. 257). A noção de crítica e pensamento filosófico em Foucault está intimamente relacionada à história, procurando aí conhecer o passado e, ao olhar com atenção para as continuidades e descontinuidades dos discursos e das práticas, poder perceber quais batalhas foram disputadas, quais jogos de verdade ocorreram, e, em consequência dessa consciência, podemos abandonar ideias naturalizadas sobre as coisas desse mundo.

Em relação às práticas de cuidado em saúde, o conceito de cuidado de si formulado por Foucault, nos oferece condições para produzir outros modos de pensar sobre os processos de saúde e doença, bem como o cuidado em saúde. Elencamos duas razões para tal afirmação: primeiro, a ideia de que o cuidado de si é relacional, ainda quando acontece por meio de um trabalho sobre si mesmo, tem como objetivo se constituir como um ser ético na dimensão coletiva; segundo, as práticas de si conferem ao cuidado de si possibilidades ou ferramentas para um exercício sobre si mesmo, que, embora formativo, objetiva a transformação no lugar de fixar tradições como verdades absolutas.

CUIDADO DE SI E PRÁTICAS DE CUIDADO EM SAÚDE: POSSIBILIDADES PARA O ENCONTRO DAS SINGULARIDADES COM EXISTÊNCIAS SOCIAIS

A história do *cuidado de si* (*epiméleia heautoû*) mostra a presença desse preceito filosófico localizada na antiguidade clássica greco-romana, que caracterizava uma atitude geral e um certo modo de pensar sobre as coisas e de estar no mundo, desde os modos de se conduzir aos de se relacionar com os outros, que inclui um trabalho atento sobre si mesmo, que se realiza na atenção aquilo que pensamos, mas também, praticando determinadas ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos transformamos (FOUCAULT, 2006).

Impressiona imaginar que tal preceito percorreu como fio condutor um longo período histórico que, segundo Foucault (2006), esteve presente do século V a.C. ao século V d.C., e conduziu o exercício filosófico entre os gregos e depois o ascetismo cristão. A prática do *cuidado de si* podia ser exercida em

ações muito variadas, tais como: os cuidados com o corpo, os exames de consciência, meditações, leituras, anotações de conversas com um confidente, apropriação de verdades já conhecidas sobre o cosmos, indiferença às coisas indiferentes, aprender a dialogar, a ler, a viver e a morrer (PORTOCARRERO, 2011). Ainda que tais práticas pudessem configurar ferramentas para que as existências fossem tomadas como uma obra de arte, o encontro das singularidades consigo mesmas e com a coletividade poderia compor o cuidado. Assim, o *cuidado de si* se faz por meio de atitudes e exercícios sobre si mesmo, cuja disposição filosófica e ética pode constituir um sujeito obra, que vai se compondo ao longo da vida. Diferente do sujeito subordinado ao *conhecimento de si* que se constitui como sujeito cognoscente, pois se caracteriza por sua imperfeição e ignorância e, portanto, precisa ser corrigido e instruído para se formar (MARCELLO; FISCHER, 2014).

Segundo Foucault (2010), o cuidado de si incorporava práticas de si investida de uma autonomia muito maior do que podemos ver a partir do momento em que tais práticas foram investidas pelas instituições religiosas, pedagógicas ou médicas. Essas instituições implicam no investimento sobre o governo das condutas, na governamentalização para o controle e na regulação dos indivíduos e coletividades. É nesse sentido que apontamos, também, a medicalização como uma estratégia biopolítica que responde a uma racionalidade neoliberal, de sujeitos empresários de si, cuja autonomia, longe de apontar para práticas de liberdade, leva à precarização das existências.

PRÁTICAS DE SI PARA ESPÍRITOS MUTANTES: TRANSFORMANDO PRÁTICAS DE SAÚDE PARA O BEM VIVER

Os exercícios espirituais, seguindo Pierre Hadot (2014), derivam da tradição filosófica da antiguidade greco-romana e não foram compostos para expor sistemas de pensamento, mas, sim, possibilitar a produção de modos de existência. Nesse sentido, os exercícios espirituais apresentam um efeito formativo. Portanto, são práticas existenciais que operam transformações de si mesmo que envolvem o pensamento, mas também a imaginação, a sensibilidade e a vontade (HADOT, 2014).

De acordo com Hadot (2014, p. 22), podemos observar com facilidade a presença dos exercícios espirituais na tradição filosófica dos epicuristas e estoicos, os quais consideravam a filosofia uma arte de viver por meio da qual “se atinge a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade

interiores”. As escolas filosóficas da antiguidade greco-romana apresentam métodos terapêuticos próprios, com a finalidade de alcançar uma transformação profunda nos modos como os indivíduos veem o mundo e a si próprios, assim como no modo como são suas existências. Os exercícios espirituais objetivam exatamente essa transformação existencial.

Embora não exista nenhum tratado sistemático que codifique um ensino dos exercícios espirituais, segundo Hadot (2014), podemos encontrar com muita frequência alusões a essas práticas nos escritos da época helenística e romana. Contudo, segundo Almeida (2011), os exercícios espirituais possibilitavam uma experiência, que permite tomar intensamente a consciência do fato de que fazemos parte da natureza, que somos essa natureza e que ela nos inclui.

Indo ao encontro às cosmologias indígenas, encontramos uma visão convergente à de Hadot acerca da natureza. Para Krenak (2020),

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (p.83).

Tais visões acerca de nossas existências e do mundo fazem pensar sobre como os modos de vida colonial-patriarcal-capitalistas (ROLNIK, 2017) produzem a morte de (ou inutilizam) muitos, bem como tornam a natureza - e a vida das pessoas que não são úteis para o mercado - um recurso a ser explorado em nome da evolução e do progresso.

O próprio Krenak (2020) cita a análise que Foucault faz sobre a sociedade de mercado em que vivemos e de como categorizar os seres humanos em úteis e não úteis, produtivos e não produtivos. Diante disso, discorre que têm sido uma prática biopolítica que promoveu o avanço e a manutenção do modelo capitalista de mundo. Assim, ou o indivíduo gera lucro ou é considerado uma despesa da qual é preciso se livrar. Nesse sentido, alguns indivíduos são tidos como úteis e devem ter sua vida majorada e, outros, os que não são úteis, deve-se deixar morrer (ou, no limite da perversão, fazer morrer).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos interessou aqui pensar nas possibilidades que os exercícios espirituais trazem para a transformação dos modos de existência, pois, mesmo

que tenham uma intenção formativa, não são exatamente homogeneizantes. Bem ao contrário: os exercícios espirituais vão na direção oposta de muitas práticas de promoção da saúde que são orientadas para a regulação dos estilos de vida, através dos discursos securitários que nos informam condutas ideais para garantir uma vida considerada saudável, mas que funcionam muito mais como dispositivos de controle social dos indivíduos e coletividades, para a manutenção das relações de dominação e das práticas neoliberais atuais.

Os encantamentos dos povos originários configuram, assim, formas de ser e estar no mundo, a partir das cosmologias que produzem, para além de resistências, re-existências, interconexões, re-criações, invenções que possibilitem um bem viver e outros modos de cuidado na vida. Por isto, alimentar-se da criatividade, do afeto, da poesia, da dança, das diversas capacidades imaginativas poderá nos permitir construir caminhos com os outros, no e com o cosmos.

Acreditamos que a construção do conhecimento e a produção de saúde se fazem por meio de relações e encontros plurais que buscam construir mundos em comum, pois tal disposição pode nos possibilitar a criação de outros modos de vida e existência. Isso porque precisamos responder aos problemas desafiadores de algumas de nossas atuais contingências, especialmente diante de uma pandemia que explícita o quanto ainda estamos (re)produzindo modos coloniais-patriarcais-capitalistas (ROLNIK, 2017), para que possamos inventar outros modos de praticar saúde, na tentativa de experimentar outros modos de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Ferreira de. Pierre Hadot e os exercícios espirituais: a filosofia entre a ação e o discurso. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 99-111, jan./jun. 2011.

CIMI. *Brasília comanda avanços de garimpos e desmatamentos no Brasil – Parte VI*. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/01/brasil-comanda-avancos-de-garimpos-e-desmatamentos-no-brasil-parte-vi/>. Acesso em: 10 fev 2021.

COSTA, Ana Maria. Integralidade na atenção e no cuidado a saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.13, n.3, p.5-15, set-dez. 2004.

DASARTES. *Artes visuais em revista*. ed 105, Rio de Janeiro, mar. 2021. Disponível em: <https://dasartes.com.br/a-revista/dasartes-105/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. *Ditos & escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 299-306. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si (1983). In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense, p. 144-162. 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 1 ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. In: HADOT, Pierre. Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 368 p. 2014.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p.:27-43, jan/jun, 2004.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. *Pro-Posições*, Campinas, v. 25, n. 2 (74), p. 157-175. maio/ago, 2014.
- MEDINA et al. Atenção primária à saúde em tempos de COVID-19: o que fazer? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 8, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rYKzdVs9CwSSHNRPTcBb7Yy/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev.2021.
- PORTOCARRERO, Vera. Os limites da vida: Da biopolítica ao cuidado de si. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 419-430, 2011.
- RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-

-NETO, Alfredo. *Para uma vida não fascista*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.253-268, 2015.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, p.30-45.1998.

SILVEIRA, Roberta de Pinho. *Verdades em (des)construção: uma análise documental das práticas integrativas e complementares em saúde*. 2018. Dissertação (Mestrado Saúde Coletiva). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FÍSICA. Um basta à pseudociência. São Paulo, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/39Mzsgy>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ZANIRATO, Helena Silvia; RIBEIRO, Wagner Costa. Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais. *Ambiente & Sociedade*, Campinas v. X, n. 1 p. 39-55 jan - jun, 2007.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA JUNIOR, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950- 2010. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1859-1868, Jun, 2014.

PALAVRAS VIOLENTAS, PALAVRAS QUE CORTAM, RACHAR AS PALAVRAS: FLERTES, ENCONTROS E DEVIRES ENTRE LEONILSON E FOUCAULT

Tiago Amaral Sales¹

PALAVRAS

Encontros. Entre corpos, afectos. Entre experiências, vida. Entre palavras, cortando, rachando os tempos e espaços, criando. Encontros intensivos e produtivos.

Palavras violentas que incidem nos corpos, que marcam, produzem vertigens e fissuras, inspirado na obra de José Leonilson presente na Pinacoteca de São Paulo (Imagem 1). A partir do encontro com essa produção artística, cair nas tramas das palavras que nos atravessam, feito flechas, incidindo em nossas vidas. Quais palavras nos produzem? Como nos criamos e vivemos pelas e com as palavras?

“Rachar as coisas, rachar as palavras”, como nos disse Gilles Deleuze (2013, p. 109) sobre o seu amigo, Michel Foucault: criar brechas, abrir porosidades, fragmentar. Debruçar-se minuciosamente nos detalhes, nos enunciados e nas enunciações. Cavucar, desenhar, escrever. Vasculhar, ter atenção: criar com as palavras.

Cortar, a partir do saber, também com as palavras, o mundo que nos atravessa e permeia. Um saber que é feito para cortar, como reflete Durval Albuquerque (2020) acerca dos estudos foucaultianos. Fatiar, segmentar, incidir cirurgicamente: cortar pelas palavras, cortar as palavras.

¹ Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestre e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Palavras... As palavras e as coisas (FOUCAULT, 2000). Palavras que produzem coisas. Palavras que criam e que também destroem. Palavras para não morrer: falar para não morrer, assim como pintar para não morrer: “Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala” (FOUCAULT, 2009, p. 47). Escrever, falar, eternizar a vida, em palavras...

Palavras, apenas palavras... “Palavras ao vento...”²

Palavras que constroem humanos e também os desfazem. “O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo”, afirmou Foucault (2000, p. 536) no penúltimo parágrafo de seu célebre livro *As palavras e as coisas*, antes de finalizá-lo com a possibilidade de se poder “apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia” (FOUCAULT, 2000, p. 536), pelo desaparecimento das disposições que o produzem.

Palavras infectantes, pontiagudas, afectivas, nos contagiando com as suas forças, atravessando-nos em potência. Palavras proferidas artisticamente: a palavra como obra de arte, a artesanania de usar as palavras, de escrever com imagens nos bordados, esculturas, desenhos e pinturas, em poéticas mínimas.

Através das palavras, escrevo um pouco sobre os meus flertes e encontros que aconteceram com José Leonilson e Michel Foucault. Em algum nível, posso dizer que escrevo para eles, como se essas breves palavras ensaísticas, soltas, difusas, também pudessem chegar até eles, em um sonho ou delírio, em desejos e utopias.

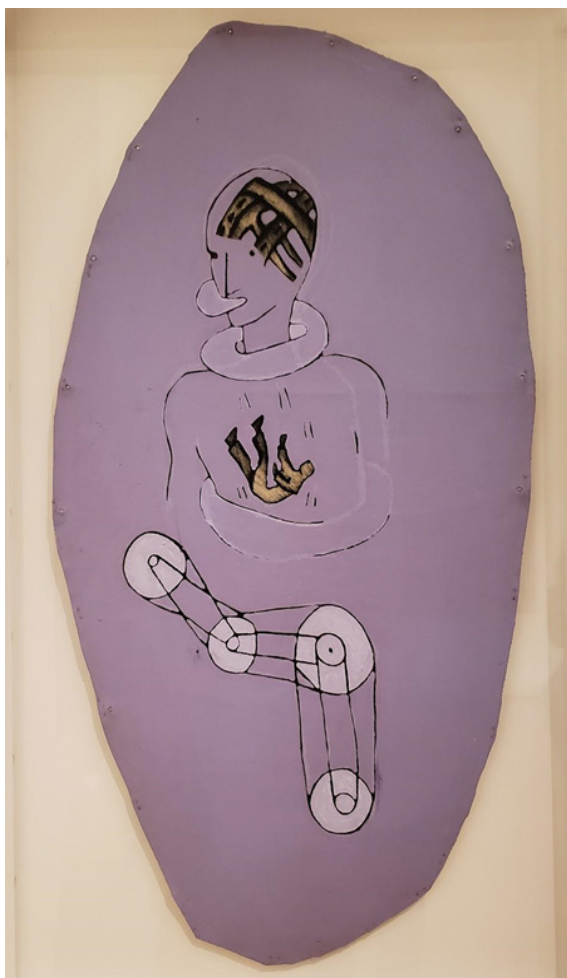
Leonilson e Foucault: humanos, vidas, artistas na artesanania de viver. Homens que pensaram, criaram e amaram. No Brasil, na França. Nas viagens, nas ruas, nos célebres espaços, nos becos, nas dores e nos amores. Homens que viveram intensamente e, como todo vivo, também morreram. Talvez, mortes precoces. Mortes pandêmicas, como tantas outras que continuam acontecendo até hoje. Mas, não é sobre a morte que quero falar neste ensaio, é sobre a vida: a vida nas palavras. Também escrevo para vocês que me leem: que essas palavras possam ressoar. Talvez já estejam ressoando. Em mim estão.

Não pude conhecer Foucault e nem Leonilson carnalmente. Também não sei se ambos se conheciam. Antes de eu nascer, eles já não estavam mais

2 Inspirado na música *Palavras ao Vento*, composta por Marisa Monte e Moraes Moreira, eternizada na voz de Cássia Eller.

corporalmente vivos. Mas, a vida deles continua reverberando em forças: palavras e coisas, textos, produções artísticas, entrevistas, obras, vidas. Vidas como obras de arte. Obras de vida que seguem vivas, legados potentes, singulares e únicos. Imensos: gigantescos em extensão e intensidade. Posso dizer que aprendo com eles diariamente, a cada leitura, a cada obra, a cada pista biográfica que descubro. Aprendo pelos encontros, em forças.

Imagem 1: Palavras Violentas, José Leonilson (1989).



Fonte: Registro do autor em visita à Pinacoteca de São Paulo em setembro de 2021.

ENCONTROS

Por estes encontros, entro em devires: devir-Leonilson, devir-Foucault. “Devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10). Derivas, flertes. Devir, vir a ser, estar em movimento, em encontros desejosos, em intensidades e modulações variadas.

Encontrar com as produções de Foucault e Leonilson é me atravessar numa gama de afetos que violentam e também cortam o meu corpo, cada qual ao seu modo e intensidade. São palavras, imagens e coisas que tatuam a minha vida em movimentos intensivos. Palavras em suas forças educativas: eu aprendo com estas palavras, produzo modos de viver, de habitar o mundo, de me portar, também incidindo nos outros modos que havia aprendido anteriormente. Crio usos outros com as palavras, quando não forjo palavras novas. Ensaio modos de vida, inspirado na operação ensaio que Jorge Larrosa (2003) disserta acerca do trabalho de Foucault:

[...] fazer um balanço do que há de “vivo” na obra de Foucault supõe, talvez, fazer um balanço do que há de “vivo” em nós: nas nossas palavras, nas nossas idéias, na nossa forma de escrever e de ler, na nossa forma de pensar, em todas essas coisas que somos e fazemos e que, de algum modo, a leitura de Foucault contribuiu – e talvez siga contribuindo – para formar e transformar. Não tenho a menor dúvida de que, sem Foucault, vocês e eu seríamos outros. Não sei se melhores ou piores, mas, em qualquer um dos casos, outros (LARROSA, 2003, p. 28).

Os encontros com a filosofia de Foucault me movimentaram a mobilizar a minha atenção às relações de saber e poder que permeiam o mundo e se conectam com a minha vida, aos processos que me produzem e constituem-me como sujeito, assim como os demais seres humanos que me encontro. Pensei e indaguei questões relacionadas à medicina e à tensão entre saúde e doença; à loucura e à saúde mental; à escola e à educação institucionalizada; à prisão e às suas relações com o direito, à liberdade e à moral em vigor; ao amor, à paixão, à amizade, ao cuidado de si... Foram tantas as mobilizações que em mim ressoaram pelos encontros foucaultianos que faltariam palavras para traduzi-las e expressá-las. Estes afetos seguem ressoando, visto que a obra do filósofo francês é extensa e, quiçá, um dia terei contato com todos os seus ditos e escritos. É um trabalho para toda uma vida, ou, quem sabe, muitas vidas...

Já os encontros com as produções artísticas de Leonilson me deslocaram a pensar nas relações entre vida, paixão, (homo)erotismo, pertencimento, estranhamento, diferença... sempre em poéticas de vida. Mais do que pensar, as suas obras são um convite à experimentação do encontro, às intensidades e modulações da vida como uma potente obra de arte.

“A obra de Leonilson é uma questão pessoal, do próprio artista. Não trata de outra coisa” (2012, p. 27), afirma Ricardo Resende. Das intimidades e pessoalidades que movimentaram o trabalho de Leonilson, as suas produções artísticas expandem e transbordam em potências de afetamentos. Extravasam. Supitam, como nos vulcões desenhados pelo artista.

“Leonilson navega por águas turvas e fortemente emocionais em busca não de significações mas de uma poética sempre desejante” (SILVA, 2019, p. 87). Nas criações do artista, escrita, pintura, bordado e escultura se misturam, em multiplicidades: um multiartista. “Leonilson escrevia e pintava, pintava e bordava, bordava e escrevia. Em tantos duplos, sua fala se multiplica em infinitos, porém se mantém unificada como uma pulsão de vida” (SILVA, 2019, p. 88).

Lúcio Silva (2019) reflete que “Leonilson escreve com imagens” (p. 98), efetuando uma “confirmação do desejo pela escrita” (p. 99). As palavras compõem as obras do artista, transbordam e nos convidam à experimentação de um devir-Leonilson, em suas intensidades afetivas e desejosas.

Talvez, ao encontrar com essas palavras e coisas violentas e cortantes, tanto nas produções artísticas de Leonilson quanto nas filosóficas de Foucault, também possamos incidir nos modos de subjetivação que nos atravessam: criar um caminho, uma linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011), uma rota de resistência às relações de poder que nos permeiam pois, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2013a, p. 105).

TATUAGEM

Depois de alguns anos dessa minha existência na Terra, andando por todos os cantos possíveis e aprendendo um pouco com cada um deles, percebi algo que me intrigava. Desde a adolescência eu desejava fazer uma tatuagem, mas sempre me questionava acerca desta prática de marcar o corpo ‘para sempre’. Entretanto, percebi com o tempo que, inevitavelmente, o meu corpo era marcado diariamente, o tempo todo, incessantemente, pelos meus trajetos

de vida, pelas minhas escolhas e pelos meus encontros. Assim, decidi incidir nele ativamente, permitindo-me ser tatuado.

Sobre as tatuagens, máscaras e maquiagens, Foucault (2013b) reflete que:

Mascarar-se, maquiarse, tatuar-se não é, exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiarse, mascararse é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. Máscara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acaba de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro (p. 12).

A tatuagem colocou-se, para mim, como uma possibilidade sutil e permanente de incidir no meu corpo e deslocá-lo, de criar conexões, pontes em comunicações, arrancando-me do meu espaço habitual, tensionando crenças e valores morais, e projetando-me em um espaço outro, porvir, marcado.

A dimensão das marcas fazem parte da vida, atravessando o corpo-existência. Sobre as marcas, Suely Rolnik (1993) afirma que

[...] são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (p. 242).

Decidi marcar na pele um encontro entre Leonilson e Foucault. Um encontro desejoso. Não sei se eles puderam se encontrar em vida, nem se ambos se conheciam. Mas fiz esse encontro deles aqui, em mim. Feito corte na pele, o encontro aconteceu. Feito palavras que violentam e marcam, com agulhas e tinta preta. Feito vírus que infecta, prolifera e deixa marcas no corpo. Feito livro que se lê ou exposição que se visita e o impacta de uma forma que palavras não são capazes de traduzir. Feito o encontro entre corpos que

se desejam, experimentam e experienciam. Encontros os quais ninguém sai ileso.

A mistura entre o desenho de Leonilson de dois peixes unidos pela linha - e quiçá, também pelo anzol que os prende à linha - presente no começo do filme *A Paixão de JL*, de Carlos Nader (2015), com a frase traduzida do francês “no amor, o corpo está aqui”, de Foucault (2013b, p. 16), que finaliza o ensaio *O Corpo Utópico*, compõem, agora, parte da minha topografia epidérmica, na tatuagem que marcou a minha pele e criou uma paisagem. Tatuagem que engendrou um território de mistério, de comunicação com forças e poderes, com intimidades semi-secretas em suas sinuosidades.

Pela tatuagem, criei um território de encontro materializado entre Leonilson e Foucault. Mas, a verdade é que os dois já se encontraram múltiplas vezes antes - algumas delas em mim. Encontros que ocorreram nas conexões em pensamentos, nos afetamentos. São conexões em movimentos de vida, diálogos intensivos pelo que é dito e o que não é possível de se dizer, e se materializa em imagens, sons, percepções, se concretiza em forças, nos rastros das palavras.

Imagem 2 - Marcas, derivas na pele. Registro do tatuador Vitor Moreira.



Arquivo do autor.

PORVIR

Aprendo o tempo todo. A cada dia, em cada encontro, me formo, de-formo e transformo. Estar vivo é aprender, como refletem Fernanda Rigue e Alice Dalmaso (2020). Com os encontros entre a minha vida, a de Foucault e a de Leonilson - ou, pelo menos, o que deles permanece vivo, nas obras que seguem ressoando e nos infectando - me afetei, fui permeado, mobilizando o meu corpo e pensamento em direção a reflexões de vida, intensivas.

O que virá? O que está por vir? Palavras cortantes, violentas? Criações, experimentações? Palavras e coisas? Palavras e imagens? Palavras-imagens tatuadas no corpo? Palavras que afagam e permitem esperar? Palavras duras feito pedra, que quebram muros mas também constroem estradas? Palavras... material para a criação de mundos outros, matéria para a produção de modos de vida. Palavras que se fazem nas derivas, nos flertes, nos encontros, em de-vir: encontros porvir.

Referências:

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia. Caio Souto: conversações filosóficas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQ3NrUoZGA8>. Acesso em: 03 fev. 2022.

A PAIXÃO de JL. Direção: Carlos Nader. Documentário: Brasil, 2015, cor, 82'.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013a.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013b.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 28, n. 2, jul./dez., 2003, p. 101 – 115. Disponibilidade em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>>. Acesso em: 23 set. 2021.

RESENDE, Ricardo. Em busca de comunicação. In: Fundação Iberê Camargo (Brasil). Leonilson - Sob o peso dos meus amores. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. ESTAR VIVO: aprender. Criar Educação, Criciúma, v. 9, n. 3, p. 130, 3 dez. 2020. Fundação Educacional de Criciúma- FUCRI. <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v9i3.6354>.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de subjetividade, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.

SILVA, Lúcio Flávio Gondim da. A inespecificidade da palavra-imagem em Leonilson. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, [S. l.], v. 2, n. 22/1, p. 83–101, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3720>. Acesso em: 3 fev. 2022.

POSFÁCIO

Ensaio Possíveis, Ensaio Possíveis

Um pouco de possível, senão eu sufoco...
Gilles Deleuze - Um retrato de Foucault (2013, p. 135)

O filósofo francês Michel Foucault revolucionou o campo das humanidades a partir de suas instigantes escritas. Falecido em 1984, suas produções seguem inspirando reflexões teóricas em diferentes campos. Foucault escreveu sobre loucura, arte, prisão, amizade, cuidado, neoliberalismo, entre outros temas. Os estudos que atravessavam o seu trabalho de vida eram as questões em torno da formação do sujeito, dos processos de subjetivação e das relações de saber e poder.

Por mais que o trabalho do filósofo não tenha focado tão diretamente nas dimensões de ensino e da escola, as teorias foucaultianas seguem como marco nas perspectivas educacionais, abrindo caminhos para pensamento e atuação inusitados às relações de saber e poder, aos processos de subjetivação e, sobretudo, à vida. Sobre o trabalho de Foucault, Gilles Deleuze (2013) afirma na célebre entrevista “Um retrato de Foucault” que “O pensamento jamais foi questão de teoria. Eram problemas de vida. Era a própria vida” (DELEUZE, p. 135).

Nesse sentido, Deleuze (2013) coloca ainda que “um pouco de possível, senão eu sufoco” (p. 135). Foucault precisou de possíveis para não sufocar na dureza que se apresentava no mundo. O pensamento, a teoria e o trabalho acadêmico funcionaram também como criação de possíveis, linhas de fuga para respirar. “Há algo essencial de um extremo a outro da obra de Foucault: ele sempre tratou de formações históricas [...] mas sempre em relação a nós, hoje” (DELEUZE, 2013, p. 135). A atualidade do trabalho de Foucault segue vibrando e nos contagiando, assim como o desejo pelos possíveis.

Inspirados nisso, nos colocamos atentos aos encontros que tivemos com produções artísticas e no que ressoava a partir delas, em conexões potentes e prenas de possíveis que acontecem no meio: entre Filosofia-Arte-Educação. O pensamento foucaultiano nos infectou, feito vírus, abrindo caminhos para

ensaios que se mostraram possíveis.

Jorge Larrosa (2004) disserta acerca de uma “operação ensaio”, a partir do trabalho de Foucault. Sobre o ensaio, Larrosa (2004, p. 32) afirma que é “a forma mais variada, mais protéica, mais subjetiva” da escrita e do pensamento, sendo uma “atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita”, um modo experimental do pensamento, da escrita e da vida em permanente metamorfose.

Quando falamos em arte, geralmente, pensamos em obras presentes em museus, galerias, centros culturais e, principalmente, relacionadas a algum gênio da humanidade. Existem expoentes artísticos geniais no decorrer da história da arte, como Leonardo da Vinci em Milão, na Itália, ou Aleijadinho nas cidades históricas de Minas Gerais, no Brasil. Porém, a maioria dos artistas tem as suas inspirações a partir de muita técnica e estudo, além dos que possuem o “dom” para aquela determinada arte (REIS, 2010). Gombrich (2013) afirma que ninguém sabe como a arte começou, assim como não se sabe a origem das mais diversas formas de linguagem. Assim, “a história da arte é repleta de significados e expressões para uma linguagem de entendimento, geralmente, subjetiva” e que a arte “é uma forma que o homem encontrou para expressar-se através de suas produções” (SOUSA JUNIOR, 2021, p. 56).

A linguagem artística está presente ao longo dos processos de constituição do ser humano e, mais do que a possibilidade de representar, apresenta-se como experimentação e vazão dos fluxos de vida que os constituem como tal. Desse modo, múltiplas formas de artes existem, como as artes visuais, a pintura, gravura, desenho, escultura, cerâmica, arquitetura, fotografia e cinema. Isso sem falar em outros estilos artísticos como música, dança, poesia, literatura, arquitetura e até mesmo outras formas artísticas como joalheria, esmalteria, mobiliário e tapeçaria, chegando até os objetos decorativos e o artesanato. Ou seja, são múltiplas as possibilidades em que a arte se expressa, pois os humanos também são múltiplos.

Nesse sentido, podemos ousar dizer que Foucault foi um artista da filosofia que trouxe em seus escritos múltiplas reflexões aos seus leitores, provocando sensações similares a um espectador que aprecia uma obra de arte, experimentando-a, afetando-se por este encontro entre corpo e obra. Pelo encontro entre leituras foucaultianas, degustações artísticas e experimentações em escrita, colocamo-nos a ensaiar, habitamos nas palavras, territórios de vida.

Esperamos que vocês tenham degustado conosco as leituras presentes neste livro. São ensaios possíveis em “uma incessante problematização e re-problematização de si mesmo” (LARROSA, 2004, p. 32). São palavras de um tempo, de um território, de experiências singulares, visto que “o ensaio também é, mesmo que de outra forma, palavra no tempo, pensamento no tempo. Poderíamos dizer que o ensaísta pensa e escreve sabendo-se mortal, sabendo que tanto suas palavras como suas ideias são mortais e que, talvez por isso, estão vivas” (LARROSA, 2004, p. 33). Que estas palavras sigam ressoando em vocês, em nós, nas potências e nos possíveis que habitam nos questionamentos, na arte, na filosofia e na educação, possibilitando que ensaiemos, dia após dia, formas outras de viver, de criar e de habitar o mundo.

Tiago Amaral Sales

Biólogo, Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduando em Pedagogia, especialista em Pedagogia Universitária. Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES.

Manuel Alves de Sousa Junior

Biólogo, Historiador, Doutorando em Educação pela Universidade de Santa Cruz, MBA em História da Arte, Professor do IFBA campus Lauro de Freitas. Bolsista PROSUC/CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação e do Observatório de Biopolítica.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 1046 p.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 28, n. 2, jul./dez., 2003, p. 101 – 115. Disponibilidade em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>>. Acesso em: 23 set. 2021.

SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de. UMA LEITURA BIOPOLÍTICA DE PINTURAS DA HISTÓRIA DO BRASIL. **Revista de Humanidades**,

Tecnologia e Cultura, Bauru/SP, v. 10, n. 2, p. 55-68, dez. 2021. Disponível em: https://8d6b9f8a-910d-4c0e-8e2d-f6c0ea7c677c.filesusr.com/ugd/c3eb-cb_eac704399f3a4712ab52ee610980702a.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.

REIS, Eliana Vilela. **Manual Compacto da Arte**. São Paulo: Editora Rideel, 2010. 168 p.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Manuel Alves de Sousa Junior



Doutorando em educação na UNISC e Mestre em Bioenergia pela UniFTC Salvador (2011), Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Católica do Salvador (2002), graduação tecnológica em Segurança do Trabalho pela UNIASSELVI (2016), Graduação em Licenciatura em História pela UNIJORGE (2020), MBA em História da Arte pela Estácio (2020) e Especialização em Análises Clínicas pela UCSal (2004). Atualmente é servidor público efetivo como professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) campus Lauro de Freitas/BA. Possui experiência na docência do ensino superior no IFBA, e em diversas Instituições de Ensino Superior privadas, tendo atuado também na docência em diversos cursos técnicos e outras modalidades, sobretudo no IFBA, além de cursos de Formação Inicial e Continuada e cursos de extensão. No IFBA tem plena atuação em ensino, pesquisa, extensão e gestão. Possui capítulos de livros, artigos publicados em periódicos e também diversas publicações em eventos. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/ UNISC Identidade e Diferença na Educação e do Observatório de Educação e Biopolítica - OE BIO. Membro do NEABI - IFCE campus Umirim. E-mail - manueljunior@ifba.edu.br

Tiago Amaral Sales



Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU), Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU), especialista em Pedagogia Universitária pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atualmente, é doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU) e graduando em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Possui experiências no Ensino de Ciências e Biologia em espaços formais (escolas) e não formais (museus), em educação ambiental, nos estudos das interfaces entre biologia, filosofia, arte e culturas, em corpo, gênero e sexualidade, como também na área de ecologia. Participa do UIVO: Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS: Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Pesquisa, escreve e produz nas conexões entre educação, biologia, arte, cultura, corpo, desejo, afeto e vida, permeado pelas Filosofias da Diferença.

